

**UNIVERSIDADE ABERTA**



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**MÚSICA: ENCANTAMENTO E DEVIR CRÍTICO**

**Jefferson Silva Queiroz**

**MESTRADO EM ARTE E EDUCAÇÃO**

**2017**

**UNIVERSIDADE ABERTA**



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**MÚSICA: ENCANTAMENTO E DEVIR CRÍTICO**

**Jefferson Silva Queiroz**

**MESTRADO EM ARTE E EDUCAÇÃO**

2017

## RESUMO

De que maneira é possível pensar experiências de aprendizagem? Deleuze e Guattari respondem que pensar é deixar-se violentar pelas circunstâncias ora de caráter interno e externo que ocorrem constantemente com os vivos; ora pelo envolvimento natural que tenho com o outro que se põem de (in) voluntariamente diante de mim. Ao utilizar a investigação ação como método para análise qualitativa, foi desenvolvido com os (as) alunos (as) uma proposta metodológica inovadora de trabalho pedagógico, que acabou por transformar a sala de aula em um laboratório experimental para relações horizontais de ensino-aprendizagem. O devir-músico que há em cada um (a) ainda que sumariamente, emergiu através dos afetos produzidos pela escuta e leitura das canções escolhidas. Aprender extrapola os domínios territoriais de cada indivíduo, ora em busca de um porto seguro, ora em direção aos novos territórios de saberes, ora ainda retornando repleto de novidades para seu território diferenciado pelas experiências das complexas viagens sonoras. O contato, portanto, com o mundo que não é seu irá potencializar seu espírito crítico.

**Palavras-chave:** Música, Rizoma cartográfico, Ritornelo, Espírito Crítico.

## **ABSTRACT**

How can you think of learning experiences? Deleuze and Guattari respond that thinking is to let oneself be violated by the circumstances of internal and external character that constantly occur with the living; sometimes because of the natural involvement I have with the other who voluntarily or involuntarily stands in front of me. Using the case study as a method of qualitative analysis, it was developed with the students an innovative methodological proposal of pedagogical work, which turned the classroom into an experimental laboratory for horizontal relations of teaching and learning. The becoming-musician in each one, although summarily, emerged through the affections produced by listening and reading the chosen songs. Learning extrapolates the territorial domains of each individual, sometimes in search of a safe port, sometimes towards the new territories of knowledge, or still returning full of news for its territory differentiated by the experiences of complex sonorous wandering. The contact, therefore, with the world that is not yours will potentiate your critical spirit.

**Palavras-chaves:** Music, Cartographic Rhizome, Ritornelo, Critical Spirit.

## **DEDICATÓRIA**

A minha mãe, Célia avós maternos a quem devo a vida e o orgulho por acreditar que a vida vale a pena ser vivida todos os dias.

A minha amada e preciosa esposa **Margarida** que ao longo de tantos anos juntos sempre soube me valorizar e apoiar minhas decisões, e a quem dedico esta dissertação, pois nossas vidas consiste em uma constante desterritorialização de certezas, e reterritorializações de intensos afetos.

A minha filha **Sofia** fruto do mais puro sentimento de cumplicidade e responsável por me sentir uma pessoa melhor a cada dia.

Aos meus queridos (as) alunos (as) do terceiro ano do Ensino Médio matutino do Colégio Tiradentes que ao longo de um ano compartilharam comigo desta partilha de saberes e souberam acolher prontamente o pedido para fazerem parte da execução deste projeto repleto de rizomas, ritornelos e devires. Por termos realizado várias desterritorializações e reterritorializações repletas de vidas, meu muito obrigado.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que sempre me mostrou o caminho correto e concedeu-me coragem para não fraquejar, pois tudo colabora para o bem daqueles que o amam.

Ao Professor Doutor Vasco José Rocha Moreira Capelo Nobre meu orientador, pela dedicação e empenho em oferecer seu tempo, seu conhecimento e boa vontade em me direcionar às reflexões saudáveis e proveitosas sempre buscando lapidar saberes em construção. Muito obrigado!

Aos professores que ministraram aulas, tanto sob a modalidade presencial quanto na modalidade EAD que foram de extrema importância na minha formação acadêmica. Sou imensamente grato pelas várias experiências oportunizadas durante o mestrado em Arte e Educação na UAB-PT Universidade Aberta de Lisboa.

Ao professor Doutor Amílcar Martins que me acolheu solícitamente na cidade de Santarém para uma semana profícua de estudos e mágicas experiências com os diversos ArteNautas viajantes que ao mesmo tempo em que carregam, deixam consigo as marcas territoriais de e por onde passam.

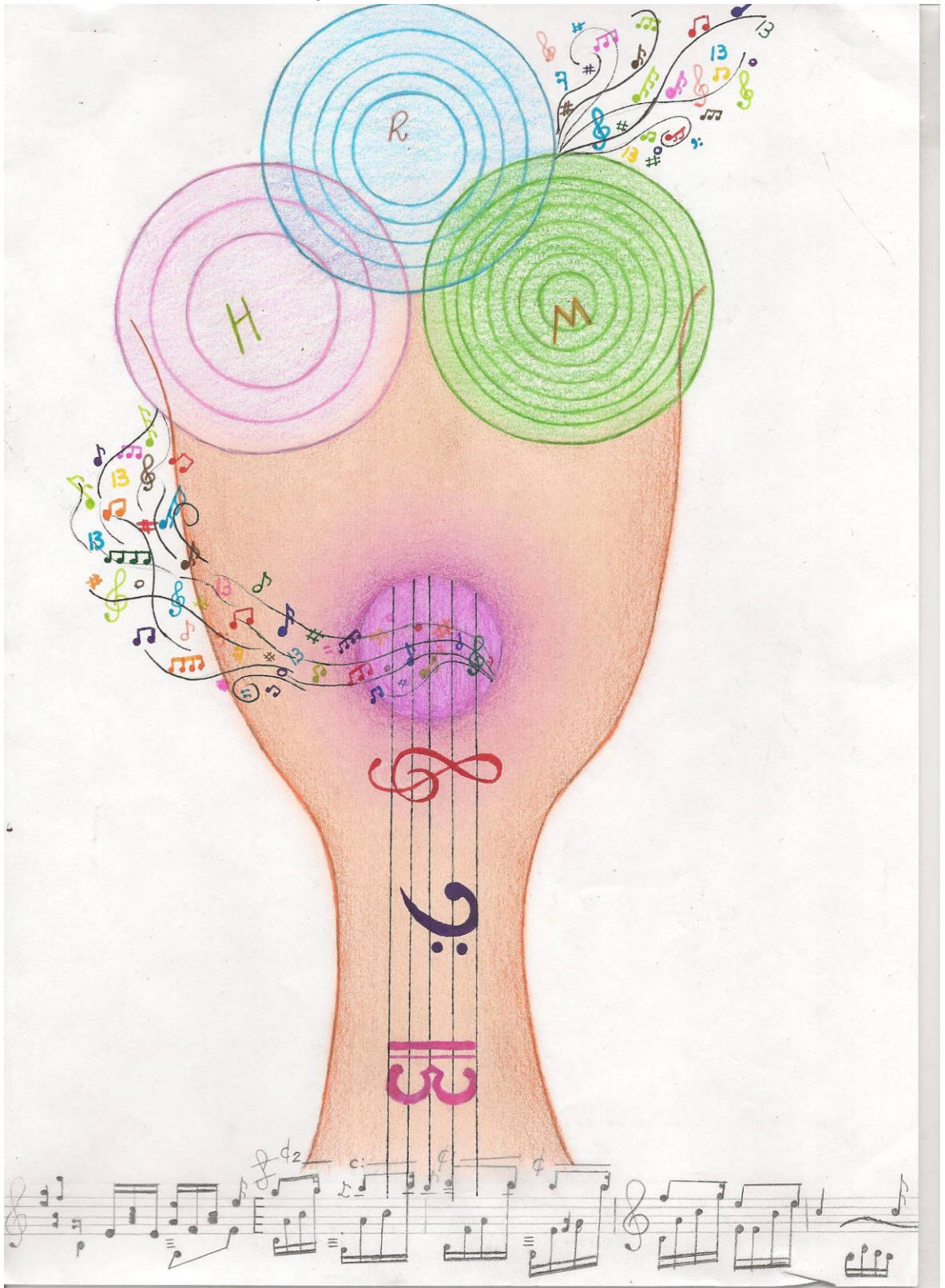
Aos meus amigos, Altair de Souza Carneiro e Daniele, presentes e pelo qual tenho preciosa estima e admiração pela competência e disposição em poder dispor do seu tempo e do seu conhecimento para com carinho e firmeza se colocarem no meu caminho para caminhar em juntos comigo.

As amizades criadas em Santarém que fizeram e fazem parte do meu horizonte de vida acadêmica e pessoal, obrigado pelas partilhas vibrantes.

## ÍNDICE GERAL

<b>RESUMO .....</b>	<b>3</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>4</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
1.1 INVESTIGAÇÃO AÇÃO.....	18
1.1.2 PROBLEMÁTICA E OBJETO DE ESTUDO .....	21
1.1.3 FOCOS GERADORES DA PESQUISA .....	22
1.1.4 QUESTÃO CENTRAL .....	22
1.1.5 OBJETIVO PRINCIPAL DA PESQUISA .....	22
1.1.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA .....	22
1.1.7 OBJETIVO PRINCIPAL DE INVESTIGAÇÃO .....	23
1.2 ESTRUTURA DA PESQUISA .....	23
1.2.1 POPULAÇÃO .....	24
1.2.2 AMOSTRA .....	24
1.2.3 VARIÁVEIS.....	25
1.2.4 INSTRUMENTOS.....	25
1.2.5 QUESTIONÁRIOS/OBSERVAÇÃO .....	25
1.2.6 ANÁLISE DE DADOS .....	26
1.2.7 <i>Cronograma:</i> .....	27
<b>CAPÍTULO II – O INDIZÍVEL DAS PALAVRAS – A POTÊNCIA DOS SONS.....</b>	<b>28</b>
2.1 A IMPORTÂNCIA DO SOM .....	28
2.2 O QUE É MÚSICA? .....	29
2.3 COMPONENTES DA MÚSICA.....	32
2.4 A MÚSICA NA ANTIGUIDADE.....	32
2.5 MÚSICA – A CONSCIÊNCIA INVOLUNTÁRIA .....	34
2.5 OS TERRITÓRIOS HUMANOS .....	39
2.6 RIZOMA .....	42
2.7 RITORNELO .....	47
2.8 A (IN)VOLUNTARIEDADE NO ATO DE CRIAR.....	49
<b>CAPÍTULO III – IRONIA SOCRÁTICA – A ARTE DA DESTERRITORIALIZAÇÃO .....</b>	<b>54</b>
3.1 CARTOGRAFANDO AS CANÇÕES.....	54
3.2 MÚSICA: ENCONTRO DE SABERES DESTERRITORIALIZANDO-SE .....	64
3.3 O PRAZER QUE VEM DA ESCOLHA .....	68
3.4 CRIANDO PARÓDIAS .....	71
3.5 A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO.....	71
3.6 PROCESSO PARA ANÁLISE DE DADOS .....	75
3.6.1 <i>Análise de desempenho e aprendizagem</i> .....	75
<b>CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>86</b>
<b>WEBGRAFIA .....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS PRIMÁRIAS .....</b>	<b>92</b>

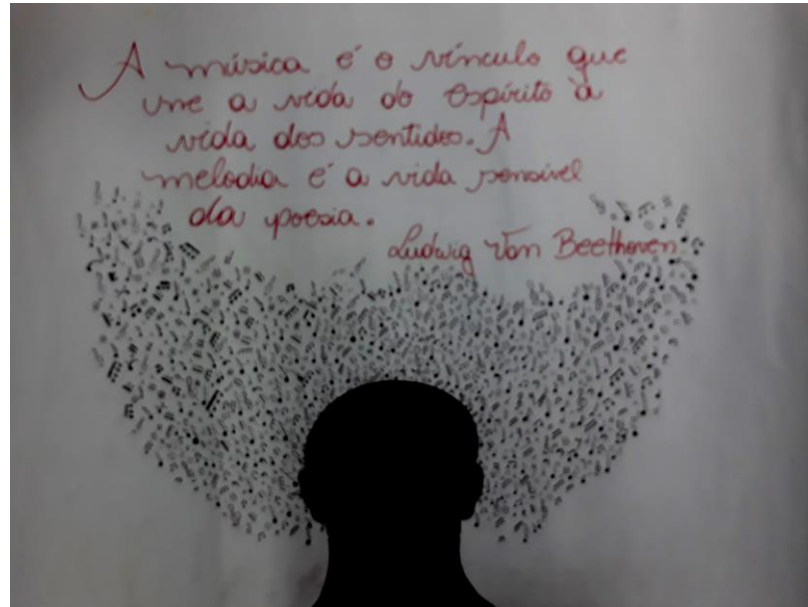
<b>BIBLIOGRAFIAS SECUNDÁRIAS:</b> .....	<b>94</b>
<b>ANEXO – 01 ÍNDICE DE DESENHOS</b> .....	<b>97</b>
<b>ANEXO – 02 ÍNDICE DE FIGURA</b> .....	<b>98</b>
<b>ANEXO 03 - ESCOLHA DAS CANÇÕES</b> .....	<b>99</b>
<b>ANEXO 04 – ENTREVISTA COM PROFESSORAS</b> .....	<b>100</b>
<b>ANEXO – 05 BIOGRAFIA DO RENATO RUSSO</b> .....	<b>102</b>
<b>ANEXO - 06 MAPAS CONCEITUAIS</b> .....	<b>103</b>
<b>ANEXO – 07 MÚSICAS E ATIVIDADES</b> .....	<b>105</b>

**Desenho 01 – Oficina transcrição musical**

Fonte: Aluna Keren Aleixo Labs

## INTRODUÇÃO

### Desenho 02 – A música



Fonte: Aluna Keren Aleixo Labs

Esta dissertação teve como mola propulsora a percepção cotidiana de educadores (as) que lecionam em escolas públicas de Ensino Médio da cidade de Umuarama – Paraná. Esses educadores, onde estou também incluso enquanto sujeito-objeto, comentam durante a hora-atividade, a hora do intervalo, os conselhos de classe e momentos oportunos, sobre o desinteresse dos (as) alunos (as), no conteúdo escolar. Diante das inquietações constantes dos (as) colegas educadores (as), surgiu a questão que motivou o presente trabalho. Com a pergunta: É possível inovar na prática metodológica para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais atraente e eficaz? Surgiu uma possível resposta, utilizar a música como instrumento de sensibilizar, problematizar e conceituar por meio do diálogo em sala os termos utilizados além de questioná-los para então alcançarmos a maturidade crítica sobre a realidade vigente.

A metodologia tradicional, onde o professor se vale do livro didático, de textos previamente selecionados e da explicação oral em sala, ainda é amplamente utilizada no cotidiano docente em salas de aula no Brasil, contudo é preciso desenvolver práticas que

sejam capazes de contribuir para a melhora da compreensão e participação dos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem. Segundo Castoldi e Polinarski (2009), um número considerável de professores receia utilizar metodologias alternativas à tradicional (quadro, giz, explicação oral e uma avaliação com questões objetivas e/ou subjetivas) que se ampara em um documento que comprove seu ensino e justifique a nota obtida pelo discente.

Ainda olhando o processo de ensino-aprendizado, temos o próprio sistema que limita as novidades pedagógicas, por inúmeros motivos, como a falta de recursos financeiros disponíveis para viagens a lugares que contemplem o que eles (as) estão aprendendo nos livros ou ainda que auxilie na expansão do horizonte de leitura e interpretação de mundo; falta recurso para a construção/adequação de ambientes diferenciados (temáticos) com a capacidade de gerar estímulos e oferecer instrumentos didáticos pedagógicos que visem tornar a prática docente mais interessante e envolvente; falta qualificação efetiva do docente para que sua prática seja fundamentada em uma sólida educação à qual vise à formação integral do (a) aluno (a) como um indivíduo a ser inserido não apenas no mercado de trabalho ou em um curso superior, mas uma pessoa capaz de respeitar e seguir as regras sociais de forma internalizada.

Diante de um quadro de desinteresse e/ou pouco rendimento surgiu a ideia de inovar no processo metodológico sem, no entanto comprometer os conteúdos estruturantes obrigatórios, presentes na LDB 9394/96. Vejamos o que nos fala a Lei de Diretrizes da Educação do Brasil. Citando o primeiro artigo e o segundo parágrafo do mesmo, podemos perceber qual a finalidade que a educação deve intentar em todas as suas dimensões:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

A integralidade não pode ficar restrita, única e exclusivamente à prática do ensino/aprendizado, mas a um conjunto de forças: Estado, Família e Escola em função de uma prática de educação onde viabilize vetores de desterritorialização e reterritorialização como nos exemplificam os autores que serão os norteadores teóricos desta investigação, Deleuze e Guattari:

qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. E muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. A árvore linguística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (1995a: 15).

Ao lermos o segundo artigo proposto pela LDB, portanto, fica clara a importância inerente do papel da família e do Estado para o alcance da finalidade proposta. Deste modo, o Art. 2º. fala que a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Formar territórios é um ato natural resultante de atividades que conferem segurança à existência humana. O ser humano se constitui mediante uma teia de relações que são geridas a partir de um entrelaçamento de agenciamentos. Como afirma Félix Guattari no livro “Micropolítica: Cartografias do Desejo”:

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (Guattari e Rolnik, 1986: 323).

O que é educar? Esta pergunta é o pressuposto para o desenvolvimento de atividades referentes ao ensino-aprendizado. Segundo, Paulo Freire (1921-1997), educar é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem onde o professor, tanto ensina quanto aprende por meio da experiência. Juntos, aprendem em um encontro democrático e afetivo de saberes, em que todos podendo se expressar aprendem uma multiplicidade de saberes (econômico, político, social, familiar, afetivo, crítico, etc.).

Ao pensar no que e como aplicar um instrumento metodológico alternativo e observar os (as) adolescentes entre 16 e 18 anos, foi constatado que o instrumento mais adequado seria a música, pois está presente no mundo da vida da maioria deles (as) durante boa parte do dia, além do fácil acesso aos mais diversos aparelhos eletroeletrônicos, somado ao poder de encantamento natural que a música exerce sobre seus ouvintes, nasceu a ideia de trazer

para dentro da sala este instrumento para ser utilizado como um recurso didático-pedagógico ao processo de ensino/aprendizagem.

Dito isto, é preciso responder pergunta sobre o que é aprendizagem? Quando pensamos com Deleuze e Guattari, descobrimos que pensar não é uma ação espontânea, mas uma ação de violência, de algo ou alguém externo sobre o meu “Eu”. A ação de pensar (sofrer ou praticar violência) consiste numa passagem *entre-deois*, por isso, o pensamento está sempre em devir, ou seja, produzindo forças desterritorializantes que formam linhas de fuga, saída do território em busca de novos territórios para realizar experiências, encontros, conexões. Pensar, portanto, consiste numa busca pelo inexistente, pelo ainda-não; contudo ao ser convocado à confrontação me sinto impelido a responder ao apelo do outro, e aos seus desejos. Aprender a pensar é um exercício transcendente, pois:

Sabe que pensar não é inato, mas deve ser engendrado no pensamento. Sabe que o problema não é dirigir, nem aplicar metodicamente um pensamento preexistente por natureza e de direito, mas fazer com que nasça aquilo que ainda não existe (não há outra obra, todo o resto é arbitrário e enfeito). Pensar é criar, não há outra criação, mas criar é, antes de tudo engendrar, “pensar” no pensamento (Deleuze, 1988: 243).

Deste modo, desejar é formar blocos de relação onde há saída e entrada de conteúdos, há desterritorialização e reterritorialização com significados únicos, ímpares capazes de proporcionar horizontes de saberes. O prazer e a paixão pela leitura estão atrelados às experiências de sentido realizadas pelos indivíduos que as praticam. Apaixonar-se pela leitura é um desafio diário. Somos seres dotados de consciência e potencialidades frente ao mundo de possibilidades que se abre perante nós quando desejamos algo. Desenvolver tarefas que estimulem o interesse e a prática pela leitura dos (as) alunos (as) do Terceiro Ano A do Colégio Tiradentes de Umuarama – Paraná transformou-se em necessidade didático-pedagógica. Para melhorar o rendimento escolar e crítico-social acerca de sua condição no mundo foi repensado o conceito de aprendizado. O ensino-aprendizado ocorrerá em uma sala horizontal onde ninguém se colocaria como detentor do saber, mas como aqueles que buscam interdependentemente construí-lo por meio da participação espontânea e voluntária dos (as) alunos (as). Para tal as relações serão entendidas como um devir-aluno (a) ou ainda um devir-músico (a), assim vejamos:

Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva

chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta 'o que você devém?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos. (Deleuze, 2005: 24).

O processo de ensino-aprendizagem é contínuo e dinâmico, não possui começo ou fim, ele acontece através de, por entre. Afetamos e somos afetados pelos inúmeros territórios encontrados e confrontados. Nos desterritorializamos e reterritorializamos sem nos dar conta da extensão destas ações involuntárias sobre os envolvidos. Este movimento é duplo, pois ao mesmo tempo em que nos convida a sair leva de nós atravessamentos, agenciamentos que irão proporcionar mudanças, crescimentos, encontros e desencontros com possibilidades de existências.

O ambiente da sala de aula se faz em meio a uma relação complexa de pessoas. Cada aluno (a) carrega consigo uma gama de sentimentos, valores, aprendizados, desejos, frustrações e certezas. Por um curto período de sua existência irão realizar experiências múltiplas capazes de orientá-los (as) para seu futuro. Apresentar possibilidades para poderem fazer escolhas é uma das tarefas dos educadores. Criar um horizonte de possibilidades através de provocações suscitadas por letras de canções acreditando que para cada certeza existem outras tantas está implícito no conceito de Devir proposto por Deleuze.

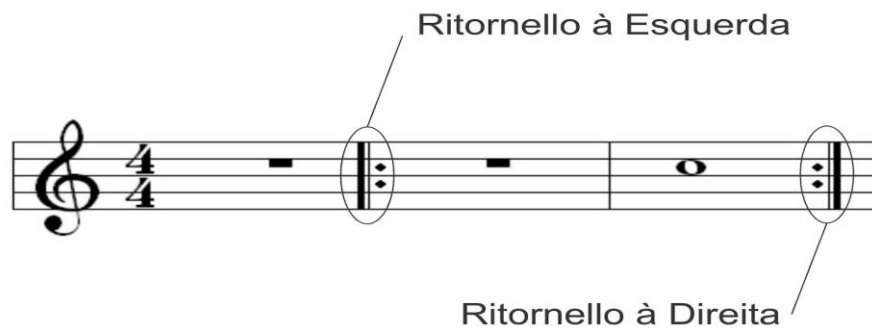
Cada pessoa traz consigo uma história de vida, um território ao qual se instalou ao redor da sua terra, seu porto seguro, sua moradia, sua forma de apresentação ao mundo. Quando entramos em contato com outras terras somos convidados a compartilhar, a atravessar pelo território alheio ao nosso, mas que naquele momento e a partir dele seremos mutuamente afetados por sentimentos e experiências provindas das inúmeras vivências oriundas de cada um (a).

No texto intitulado Deleuze, Músico somos convidados a pensar a música como a arte de conciliar velocidades, intensidades e não entender ou praticar a metrificação acerca do intervalo entre os sons. A música fornece a tríade do tempo, tornado possível passado, presente e futuro se relacionarem simultaneamente. Na primeira síntese ele trata do presente vivo e o hábito, que seria o prolongamento da atividade criadora musical, onde a preocupação é a contemplação da ação enquanto ação; na segunda síntese, o passado puro

e a memória, é a maneira pela qual o tempo encontra para se perpetuar na história, acontece à atualização do decorrido, tornando possível perceber que está acontecendo o que já aconteceu simultaneamente e a partir de então manter parâmetros de sua funcionalidade; na terceira síntese, a forma vazia e o Eu fendido, encontra-se a forma vazia do tempo, o pensamento sem imagem, aquele movimento capaz de oferecer conteúdos desterritorializados, imersos na mais pura forma de liberdade, isenta de qualquer imagem moral postulada por visões antecipadas das experiências, do mundo da vida. Sendo assim o conhecimento ultrapassa a métrica, a quantificação e se dilui no ritmo, na pulsação, nas velocidades, intensidades e durações das experiências de vida.

A música possui em si uma característica peculiar, a de fomentar sentimentos. Em situações de medo, dor e sofrimento, formaturas ou cerimônias ritualísticas, apresentações ou festas de aniversários, como instrumento de cura ou como instrumento possibilitador de uma metodologia de ensino diferenciado, enfim, seja qual for a finalidade à que a música se incline ela pode ser a base ressignificante do mundo, uma vez que ela está inserida em um contexto (histórico, humano, social, político, religioso, econômico). Ao ouvir, ler, cantar, tocar ou interpretar realizo um evento sociocultural. O Ritmo musical produz sensações e emoções que une pessoas por meio das batidas coordenadas harmonicamente que por sua vez criaram uma melodia sonora capaz de encantar, acalmar, alegrar e seduzir as pessoas ouvintes ou sentintes. Em *Mil Platôs* (2005: 99) “A música tem sede de destruição, todos os tipos de destruição, extinção, quebra, desmembramento”. Por isso o conteúdo da música é o Ritornelo, ou seja, barras de repetição usadas à esquerda e à direita do trecho que se deseja repetir. Repetir não é fazer o mesmo, mas criar a partir do já existente, adaptando os traços, compassos, ritmos, frequências, harmonias, melodias, duração, velocidades, intensidades. Ir de um lado a outro é um exercício de desterritorialização em outro território, que está sempre apto, ainda que não saiba, a ser territorializado por linhas que lhe atravessam em várias direções, com inúmeros significados imprecisos que irão ganhar sentido quando após a desterritorialização se reterritorializarem mantendo o *diferente do mesmo*. Assim podemos entender a relação intrínseca entre ritornelo e música que Deleuze descreve em seu livro com Félix Guattari, *Mil Platôs* Vol. 4, veja figura abaixo.

**Figura 01 – Ritornelo à esquerda**



Disponível em: <http://harmonizandoideias.blogspot.com.br/2012/03/7-barras-de-compa-ssó.html>. <acessado em 09/05/2017>

O movimento realizado pelo ritornelo sempre acontece mediante pares. O processo educacional neste sentido pode acontecer por confrontação entre o atual e o antigo, entre a descoberta e o oculto, entre a certeza e a dúvida. Portanto, não é uma estrutura rígida, mas sempre aberta e receptiva aos encontros e desencontros provocados pelos agenciamentos territoriais.

Portanto, a contribuição que o ritornelo contém em si é natural em seu funcionamento, mas complexa em seus alcances, uma vez que não é possível medi-los, pois saímos do nosso território e encontramos outros tantos no caminho, encontros estes que vão organizando formas de agir e existir no mundo num primeiro momento, porém é inevitável o diálogo com outras existências e assim a ampliação desproporcional do próprio território.

A dissertação está dividida em IV capítulos, que serão brevemente apresentados a seguir:

No capítulo I será desenvolvida a metodologia, a investigação ação, que orientará qualitativamente, processos e direções a serem percorridas sob o prisma da liberdade criativa e experimental. Um cronograma identificará o passo-a-passo das atividades realizadas. Por fim uma apresentação do local e do público foco, a coleta de dados, o

relatório de desempenho, os instrumentos, o questionário diagnóstico para detectar o gosto e o tipo de interesse musical de cada aluno (a) e uma análise dos dados coletados.

O capítulo II trata da fundamentação teórica do projeto que está pautada em Gilles Deleuze e Félix Guattari a partir dos conceitos fundamentais que serão utilizados para o desenvolvimento desta metodologia: o Devir, o Rizoma e o Ritornelo que irão permear toda a fundamentação e discussão, assim como a cartografia, que fundamenta o método desta investigação, dando suporte à posterior análise do trabalho desenvolvido com os alunos (as), bem como o conceito de rede que demonstrará o quanto os adolescentes estão conectados e interessados em se relacionarem com universo da música.

O capítulo III relata as atividades desenvolvidas com os alunos que, embora tenham tido a música como foco principal, fizeram-se valer de outras expressões artísticas e outros recursos pedagógicos como produções de texto, charges, paródias, pesquisas biográficas, etc. É salientada também neste capítulo, a importância da contextualização das informações pesquisadas, tendo na internet tanto uma das principais fontes de acesso à música quanto um recurso alternativo ao material impresso para estudo dos conteúdos propostos pelas diretrizes curriculares e transcritas no PTD (Plano de Trabalho Docente). Por fim veremos o rizoma acontecendo, ou seja, a proposta que vai ganhando direções incontáveis, sem a preocupação de limitar a criatividade, a ação livre, o momento individual e coletivo da turma em função de caminharem se agenciando com o que encontram desterritorializando e reterritorializando em novos territórios.

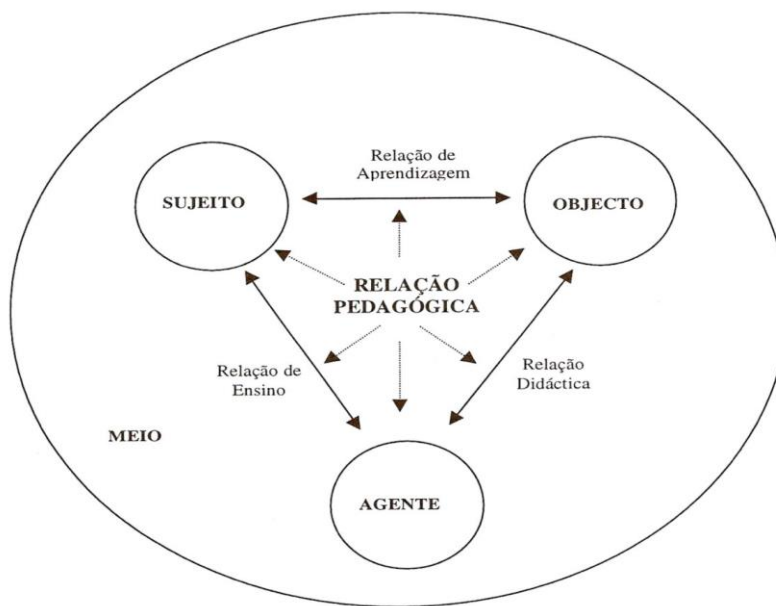
No capítulo IV seguirá as considerações finais, nelas estarão os encontros e reencontros promovidos pelas práticas rizomáticas que sob a ótica de Deleuze e Guattari, interpretam os possíveis sentidos dentro do processo didático-pedagógico desenvolvido ao longo do ano escolar para melhorar a participação, o interesse e o espírito crítico dos (as) alunos (as) enquanto indivíduos engajados na sociedade.

## CAPÍTULO I – METODOLOGIA

### 1.1 Investigação ação

#### Modelo orientador da pesquisa – Pólos do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre

O modelo de Renald Legendre que nos serve de linha orientadora à estruturação deste estudo é representado iconograficamente através da formulação visuo-plástica que se segue.




---

### 1. Modelo de relação pedagógica

A metodologia será a investigação-ação aplicada ao modelo pedagógico de Renald Legendre, que Parte da constatação de que existem quatro polos básicos para o desenvolvimento de uma relação pedagógica de ensino aprendizagem, a saber:

- **Sujeito** – o ser humano numa situação de aprendizagem;

- **Objeto** – a natureza, o conteúdo e objetivos dessa aprendizagem;
- **Agente** – o responsável pelo planejamento, animação e avaliação do processo de ensino, bem como da progressão e qualidade das aprendizagens, podem também considerar-se os recursos de apoio, humanos ou materiais (educador, professor, animador / jogos, brinquedos, livros, aparelhos, etc.);
- **Meio** – o contexto envolve o sujeito, o objeto e o agente; todo o ambiente educativo humano próximo (educador, família, comunidade local, comunidade internacional).

O desenvolvimento da pesquisa será feito dentro da sala de aula ao longo de três anos com adolescentes na faixa etária entre 15 e 17. Faremos a seleção de uma turma a qual durante três anos ou o tempo disponível realizará as atividades necessárias à conclusão do projeto. A divisão da pesquisa e execução do projeto seguirá o seguinte cronograma:

A escolha da metodologia investigação ação para realização deste projeto partiu do pressuposto que, desenvolver as habilidades cognitivas está entre as prioridades da educação escolar, onde é preciso entender que aprender é um processo contínuo e sempre inacabado. Respeitar o tempo interno, as motivações, as histórias individuais e os interesses que projetam conquistas devem constar entre os critérios componentes de avaliações. É sabido que no ambiente escolar a avaliação com base na nota é o critério adotado para aprovação ou reprovação dos (as) alunos (as), mas é verdade que, por outro lado a avaliação deve ser contínua e progressiva com fins à transformação social.

Foi a partir dessa perspectiva de possibilidade de mudanças diante da realidade dos alunos do 3º ano A que, enquanto caso específico desse estudo buscou-se verificar de modo situacional o desenvolvimento da turma a partir do uso da música na visão dos sujeitos envolvidos<sup>1</sup>. Segundo Stake (1995, p.4), “(...) não se estuda um caso para compreender outros casos, mas para compreender o caso”, por isso, a importância de ampliar horizontes e trazer à tona uma nova visão de mundo para os alunos em questão que, vivem em uma periferia e carecem de oportunidades.

Quanto ao método cartográfico utilizado como suporte para a análise, entende-se que cartografar é ligar territórios tornando-os agenciadores entre si de novas realidades. Um

---

<sup>1</sup> Ver os resultados da pesquisa.

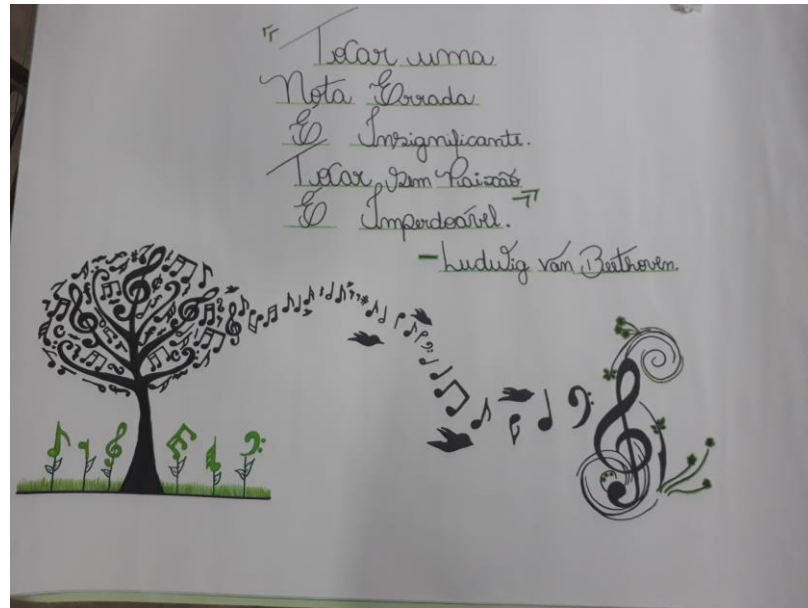
território quando estabelece relações com outro território estabelece uma conexão de proximidade, uma vizinhança com rotas de passagens, caminhos alternativos, possibilidades de criar novas formas de vida. A música cumpre esse papel, por isso Gainza (1988: 22) garante que “a música e o som, enquanto energia estimula o movimento interno e externo no homem; impulsionando a ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidades e grau”.

Quando utilizamos a música entramos em contato com intenções, emoções, vivências, épocas, apelos, expressões incontáveis, enfim um universo possível de leitura e interpretação, através de ritmo, melodia e harmonia, despertando o que há de mais puro no ser humano, a capacidade de sentir. O conhecimento humano pode seguir por vários caminhos, por isso:

O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado. (Fonseca e Kirst, 2003: 92).

Sendo a tarefa do cartógrafo (educador), propor linhas de passagens aos envolvidos no processo educacional, espera-se, com as práticas de atividades que envolvem músicas, despertar afetos que suscitem interesse pela leitura crítica dos textos acadêmicos e, conseqüentemente, da visão de sociedade que cada um (a) possui. Não há preocupação com o certo ou com o errado, tudo o que for expresso pela emoção, sentimento ou pelo pensamento é válido, pois todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.

Sendo assim as orientações presentes nesta dissertação, consistem em criar estratégias agenciadoras aos desejos humanos (alunos-alunas) de aprender dentro e fora da sala.



Fonte: Jessica Johansen

Santo Agostinho, expressa em *As Confissões*: “Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada.” (1964, XI, 14, 17). O tempo se estende ao passado e futuro. Somos no tempo e nele nos fazemos todos os dias. Ele diz:

Mas como o futuro, que ainda não existe, pode diminuir ou esgotar-se? Como o passado que não existe mais pode aumentar, senão porque no espírito, autor dessas transformações se realiza três ações: o espírito espera, está atento e se recorda. O objeto de sua espera passa pela atenção e se transforma em lembrança. Com efeito: quem ousará negar que o futuro ainda não existe? Contudo, a espera do futuro já está no espírito. E quem poderá contestar que o passado já não existe? Contudo, a lembrança do passado ainda está no espírito. (AGOSTINHO, 1964, XI, 28, 1).

### **1.1.2 Problemática e objeto de estudo**

Tendo com ponto de partida o pouco interesse pela metodologia de ensino convencional onde o professor se vale do livro didático, de textos previamente selecionados e da explicação oral em sala aliado às reclamações dos alunos que a aula acabava se tornando cansativa e monótona, provocando o desinteresse gradual e involuntário dos alunos surgiu a ideia de inovar na metodologia sem comprometer os conteúdos estruturantes obrigatórios, segundo a LDB 9394/96.

A problematização surgiu mediante a preocupação com a busca constante pelo aperfeiçoamento de técnicas didáticas/pedagógicas que fomentasse o interesse pelo conteúdo e a capacidade de leitura e avaliação crítica dos textos e conseqüentemente da realidade à qual pertencem.

### ***1.1.3 Focos geradores da pesquisa***

#### ***1.1.4 Questão central***

Como a música pode apontar formas de aguçar a sensibilidade, problematizar uma situação, suscitar o interesse pela pesquisa, instigar a criatividade e desenvolver a capacidade para a leitura crítica do mundo de vida?

#### ***1.1.5 Objetivo principal da pesquisa***

Propor práticas de ensino/aprendizado capazes de despertar o prazer e as condições favoráveis para o envolvimento e a participação nas atividades pedagógicas dentro da sala de aula.

#### ***1.1.6 Objetivos específicos da pesquisa***

Apresentar a música como um instrumento de ensino/aprendizagem, onde através da leitura contextual seja possível entender a realidade circundante;

Estimular o desenvolvimento da expressividade e criatividade dos adolescentes durante o ciclo do ensino médio a nível estético, intelectual e crítico.

Estabelecer relações entre a educação formal e as atividades musicais com caráter interdisciplinar, utilizando as duas metáforas (o provérbio chinês e o saltimbanco italiano) que dão suporte à relação educativa criando modos de existência.

Investigar a relação do conceito deleuziano de rizoma e a desterritorialização provocada pela música na produção humana de vida, tomando como referência músicas do cotidiano.

Desenvolver atividades pedagógicas de caráter interdisciplinar ligando-as às várias questões existências: identidade, pobreza, relações de poder, valores e formação do caráter, tendo como fim o questionamento dos pressupostos tidos como verdadeiros;

Retroagir, refletir, interpretar e integrar os resultados das pesquisas elaboradas dentro e fora da sala de aula ao longo do projeto.

### ***1.1.7 Objetivo principal de investigação***

Estimular o desenvolvimento nos (as) alunos (as) das habilidades abaixo elencadas:

- **Aprender ouvir:** tanto as canções quanto a existência do outro;
- **Lidar com o som, a curiosidade e o movimento:** somos pessoas sujeitas às mudanças provocadas pelo processo de desterritorialização e reterritorialização, por isso encontraremos nestas atividades conteúdos capazes de abrir caminhos alternativos sob a forma lúdica e ativa;
- **Estimular o prazer pela leitura e escrita:** nosso horizonte interpretativo se alarga conforme nos educamos para ouvir, sentir e expressar o que os sentidos e a razão permitirem, segundo o tempo de assimilação individual;
- **Entender que o tempo é a forma pela qual desenvolvemos a percepção da simultaneidade das coisas e sua sucessão:** o presente valida o passado e possibilita o futuro, logo vivê-lo com efetividade é condição para a autenticidade;
- **Compreender o sentido de contextualizar:** ler é sempre o ato de conhecer um ponto de vista. Contexto é o cenário que envolve os acontecimentos em questão, sejam eles: político, econômico, religioso, social ou histórico. Entrar em contato com pensamentos que vieram antes de nós é a base para o aprimoramento das competências necessárias ao aprendizado das diversas leituras da sociedade vigente.

## ***1.2 ESTRUTURA DA PESQUISA***

O projeto será composto por quatro etapas principais

- Diagnóstico e proposta de trabalho (ver cronograma);

- Pesquisa biográfica do compositor e fundamentação das canções recolhidas;
- Proposta de atividades com as canções (ver anexos);
- Apresentação, retroação e avaliação sobre a necessidade de continuação do projeto.

### ***1.2.1 População***

O Colégio Estadual Tiradentes atende uma população da classe trabalhadora de aproximadamente 13 bairros periféricos do Município de Umuarama – Paraná. Em suas dependências constam 4 blocos com 10 salas de aulas em funcionamento no período matutino, contendo aproximadamente 40 alunos (as) em cada sala de aula, sendo dispostos em Ensino Fundamental e Médio. Quanto aos alunos deste estabelecimento, muitos apresentam distorção de idade/série, sentem-se deslocados com isso, incomodam a dinâmica da sala de aula com atitudes de apatia, defesa e ataque.

Ainda, fazem parte de nossa comunidade escolar, alunos que contribuem com a renda familiar, mesclando o período de estudos com atividades laborais. Entre estes, ressalta-se que alguns alunos do Ensino Médio buscam o mercado de trabalho mediante estágios em áreas diversificadas através de convênios entre a escola e o Centro de Integração Escola/Estudante-CIEE. Por muitas vezes terem que trabalhar e acabarem reclamando da falta de tempo para se dedicar ao estudo, não fazem tarefas, nem sentem motivação para continuar estudando. Alguns dos muitos problemas de aprendizagem estão relacionados a evasão escolar, a distorção idade/série, a dificuldade em ter que trabalhar para ajudar no provento de casa, na incapacidade de relacionar os conteúdos estudados em sala com a vida prática.

### ***1.2.2 Amostra***

A turma escolhida para a aplicação do projeto foi a do 3º Ano A do Ensino Médio. As aulas no período matutino são ministradas em 50 minutos cada distribuídas conforme a matriz curricular (12 disciplinas para o Ensino Médio). A disciplina de filosofia possui 2 horas/aulas semanais totalizando 20 aulas por bimestre e 80 aulas anual. Esta turma composta por aproximadamente 23 meninas e 17 meninos foi diagnosticada como indisciplinada; alunos (as) que saem muito da classe durante as aulas; alunos (as) que

conversam muito paralelamente e atrapalham a concentração nos conteúdos ensinados pelos (as) professores (as).

### ***1.2.3 Variáveis***

Após conversas informais com os professores que ministram aulas para as turmas do Ensino Médio foram relatadas algumas dificuldades para uma prática pedagógica atraente sob o ponto de vista do interesse dos (as) estudantes. Duas causas foram apresentadas: a primeira foi em relação ao comportamento e interesse dos (as) alunos (as); o segundo ficou sob a responsabilidade dos (as) professores (as) que em número considerável utilizam metodologias pouco atraentes. Por outro lado, ao falar com os (as) alunos (as) estes também reclamaram dos mesmos fatores, reconhecendo a falta de interesse por um lado e a falta de diversificação nas dinâmicas de ensino por parte dos professores por outra. Os fatores escolhidos para serem desenvolvidos durante o ano letivo de 2016 com estudantes do Ensino Médio foram o desinteresse pela leitura, a indisciplina, a deficiência de espírito crítico (apatia) e o pouco (quase nada) envolvimento nas questões escolares e sociais.

### ***1.2.4 Instrumentos***

Para que os alunos fossem mais participativos, demonstrassem interesse, exercessem sua criticidade, foram pensados em vários instrumentos: a interdisciplinaridade; a prática de paródias; a análise de diversas letras de músicas sob o ponto de vista do autor/compositor, de analistas estudiosos deste autor/compositor; análise biográfica do cantor/compositor; aplicação dos passos do método científico nas análises; criação musical em cartolinas; expressão criativa dos sentimentos despertados a partir da escuta musical; apresentação cantada e tocada de algumas letras durante o período da aula.

### ***1.2.5 Questionários/Observação***

Foram realizados em momentos distintos e por vezes, concomitantemente os questionários, e a observação. Em um primeiro momento, para diagnosticar pelo que os (as) alunos (as) se interessavam foi aplicado um questionário sobre a relação que ele ou ela possuíam com

a música, a saber: o gosto, a frequência, os ambientes, o que costuma ouvir, relação e entendimento com as letras ouvidas, etc.

Também foi feito um levantamento, um questionário diagnóstico<sup>2</sup>, com professores do colégio sobre a música como instrumento de ensino-aprendizagem, o despertar do interesse dos alunos pelo uso da música e a possibilidade de utilizá-la de forma interdisciplinar para desenvolver diferentes atividades.

Durante a aplicação do projeto algumas observações foram sendo feitas sobre a participação e envolvimento dos (as) alunos (as) nas atividades destinadas a cada grupo. A partir de então, o projeto foi sendo direcionado de acordo com o interesse e as necessidades apresentadas pelos grupos.

### ***1.2.6 Análise de dados***

Utilizando a investigação ação analisamos as direções durante, as suas rizomatizações, conforme elas iam se desenhando e ganhando contornos, ampliando territórios e possibilitando formas novas de se fazer humano. Percebemos conflitos familiares que foram sendo repensados a partir de uma situação exposta na música País e Filhos de Renato Russo. Já na letra da canção Meu País de Zezé di Camargo levantou-se questões acerca do problema da corrupção, da violência aos direitos naturais, onde foram levados a refletirem sobre questões de ordem política, social e econômica.

Por outro lado, a cartografia também auxiliou na conscientização do quanto à assiduidade, o relacionamento, o interesse por um assunto é importante para acontecer os chamados devires onde os acontecimentos seguem caminhos por passagens composta de linha de fuga, rompimentos com comportamentos inadequados em relação à expectativa dos (as) professores (as), bem como a expectativa da escola que gira entorno do envolvimento e participação dos sujeitos da educação, presentes naquele estabelecimento de ensino.

Para entendermos o que a música pode contribuir para o processo de ensino/aprendizagem, precisamos primeiramente entender um pouco sobre o que é a música, seus componentes e sua relação com o desenvolvimento humano. Veremos a seguir uma breve

---

<sup>2</sup> Ver o questionário nos anexos.

contextualização da história da música, noções de ritmo, harmonia, melodia, som e conceitos pertinentes à nossa proposta.

### 1.2.7 Cronograma:

<b>ATIVIDADES</b>	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Ago	Set	Out	Nov
<b>Reunião/ Coleta de dados</b>	X								
<b>Pesquisa biográfica</b>		X							
<b>Leitura e partilha</b>			X						
<b>Apresentação das canções</b>				X					
<b>Criação musical</b>					X	X			
<b>Desterritorializando canções</b>							X		
<b>Cartografando as canções</b>								X	
<b>Análise de dados</b>									X

Fonte: Autor

Tabela 1.

## CAPÍTULO II – O INDIZÍVEL DAS PALAVRAS – A POTÊNCIA DOS SONS

O que enunciamos em palavras nunca é,  
em língua alguma, aquilo que dizemos.  
(Heidegger, A experiência do pensamento)

### 2.1 A importância do som

Os sons acontecem de diversas maneiras, seja por meio sólidos, líquidos ou gasosos. Por exemplo, em uma estação de trem pelo ar, caso coloque o ouvido próximo ao chão irá sentir vibrações emitidas por objetos sólidos; as baleias conseguem se comunicar emitindo sons dentro da água, neste caso o meio de propagação é líquido; o ser humano se comunica emitido sons que se propagam através do ar a longas distâncias permitindo que outras pessoas tanto da mesma vizinhança quanto de localidades mais distantes consigam compreender sua expressão. Para Bréscia (2003: 81) “[...] o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo”. Através do som aprendemos a nos comunicar com os outros, com a natureza e conosco. Por meio da decifração dos sons estabelecemos uma relação de autoconfiança e segurança dentro da sociedade, aprendemos identificar situações de perigo, situações de dominação, situações de prazer, situações de tensão, enfim os sons nos auxiliam na convivência harmoniosa enquanto seres vivos neste mundo.

Entre os sons encantadores, podemos citar como exemplo o mar que devido ao simples bater de ondas em pedras ou cavernas e a representação do som podem ser agradáveis ao ouvido ou assustadora, a depender de sua intensidade, vibração ou destruição do meio impactado, pode gerar calma, espanto, alegria, energia, renovação de energias, sensação de descanso. Sendo variadas as causas que possíveis que a música provoca, também serão variados os seus resultados, visto que os indivíduos afetados são únicos e com sentido para a vida, pessoal. Os sons musicais trabalham com as sensações, intenções e conceitos de um compositor, escritor primeiramente, mas depois ela se torna pública, acessível por quem se interessar ou entrar em contato involuntariamente.

Ao descobrir a variedade de sons e seus inúmeros significados nos primórdios, os homens começaram a criar seus próprios signos comunicativos. O principal órgão e mais acessível

naquele momento era a voz. Pela voz era possível atrair e afastar as presas, bem como as companheiras. Ao longo de sua história, tanto os animais, quanto os homens desenvolveram atividades instintivas, mecânicas (o sentir fome, medo, frio, entre outras) e atividades que dependem do aprendizado. Conforme Costa, (2000: 2):

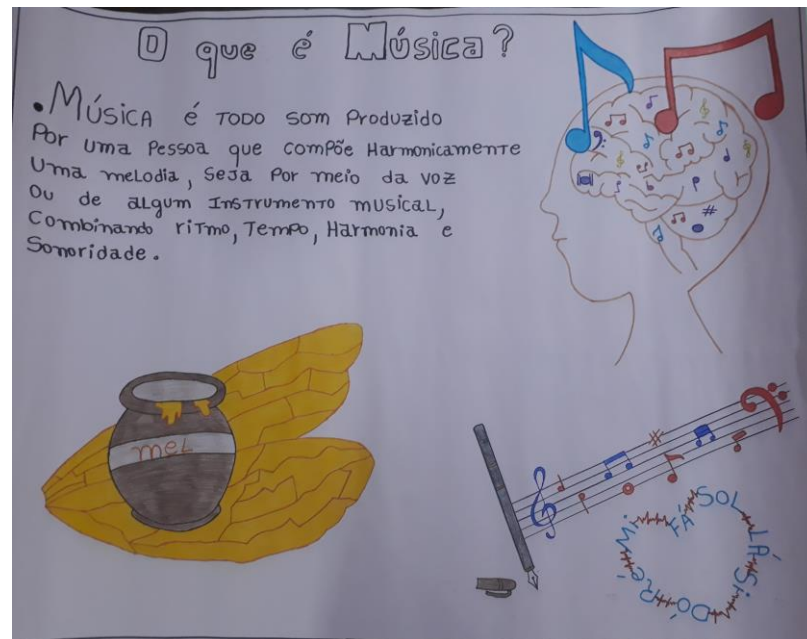
As capacidades próprias dos animais se desenvolvem de maneira predominantemente instintiva e se transmitem aos descendentes pela carga genética. O homem, por sua vez, deve transmitir suas experiências e interpretações da realidade por uma série ordenada de símbolos.

Entre os animais também há comunicação e uma vez ela sendo ignorada acarretam-lhe consequências graves, portanto conhecer os códigos de comunicação é extremamente importante para haver harmonia na convivência tanto dos animais irracionais quanto dos racionais, mas não podemos concluir que estes acontecimentos tenham caracterizado a origem da música.

Contudo, seja a presença da comunicação, seja a expressão sonora oriunda do aparelho fonador, o som esteve sempre ligado às palavras, aos ritos e a dança, logo no que chamaremos de manifestação cultural.

## 2.2 O que é música?

### Desenho 04 – Musicalizando o Som



Fonte: Emilly Caroline

Segundo Bréscia (2003: 25), “a música é uma linguagem universal, tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações”. Conforme dados antropológicos, as primeiras músicas seriam utilizadas em rituais como: nascimento, casamento, morte, recuperação da saúde e fertilidade. Atualmente, continua a ser utilizada nos mais diversos rituais, como por exemplo: em formaturas, aniversários, ninar crianças, dormir, cerimônias religiosas, festas, no trabalho, para ganhar dinheiro em apresentações artísticas, cinemas, teatros, enfim, não há limites para o uso da música.

Para Wazlawick (2006) música e cultura se interligam, pois ambas falam de aspectos referentes a atividades humanas, enquanto a primeira fala de sons, expressão de sentimento, criatividade a última se refere a ações humanas dotadas de sentido em sociedade, por isso:

[...] quando se vivencia a música não se relaciona apenas com a matéria musical em si, isto é, altura, duração, intensidade, timbre, estrutura e expressão, e suas relações, mas com toda uma rede de significados construídos no mundo social, seja nos contextos coletivos mais amplos, seja nos contextos singulares, enfim, junto dos contextos sócio históricos de sujeitos. (Wazlawick, 2006: 75)

Embora sejam utilizados para diversos fins, os recursos musicais ainda não são devidamente explorados em todas as áreas, limitando-se por vezes, segundo os olhares do senso comum à diversão. Por ser um recurso popular, acessível e ainda utilizado de forma limitada, estudaremos a música como um instrumento de ensino-aprendizagem e suas múltiplas possibilidades de interpretação de textos e leitura de mundo. Ouvir música, portanto é uma forma de aprendizado, seja sobre os valores de uma cultura, seja sobre os anseios de um povo como na música do grupo Legião Urbana na década de 1980, “*Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era pra sempre, sem saber que o pra sempre, sempre acaba*” ou do Engenheiros do Hawaii, “*Nós não precisamos saber pra onde vamos, nós só precisamos ir. Sem motivos, nem objetivos, estamos vivos e isso é tudo*”. A música expressa uma época, uma cultura, seus valores. Estes trechos acima citados são referentes ao final do período do Regime Militar no Brasil e demonstram um caráter de esperança frente ao desejo de término deste regime e surgimento de um regime democrático onde a liberdade de expressão pudesse ser valorizada em sua plenitude.

Ouvir músicas no cotidiano pode ser considerado, por muitos, apenas uma atividade com a finalidade de sentir prazer, mas é possível associar uma função didático-pedagógica à

escuta de canções, quando esta escuta estiver orientada sob a forma de instrumento agenciador de leitura e compreensão de mundo. O fato de sensibilizar e abrir a mente, o coração e não impor fronteiras, a música possibilita trabalhar os mais variados temas e conceitos, sobretudo com adolescentes que, muitas vezes, em busca de sua identidade procuram posicionar-se frente a um mundo que ainda buscam compreender e talvez modificar.

Estudos sobre as inteligências múltiplas comprovam a importância da inteligência musical para o processo de ensino aprendizagem e para melhora do convívio social dos indivíduos, pois através do desenvolvimento de habilidades como ritmos e sons, torna-se mais harmônica a convivência com o diferente. Nas palavras de Gardner (1995: 21): “Uma inteligência implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural”. Sendo assim a escola é um dos ambientes responsável por fazer acontecer o encontro entre alunos (as) e a música, tornando a sala de aula espaço para troca de experiências, sentimentos e reflexões. “Em resumo, a cultura circundante desempenha um papel predominante na determinação do grau em que o potencial intelectual de um indivíduo é realizado” (Gardner, 1995: 47).

É sabido que possuímos várias habilidades cognitivas, mas elas não nascem prontas para serem utilizadas por nós, elas devem ser trabalhadas, lapidadas com o cuidado e o carinho de um escultor que ao olhar para a matéria prima em seu estado bruto, sabe exatamente o que encontrar. A inteligência musical pode ser de grande valia dentro da sala de aula se como um escultor soubermos nos servir dela. Vejamos o que Campbell; Dickinson (2000: 147) descobriram sobre a inteligência musical e como resumiram alguns motivos pelos quais ela deve ser valorizada na escola:

- Conhecer música é importante.
- A música transmite nossa herança cultural. É tão importante conhecer Beethoven e Louis Armstrong quanto conhecer Newton e Einstein.
- A música é uma aptidão inerente a todas as pessoas e merece ser desenvolvida.
- A música é criativa e autoexpressiva, permitindo a expressão de nossos pensamentos e sentimentos mais nobres.
- A música ensina os alunos sobre seus relacionamentos com os outros, tanto em sua própria cultura quanto em culturas estrangeiras.
- A música oferece aos alunos rotas de sucesso que eles podem não encontrar em parte alguma do currículo.
- A música melhora a aprendizagem de todas as matérias.
- A música ajuda os alunos a aprenderem que nem tudo na vida é quantificável.
- A música exalta o espírito humano.

## 2.3 Componentes da Música

Para entendermos a influência da música em nossa vida é preciso estudar alguns de seus componentes estruturais. De acordo com Weigel a música é composta basicamente por:

Som: são as vibrações audíveis e regulares de corpos elásticos, que se repetem com a mesma velocidade, como as do pêndulo do relógio. As vibrações irregulares são denominadas ruído. Ritmo: é o efeito que se origina da duração de diferentes sons, longos ou curtos. Melodia: é a sucessão rítmica e bem ordenada dos sons. Harmonia: é a combinação simultânea, melódica e harmoniosa dos sons. (1988: 10)

O som se caracteriza pela existência de três propriedades físicas:

- a) Altura: o som pode ser grave, médio ou agudo. Cada uma delas servindo a um propósito.
- b) Intensidade: Consiste na propriedade do som ser forte ou fraco. Para obtermos um som forte ou fraco depende da suavidade ou agressividade com que se toca na corda, na tecla, ou no instrumento em pauta.
- c) Timbre: É a qualidade do som que nos permite reconhecer sua origem. Saber diferenciar pelo som qual tipo de instrumento está sendo tocado.

## 2.4 A música na antiguidade

Na classificação proposta por Wiora (1961 apud Freire 1992) a primeira idade da música localiza-se no período mais primitivo, o qual não nos deixou documentos escritos. Sua relevância é incontestável e seu estudo se dá por comparações e hipóteses levantadas durante observações de culturas ágrafas contemporâneas (Pigmeus da África, por exemplo) bem como vestígios arqueológicos (tumbas onde eram enterrados os corpos e com eles alguns instrumentos ou utensílios utilizados por aquele grupo específico). Aqui, a expressão emocional parece estar vinculada a rituais místicos associados ao canto e à dança uma vez que esta utilização sugere a expressão de emoções.

Platão acreditava na essência psicológica da música. Ela poderia exercer poder maléfico ou benéfico, por imitar a harmonia das esferas celestes, da alma e das ações. Por entender

assim, reclamava ao Estado a prerrogativa de adotar a música como uma arma poderosa no auxílio da educação integral do homem, logo:

[...] a educação musical é a parte principal da educação, porque o ritmo e a harmonia tem o poder de penetrar na alma e tocá-la fortemente, levando com ele a graça e cortejando-a, quando se foi bem-educado. E também porque o jovem a quem é dada como convém sente muito vivamente a imperfeição e a feiura nas obras de arte ou na natureza e experimenta justamente desagrado. Louva as coisas belas, recebe-as alegremente no espírito, para fazer delas o seu alimento, e torna-se assim nobre e bom; ao contrário, censura justamente as coisas feias, odeia-as logo na infância, antes de estar de posse da razão, e, quando adquire esta, acolhe-a com ternura e reconhece-a como um parente, tanto melhor quanto mais tiver sido preparado para isso pela educação (Platão, 1999: 95).

Aristóteles destaca o papel da poesia, da música e do teatro na purgação (catarse) das paixões. Para o filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), o conceito de catarse, retratado em sua obra “Arte Poética”, representava a purificação das almas que ocorria através de uma grande descarga de sentimentos e emoções, provocada pela visualização de obras teatrais: tragédias ou dramas. Em outras palavras na arte, a catarse é a liberação de uma tensão de energia acumulada proporcionando alívio e bem-estar ao ser humano.

Na educação o processo catártico tem uma função social, ou seja, através da aquisição de conhecimentos prepara o ser humano para tomar consciência e agir em prol da construção de uma cidade mais justa e harmônica. A tarefa do professor é orientar sua prática docente na direção da produção de autonomia, liberdade e capacidade de ação.

Entender o papel do professor consiste num exercício que vai além do simples ato de entrar em uma sala de aula e explicar um conteúdo previamente decidido por um plano de ensino ou por diretrizes de base educacional. Gimeno Sacristán (1998a: 202) alerta que “(...) a prática é algo fluído, fugaz, difícil de apreender em coordenadas simples e, além disso, complexa enquanto nela se expressam múltiplos determinantes, ideias, valores e usos pedagógicos”.

A sociedade do conhecimento trouxe um desafio para os indivíduos, precisamos aprender continuamente. As fronteiras do saber foram dissipadas, surge à necessidade de estar atualizado, de manter-se informado sobre tudo e todos. A conectividade com os acontecimentos se faz necessária. Exercer a prática docente neste cenário é desafiador para aqueles que pretendem prestar um bom trabalho, ou seja, tornar os (as) cidadãos (ãs) mais conscientes e críticos de seu papel de sujeitos sociais.

Alicia Fernández nos aponta um caminho enquanto sujeitos profissionais da educação:

Poder ser um professor “suficientemente bom” não se consegue com técnicas ou com cursos. Requer um trabalho constante consigo mesmo para construir uma postura, um posicionamento como aprendente, o qual resultará e modos de ensinar. Um bom ensinante é um bom aprendente. A difícil tarefa do professor ou da professora pode tornar-se prazerosa quando almeja fazer consigo mesmo o que propicia aos outros (Fernández, 2001: 36).

## 2.5 Música – A consciência involuntária

“A música é um exercício de metafísica inconsciente,  
no qual o espírito não sabe que está a fazer filosofia”

Arthur Schopenhauer (n.p)

A música age no sujeito de uma maneira intensa, rápida, infalível e possui uma linguagem de aspecto universal que excede os limites da individualidade e atinge o âmago do ser. Por este motivo, Schopenhauer acredita que as demais artes referem-se às sombras, às cópias das ideias; enquanto a música refere-se ao protótipo, à essência que é a própria vontade:

De modo algum a música é, como as outras artes, reprodução das ideias, mas reprodução da própria vontade, cuja objetividade também são as ideias; por isso o efeito da música é tão mais poderoso e incisivo do que o das outras artes; pois somente essas se referem à sombra, aquela porém à essência (Schopenhauer, 2000 :105).

Segundo Fischer, “A música cuja significação é em si mesma, a expressão de sentimentos, ideais, sensações e experiências possibilita uma nova atitude e um novo sentido de vida” (1983: 215- 222).

O que mais nos afeta é o potencial que a música traz consigo. Inevitavelmente quando ouvimos o som de uma música, ficamos marcados por ele e passamos a fazer conexões que atribuam sentido individual à vida. Por ser uma manifestação cultural acaba por dizer respeito ao mundo que está à nossa volta. “O efeito da música é muito mais poderoso e penetrante que o das outras artes, pois estas falam das aparências, ao passo que a música fala da essência”. (Fischer, 1983: 211-212).

Para Schopenhauer a música é a arte por excelência capaz de despertar o que há de melhor no ser humano. Ela não expressa apenas o sentimento, mas a própria Vontade, ou seja, enquanto imersos na e pela música estamos em estado contemplativo imunes ao desejo, que segundo o pensador é a causa de toda dor e sofrimento, por isso quanto maior o nível

de contemplação da música menor o grau de sofrimento humano. Vejamos as palavras do nosso pensador:

[...] a música exprime a mais alta filosofia numa linguagem que a razão não compreende. Compositor manifesta a essência mais íntima do mundo, expressa a sabedoria mais profunda, numa linguagem não compreensível por sua razão: como um sonâmbulo magnético, fornece informações sobre coisas das quais, desperto, não possui conceito algum. (Schopenhauer 2003: 233-234).

Dentro da sala de aula a prática educativa não pode estar centrada apenas no conteúdo formal, aquela prescrita nos livros, mas antes ser cidadão. Educar para o exercício da cidadania e elevar os alunos e as alunas da condição de meros expectadores à condição de agentes transformadores. Este modelo de educação encontra também respaldo na obra pedagogia do oprimido de Paulo Freire:

[...] a prática “bancária” implicando no imobilismo a que fazemos referência, se faz reacionária, enquanto a concepção problematizadora que não aceita um presente “bem-comportado”, não aceita igualmente um futuro pré-dado, enraizando-se no presente dinâmico, se faz revolucionária. (Freire, 1978: 84).

Uma concepção problematizadora da condição humana como *ser* em construção na Dialogicidade com o mundo em que este está inserido é urgente. Aprender é um ato de mão dupla, de um lado precisa-se de *envolvimento* e, portanto, aprender a partir do que se tem, do que se vive cotidianamente; do outro lado e na sequência, o aprendizado precisa possuir *sentido* para quem está aprendendo. A tarefa do (as) educador (as) alcançará sucesso na medida em que o diálogo com o mundo à sua volta e os outros forem à tônica do processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos do conhecimento. “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 1987: 78).

Paulo Freire, educador pernambucano de grande prestígio internacional, dedica-se a entender o processo de ensino-aprendizagem para propor um método que possa dar suporte a uma teoria que responda aos anseios, tanto do educador quanto do educando. Seu método é o dialógico, acontece mediante a interação entre os envolvidos no processo educacional. O educador comprometido cumpre as exigências da LDB onde apresenta como prioridade uma educação que contemple a profissionalização bem como a criticidade em relação a si e ao mundo em que faz parte. O exercício da ação de ensinar consiste numa via de mão dupla, onde educador e educando interagem com seus saberes, suas experiências, seus

sentimentos, seus pontos de vista. Por isso: “O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. (Freire, 1970: 78).

A escola é o território onde os sujeitos do saber se encontram sob o pretexto da busca do conhecimento científico, bem como a troca de experiências. Neste espaço de convivências múltiplas onde professores, zeladores, bibliotecários, pedagogos, diretores, alunos, pais e mães, eletricitista, merendeiras, policiais, enfermeiros e demais profissionais que por um ou outro motivo passam pelo ambiente escolar. Sendo este local de passagem, muitas experiências são possíveis, muitos encontros e desencontros, ampliação de visões do mundo são permitidas. Cada pessoa é um complexo de interesses e saberes, quando se relacionam com outros seres de saberes diferentes acontece uma conexão de interesses e aprendizados. Neste espaço de agenciamentos percebemos o quanto aprendemos e ensinamos ao estarmos em contato com o outro. Aprender a ver no outro um meio de encontro comigo configura-se num desprendimento em direção a novas possibilidades de ser. Abandonar minhas certezas na busca por novas formas de ser, expressar, sentir, viver, crescer, fazer e mudar. Somos seres relacionais. O outro me convida ao enfrentamento de realidade, mas eu não preciso aceitar, pois estar diante do outro já se torna uma desterritorialização não por que eu quero, apenas por que o outro existe e se coloca diante de mim.

A busca por um território que me de segurança é contínua, incessante e natural, contudo sempre que me encontro segurança sou forçado por forças que estão além do meu controle para uma fuga, para um rompimento com a ordem estabelecida. A vida é um constante desafio que me provoca a sair do meu território em busca de novos territórios. Portanto há muitas pontes a serem construídas na direção de um ponto seguro. O conhecimento é um vetor de agenciamentos, por meio dele somos expostos ao novo, ao diferente, ao controverso, ao absurdo, ao incompreensível, ao confuso, ao prazer, as múltiplas formas de vida. Experimentar a escola faz parte de um curto período da vida. Neste período somos afetados por diferentes formas de existência. Nem sempre sabemos o que fazer com o que nos é dado, mas algumas coisas fazem, algumas direções rumaram. Não há caminhos exatos ou pré-estabelecidos, apenas caminhos a serem seguidos. Importa estabelecermos relações de vizinhança que aumente o nosso potencial de existir. Esta proposta rizomática

de fazer pensar e agir é exemplificada pelos autores Deleuze e Guattari neste pequeno fragmento:

Resumamos os principais caracteres de um rizoma [...]. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a  $n$  dimensões, sem sujeito nem objeto [...]. Oposto a uma estrutura, [...], o rizoma é feito somente de linhas. [...] O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. [...], o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. [...] unicamente definido por uma circulação de estados [...] todo tipo de "devires". (Deleuze e Guattari, 1995: 32).

As relações de ensino-aprendizado serão mais bem vividas na medida em que o professor conseguir relacionar conhecimento com prazer. Aluno é um termo de origem latina e que de acordo com o dicionário Houaiss significa: *lat. Alumnus, i "criança de peito, lactente, menino, aluno, discípulo", der. do verbo alére "fazer aumentar, crescer, desenvolver, nutrir, alimentar, criar, sustentar, produzir, fortalecer etc."; ver alt-; f.hist. 1572 aluno, 1572 alumno*. Não faz sentido então querer que o (a) aluno (a) seja tratado (a) como um receptáculo passivo, incapaz de sentir e agir por si próprio (a). Parolin em seu livro: *Sou Professor apresenta a indisciplina e a falta de interesse dos (as) alunos (as) em virtude do papel secundário dado a eles (as) em sala de aula*. Vejamos:

A origem da indisciplina está na desmotivação dos alunos tanto pelo que é ensinado quanto pelo que é ensinado quanto pelo seu papel de coadjuvante no processo de aprendizagem. Vi um professor levar seus alunos para frente da escola com o objetivo de calcular a velocidade média dos carros que passavam naquela rua. Tenho a certeza de que todos assimilaram aquele conhecimento, pois os alunos foram parte do processo, eles realizaram e vira na prática que a Física é prática, real e faz parte do nosso dia-a-dia. (Parolin, 2009: 83).

O espaço escolar produz tantas codificações quanto qualquer veículo de comunicação. As relações territoriais vão além do visível e do funcional. As paredes, as salas de aula, o pátio, a cantina, a direção e a coordenação são vetores de desterritorialização. Somos forçadas por forças que estão além do nosso poder de controle a sairmos do nosso mundo de certezas e explorar outros mundos de certezas e significados que ainda não me são conhecidos ou aceitos. Estes encontros com o diferente de mim produzem sensações, emoções, afetos e sentidos. O que chamamos de espaço externo não difere do espaço interno, pois físico e espiritual são resultados da ação humana.

De acordo com a autora Craidy:

Quando a criança começa a frequentar a escola, o novo ambiente precisa tornar-se, o mais breve possível, familiar e aconchegante. Além das novidades do ambiente físico, o mundo sonoro é completamente desconhecido. A música pode se tornar um espaço a partir do qual os primeiros vínculos são criados e mantidos. [...] O canto é uma atividade eminente social, é uma abertura para o outro e um enorme enriquecimento pessoal. (2001: 130)

Hoje, diante de tantos estudos sobre práticas alternativas de ensino, podemos percebermos o quanto é necessário rever nossa postura docente diante das práticas pedagógicas convencionais (quadro, giz, textos e explicações orais), as quais colocam o professor como detentor do saber, apto a ensinar e o (a) aluno (a) como um mero expectador destinado a aprender, apenas o conteúdo formal determinado pelos livros didáticos. Somos convidados, seja através de instrumentos diferenciados, seja por meio de uma nova concepção de educação. Quem sabe trabalhar com práticas educativas mais dinâmicas e ativas, que valorize a participação em sala e o envolvimento do (a) aluno (a) em relação aos acontecimentos recorrentes na sociedade.

Por vezes, vemos na escola simplesmente o instrumento para a transmissão de certa quantidade máxima de conhecimento para a geração em crescimento. Mas isto não é correto. O conhecimento é morto; a escola, no entanto, serve aos vivos. (Einstein, 1994: 34).

A construção de prédios, casas, instituições, cidades, veículos, tecnologias de informação e comunicação são frutos do desenvolvimento das capacidades e necessidades do ser humano que por vários motivos criaram ao longo de sua existência. Saviani, ilustre pensador crítico da educação afirmava que, “a educação hoje, já não pode mais manter-se somente como acadêmica ou profissionalizante, por isso, necessitamos de professores que conheçam o sistema produtivo e principalmente as inovações tecnológicas” (Saviani, 1991: 87).

O professor é um agente frente ao complexo horizonte em que habita a educação enquanto sistema de ensino. Atuar dentro da sociedade como professor, ou seja, como aquele que transmite e orienta para o conhecimento, requer preparação, formação, empenho, vontade, satisfação e tantas outras competências. Diante desta reflexão prévia faz-se necessário pensar o quanto é importante, pensar a relação ensino-aprendizado como uma via de mão dupla composta tanto por aqueles que aprendem quanto por aqueles que ensinam. Não é possível precisar quem aprende ou quem ensina dentro deste processo, pois de acordo com Paulo Freire (1987: 68) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Vivemos e nos fazemos em

sociedade, esta afirmação do sociólogo Max Weber nos diz que as motivações das ações dos indivíduos em seu convívio diário são os principais fatores que determinam os rumos dos processos de mudança social. A ação social sempre é orientada ao outro e nunca apenas a si mesmo. O envolvimento de outra pessoa na ação torná-la-á uma ação do tipo ideal. Ilustrando essas afirmações acima:

Por "ação" deve-se entender como uma conduta humana (que pode consistir num ato externo ou interno, numa condição ou permissão) sempre que o sujeito ou os sujeitos da ação envolvam-na de um sentido subjetivo. A "ação social", portanto, é uma ação em que o sentido indicado por seu sujeito ou sujeitos, refere-se à conduta de outros, orientando-se por esta, em seu desenvolvimento. (Weber, 1985: 5).

## 2.5 Os territórios humanos

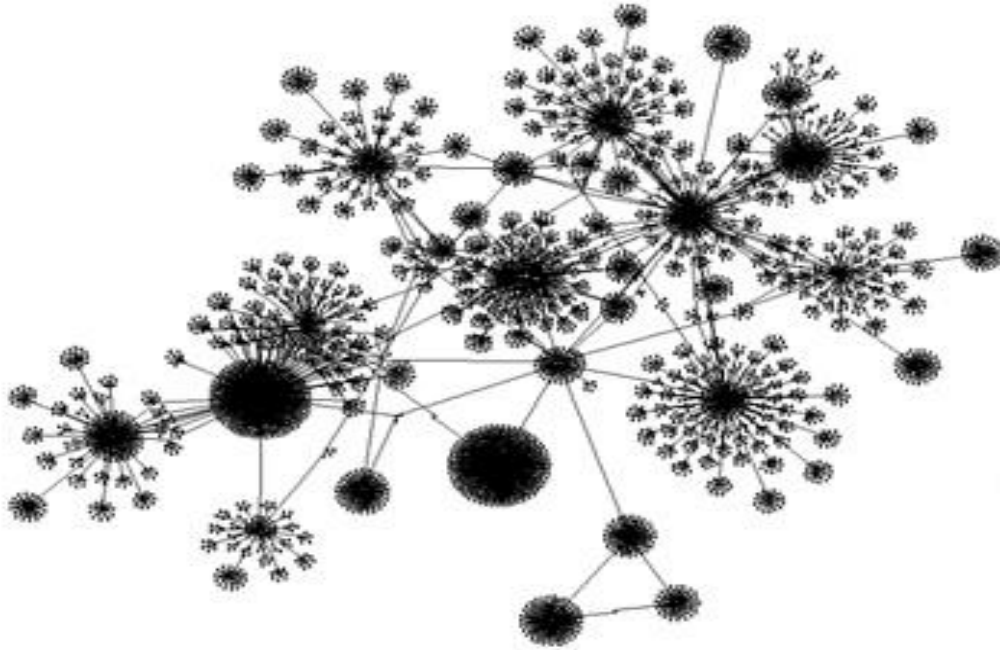
Território é um agenciamento. O mundo em que vivemos é um ambiente de possibilidades, um encontro de signos, significados e sentidos. Agimos em função de obtermos um resultado para nossas expectativas, para nossas intenções. Na filosofia de Deleuze e Guattari encontramos a utilização de conceitos como fundamento para potencializar as ações humanas em torno de um processo rizomático do conhecimento. Para ilustrar melhor o conceito de rizoma, que nos faz pensar de forma pluralista, ou seja, sempre há possibilidades a serem exploradas nos nossos entendimentos, as quais rompem com qualquer afirmação dogmática, ou conclusão cabal de nossas investigações. Os autores trabalham com a metáfora dualista entre rizoma e árvore-raiz. Rizoma é um conceito extraído da Biologia e que significa sistema aberto vejamos o que Deleuze sobre este conceito, em entrevista publicada no jornal "Liberación", em 23 de outubro de 1980:

O que Guattari e eu chamamos rizoma é precisamente um caso de sistema aberto. Volto à questão: o que é filosofia? Porque a resposta a essa questão deveria ser muito simples. Todo mundo sabe que a filosofia se ocupa de conceitos. Um sistema é um conjunto de conceitos. Um sistema aberto é quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tanta invenção e criação quanto na arte ou na ciência.

Vejamos a fonte originária a qual Deleuze e Guattari (1995) para criarem o conceito de rizoma para a Filosofia e sua importância no processo de aquisição do saber humano dentro da sociedade em relação com o mundo a que pertence:

O conceito de rizoma é derivado da Botânica, e consiste na extensão do caule que une sucessivos brotos. “um rizoma com haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas”. (Deleuze e Guattari, 1995: 15)

**Figura 2. – Ilustração do Rizoma**



<http://antroposimetrica.blogspot.com.br/2011/03/imagens-para-pensar-rizomas-2-parte.html>[12 de maio 2017]

Na imagem acima podemos perceber que as conexões são feitas sem uma lógica cronológica ou mesmo a complexidade em entender sua origem, o ponto de partida. Todos estão interligados, fazendo com que um fortaleça o outro, mas ao mesmo tempo seguem seu caminho em várias direções, não restrições, não há caminho correto, não há um único caminho, todos os segmentos contribuem para o desenvolvimento individual e coletivo. Percebemos que as direções tomadas resultam da abertura e disposição que os sujeitos se permitem. Encontrar um resultado é decorrência de se propor ao resultado. Saber fazer se coloca a nós como um desafio para ocupação de territórios. As linhas produzidas rizomaticamente são multidirecionais e percorrem vários limites fronteiros, sempre em busca de novas percepções, de novas experiências de encontros e desencontros entre o já dado e o que está para existir.

Este processo rizomático foi adotado por Deleuze e Guattari para expressar a multiplicidade que há na própria realidade. O rizoma funciona através de encontros e agenciamentos como vemos na figura acima ilustrada. Metaforicamente a imagem nos

remete a um mapa sem começo nem fim, só existe *entre-meios*, com várias entradas e saídas e, por isso a cartografia é tão interessante e tão presente na análise e entendimento dos processos afetivos. Segundo Deleuze e Guattari:

Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muitos diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regime de signos diferentes, mas também estatuto de estado de coisas. Os agenciamentos coletivos de enunciação funcionam, com efeito, diretamente nos agenciamentos maquínicos, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos. (Deleuze e Guattari, 2000:15).

O conceito de rizoma opõe-se ao conceito árvore-raiz, que nos remete a centros de poder, às hierarquias constituídas formalmente, às estruturas sociais rígidas (escolas, fábricas, hospitais, segurança pública) à modelos de governos, às formas de pensar e agir dogmáticas. Dentro de uma lógica organizacional faz-se necessário pensar em uma estrutura rígida que seja capaz de dar segurança às relações entre os seus indivíduos que para viverem harmonicamente precisam de regras, princípios norteadores de ação, mas a hierarquia pertence ao tempo, ao desenvolvimento, por isso em algum momento ela se tornará obsoleta, sendo necessário pensar novas formas que irão substituí-la. Isto significa, que as relações precisam ser abertas e que o resultado não está previamente definido, ou seja, tanto no rizoma é possível haver segmentos endurecidos, quanto na árvore-raiz pode existir uma flexibilização em sua rigidez.

Ao pensar por meio de rizomas os autores alteram o entendimento da concepção de estrutura ou sistema para o pensamento para a dinâmica de agenciamentos. Os agenciamentos acontecem a partir de um território. Território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos, e expectativas nas quais uma série de acontecimentos ocorrerá, seja nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos, políticos, religiosos, etc.

A partir da definição de que nossas múltiplas relações tanto sofrem influência como influenciam o meio, percebemos que estamos constantemente sendo alterados, ampliados, extrapolados em nossa constituição humana (psicológica, social, religiosa...), e ao mesmo tempo exercemos este poder sobre aqueles que entramos em contato. Como se dá a construção do território? Sendo o território um local de agenciamentos, eles existem sob dois prismas: os coletivos de enunciação e os maquínicos de corpos (ou de desejo)

responsáveis pela desterritorialização que por sua vez serão reterritorializadas por meio de experiências de passagens. Vejamos o que Deleuze entende por agenciamento:

Todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial. A primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há alguma: dentro de sua lata de lixo ou sobre o banco, os personagens de Beckett criam para si um território. Descobrir os agenciamentos territoriais de alguém, homem ou animal: ‘minha casa’. (...) O território cria o agenciamento. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples ‘comportamento’ (...)” (Deleuze, 1997: 218).

Os agenciamentos maquínicos de corpos são representados pelas máquinas sociais e as relações entre os corpos humanos, corpos animais, corpos sociais, corpos cósmicos. Eles representam a relação que os corpos maquínicos estabelecem em uma sociedade, porém só percebemos esta relação em seu conjunto e não separadamente. Um exemplo dado pelos autores, e que nos auxilia na compreensão desta forma de pensar, é o agenciamento feudal. “Considerar-se-ão as misturas de corpos que definem a feudalidade: o corpo da terra e o corpo social, os corpos do suserano (sic), do vassalo e do servo, o corpo do cavaleiro e do cavalo (...) é tudo um agenciamento maquínicos” (Deleuze e Guattari, 1995b: 30).

Agenciar é produzir significados, enunciados cuja intenção suscita desejo por fazer, interesse pelo conteúdo. Vivemos e nos fazemos coletivamente. Vivemos em sociedade, repletos de acontecimentos a serem interpretados e reinterpretados. Precisamos estar atentos aos significados e apelos contidos nestes acontecimentos. Para isso somos convidados a pensar, a partir da obra *Diálogos*: (...) O que é um agenciamento? É uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, sexos, reinos - de naturezas diferentes. Assim, a única unidade do agenciamento é o co-funcionamento: é a simbiose, uma "simpatia". (Deleuze e Parnet, 1998: 84).

Neste sentido uma aula é um território por que para existir é preciso de ambos os agenciamentos, por um lado o currículo, os órgãos reguladores da educação que em sua natureza é fixo, por outro os professores, os conteúdos, os alunos, a condição social.

## **2.6 Rizoma**

Vejam, de forma mais específica, os princípios básicos do rizoma e sua relação com a educação. Tudo se relaciona com tudo. Exemplo, o Álcool: quando dosado em um medicamento agrava saúde; quando bebido em demasia provoca distúrbios agenciadores de acidentes em casa, no trânsito; produz açúcar; combustível para automóveis; produtos de limpeza; doces; licores. Vemos que qualquer ponto deve se conectar a qualquer ponto. Quando falamos de Educação escolar também encontramos uma gama de possibilidades como educação libertadora, técnica, tradicional, construtivista, comportamentalista, montessoriana, democrática, freinet, piagetiana. Neste emaranhado complexo de relações existe algo que nos possibilita pensar as coisas, *o princípio de conexão e a heterogeneidade*.

O segundo é o *princípio da multiplicidade* defende o crescimento sem a mudança de natureza da coisa. Não sujeito ou objeto, há dimensões, extensões, grandezas. Importa a produção de possibilidades em detrimento da unificação em torno do uno absolutizado ou utilizado como parâmetro. Em Educação escolar é comum ouvirmos que alguém tem razão, que aquela é a estratégia correta, que aquela teoria é a melhor para este fato ou momento, porém Deleuze e Guattari afirmam que o rizoma é inclusivo, que legitima a força dos diferentes na tentativa de abarcar os vários pontos de vista em oposição à verdade única. Saber, que existem caminhos que nos levam a um resultado, e que trilhá-los está acima de profetizá-los é mais produtivo que deter a Razão sobre determinado assunto ou questão.

*O princípio de ruptura assignificante* faz uma crítica aos conceitos que têm a pretensão intenção de serem considerados perfeitos ou que devam ser os escolhidos como referência. Este princípio expõe a flexibilidade do significado de uma Ideia. Cada ciência se nutre da esperança em descobrir novos referenciais que sustentem suas teorias. Aceitar uma descoberta por vezes acaba sucumbindo outras tantas que até então eram tidas como verdade. O rizoma chama a atenção para o conjunto das experiências, das linhas de fuga, que demonstram ausência de hierarquia, cópia ou imitação de verdades. Em Educação escolar o conceito é visto como dinâmico e sustentável, ou seja, seu crescimento depende de sua manutenção. Somos convidados a constantemente redescobrir formas produtivas para reutilizar o mesmo. Um conceito não desaparece, ele cresce sem rumo certo tendo como base seus antecessores e como finalidade se expandir generosamente proporcionando

agenciamentos horizontais, dinâmicos no processo ensino-aprendizado. Deleuze e Guattari nos exemplificam com sua famosa metáfora da Orquídea-Vespa:

A orquídea se desterritorializar formando uma imagem, um decalque da vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializar, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça de aparelho de reprodução de orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. (Deleuze e Guattari, 2000:18).

*O princípio de cartografia* consiste na arte de inventar protocolos. Mapa é a concentração territorial dos caminhos para o saber. Conhecer implicar em mapear. Cartógrafo é um analista dos desejos. Cartografar é produzir funções, aberturas na capacidade de olhar e ler a realidade. O critério deste princípio é não ter critérios, mas reconhecer nas várias rotas seu potencial expansivo e produtor de novas rotas. Um mapa requer leitura e interpretação. Um mapa pode: nortear, orientar, direcionar, mas não faz por você. Compreender um mapa é uma árdua tarefa, prazerosa no sentido das descobertas, mas complexa. Os mapas podem ser vistos milhares de vezes e sempre deixamos escapar um detalhe, uma informação, uma leitura. Há implícita relação que transcende o já descoberto, o já sabido. O conhecimento em si, portanto é ilimitado, inacabado, sedento, aberto, incansável. O conhecimento existe na medida em que alguém o busca. Em educação escolar cabe ao professor saber lidar com o magnífico mapa que é a sala de aula repleta de alunos (as). Cada estudante configura-se uma linha que assume improváveis direções ao longo de sua trajetória estudantil. Sabemos que não há a menor probabilidade de controlarmos as direções que cada um irá trilhar, no entanto sabemos que participamos direta e indiretamente desse percorrer. Nós docentes temos a grata tarefa de auxiliar e sermos auxiliados na leitura e releitura dos traços de cada mapa (matemática e filosofia; aluno-aluna; direção-alunos (as); mercado de trabalho-família) possuem. Cartografar é perceber para onde o desejo leva e seguir o devir. Potencializar as capacidades do indivíduo é deixar em cada ser algo de si e carregar consigo algo do outro. Esta relação de agenciamento e atravessamento eleva a potência de ser dos seres.

Por fim, o *decalque* é o ponto crucial do rizoma, nele se concentra a hierarquia e os novos pressupostos. Decalcar consiste na ação de transferir uma imagem de uma superfície para outra. Ex: Música (composição musical ou improvisação). No caso da composição musical corremos o risco da estaticidade, de formar uma imagem perfeita da sonoridade, enquanto

na improvisação podemos cair no limiar do equívoco entre a necessidade do transitório e a insatisfação contínua com a melodia obtida. O cuidado para não cair na acomodação do alcance da verdade absoluta. O zelo para com a continuidade das descobertas requer uma atenção aberta e despojada em relação ao despontar dos preconceitos e discriminações que surgirão de forma espontânea, quando nos depararmos com os encontros e caminhos proporcionados pelas buscas constantes da verdade. “Trata-se do modelo que não para de erigir e se entranhar, e do processo que não para de se alongar, de romper-se e retornar”. (Deleuze e Guattari, 2000: 32). O decalque, portanto, é necessário para a continuação dos caminhos, mas já nasce obsoleto, servindo como referência de uma construção inacabada. Sua imagem são linhas fuga que nos auxiliam a avaliar os resultados para produzirmos novos processos capazes de perpetuar os agenciamentos, a criação, a multiplicidade.

O método rizomático nos permite perceber que a realidade última ou não existe ou não nos está acessível. Viver, aprender, avaliar e agir são ações constantes que nos mostram o quanto somos seres em busca. A regra inerente a este método é a da prudência (virtude de determinar o que é bom e o que é mau para o homem, dicionário de filosofia Nicola Abbagnano, 2007: 1021) com a vida.

Os professores, dentro do processo de ensino-aprendizagem são detentores do poder da palavra. A palavra pode tanto orientar quanto desorientar, pode construir como destruir. É tarefa do docente, zelar pelo bom desenvolvimento do potencial dos alunos, de forma a torná-los independentes e críticos, capazes de ver, julgar e participar da realidade. A sociedade é formada por dispositivos de diversas ordens, como a Política, a Escola, a Igreja, a Ciência, a Lei Jurídica, a Moral, e a Sexualidade e que na medida em que há envolvimento, há mudança, transformação, logo quanto melhor preparado estiver tanto melhor será o grau de intervenção efetiva. Criar formas de pensar a relação com o mundo, com o outro e consigo é o desafio pedagógico, urgente, da escola enquanto finalidade institucional.

Assim, a escola é um ambiente próprio para o desenvolvimento da cognição humana em seus mais complexos níveis. Para organizar este espaço de forma funcional precisamos que ele seja uma extensão da vida dos (as) alunos (as). Tornar este ambiente funcional e prazeroso é um desafio, por isso pensando numa maneira de conciliar educação formal

com a educação baseada no senso comum surgiu a ideia de trabalhar com algo que os (as) alunos (as) tivessem acesso fácil todos os dias, em qualquer momento e pudessem, sobretudo exercer seu poder de escolha sobre os rumos da sua educação no sentido amplo do termo. Ter nos conteúdos escolares, pré-definidos, liberdade no processo da autonomia e criticidade na sua formação como cidadão.

E, dentro da sala de aula convivemos com a concorrência do acesso à internet diariamente. A Internet e seus encantos acessíveis em qualquer lugar podem ser tanto um obstáculo, quanto benefício na arte do ensino/aprendizagem. As sociedades e as pessoas estão cada vez mais se organizando em torno do binômio computador-celular. O individualismo proposto de forma espontânea pela rede torna o individualismo um valor capaz de isolar o ser humano dentro do convívio social. Castells cita:

Novos desenvolvimentos tecnológicos parecem aumentar as chances de o individualismo em rede se tornar a forma dominante de sociabilidade. O crescente fluxo estudos sobre os usos dos telefones móveis parece indicar que a telefonia celular adequa-se a um padrão social organizado em torno de “comunidades de escolha” e interação individualizada, fundando na seleção do tempo, do lugar e dos parceiros da interação (Kopomaa, 2000; Nafus e Tracey, 2000:111).

Dentro deste novo modelo difusão das informações, que vai se configurando através do ciberespaço, uma nova geografia da comunicação vai se desenhando e ganhando forma. A comunicação na Web tem uma característica peculiar, ela é capaz de seduzir, burlar e convencer. Ela lida com imagens, expressões e a privacidade. Ser livre no mundo virtual é divertido, atraente e produz uma sensação de poder ampliado. As fronteiras parecem não existir, a superioridade intelectual parece ficar nivelada, no sentido de qualquer pessoa com acesso a uma rede de conexão ser capaz de produzir ou reproduzir saberes. A propriedade intelectual (músicas, publicações, ideias) está ao alcance de todos os interessados e desinteressados. Comunicar-se virtualmente é estabelecer um universo paralelo de significados possíveis. Os fluxos de informação estabelecem uma nova geografia do espaço, novas configurações territoriais. Estamos ao mesmo tempo em vários lugares, podemos realizar diversas atividades ocupando o mesmo espaço. As redes possibilitaram esta nova maneira de se relacionar. Ocupamos um espaço comum neste novo padrão de comunicação, o virtual, nele há um horizonte de possibilidades. É possível exercer o poder de concentração e descentralização sobre os vários tipos de informação.

A música é uma das artes mais difundidas e acessadas via web, está em qualquer lugar, é de fácil acesso e, além do seu poder encantamento, exerce uma influência valorativa sobre os indivíduos. Ouvir música é uma atividade prazerosa para muitos, e poder aprender tendo ela como instrumento pedagógico se tornou um ideal profissional.

Diante da importância que a Internet tem hoje para o mundo, da facilidade de acesso à informação que ela possui e do seu poder de sedução, era necessário pensar a educação sob o prisma de um dispositivo que causasse prazer e reflexão crítica nos (as) alunos (as). O dispositivo escolhido para trabalhar em sala fora as canções.

## 2.7 Ritornelo

Criamos ao menos um conceito muito importante: o de ritornelo. Para mim, o ritornelo é esse ponto comum. Em outros termos, para mim, o ritornelo está totalmente ligado ao problema do território, da saída ou da entrada no território, ou seja, ao problema da desterritorialização. Volto para o meu território, que eu conheço, ou então me desterritorializo, ou seja, parto, saio do meu território? (Deleuze, 1997: 76.).

O conceito de ritornelo é complexo diante da abrangência que se presta e diante do alcance que proporciona. Pensar é uma atitude natural e intrigante para aqueles que detêm esta faculdade, porém há uma diferença entre agir com naturalidade e ter consciência do que está fazendo. O ritornelo é o esforço contínuo na busca pelo território particular que na relação com outros territórios particulares vai se criando e dando sentido ao mundo.

A pergunta motriz, pela procura territorial é aonde quero estar? A partir deste questionamento iremos procurar nosso território e dele nos estenderemos para ocupar outros territórios, viverem novas experiências, através da desterritorialização, ou seja, a saída do nosso território em busca de sentidos diferentes para a vida, em busca de segurança que nos credencie a continuar buscando caminhos e resultados possíveis.

A segunda pergunta é: qual problema me interessa resolver? Este questionamento é necessário para dar sequência na construção do território. Quais são as motivações que me levam tanto à construção do território quanto ao seu “abandono”? Território é um espaço permanente do efeito produzido pela fluidez. Mais adiante será falado sobre o processo de formação do território e seus componentes.

Em relação ao ritornelo, três elementos podem esclarecer o seu funcionamento, como nos dizem Deleuze e Guattari (1997), sempre um ora, ora, ora. Ora um aspecto... ora outro... e ora ainda um outro....Ora se vai do caos a busca de um território. Essa busca pelo centro que amplia as possibilidades de direcionamentos, de agenciamentos é a primeira característica do ritornelo. É chamado de componente direcional. É própria da criança que por meio de uma canção busca se situar no tempo e no espaço, para se sentir segura diante da imensidão do mundo a sua volta.

Ora se organiza e traça rotas a partir do ponto encontrado, o qual lhe dá a segurança para se estabelecer em um território. A busca agora é para que a partir da segurança do ponto encontrado possa construir um espaço dimensional a ser habitado, espaço onde o desejo possa agir livremente. Espaço de realizações, de criações, de produções e de consolidação do território íntimo e com sentido existencial. A partir desta constituição será possível ter motivação para possibilitar a rede de relacionamentos, de agenciamentos, de atravessamentos, de linhas de fuga. Ora se sai do agenciamento territorial, em direção a outros agenciamentos. Neste momento chegamos à consciência que o território até então constituído era uma instância necessária, porém provisória. Um território é sempre momento e espaço de passagem. O ritornelo configura-se num complexo interagenciamento de territórios.

Intra-agenciamento há o caos e este está à procura de uma terra para se fixar e estabelecer um território. Deste caos nascem os meios (repetição periódica de forças, diferentes de si, oriundas do caos) e os ritmos (diferença que irá agenciar ligações entre os opostos, estabelecendo passagens *entre-deois*, ou seja, comunicação *entre-meios*). O ritmo nasce da força que produz energia oscilatória na matéria do caos.

Intra-agenciamento, separado apenas para explicação dos componentes, acontece a territorialização ou formação do território. “O território é o produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos” (Deleuze e Guattari 2008: 120). O território tem uma circunscrição interna e uma externa, onde respectivamente corresponde um abrigo ou domicílio e uma vizinhança ou zona limítrofe. Ler ou ouvir uma canção evoca um pouco do que trazemos internamente em relação com o ambiente que estamos nos relacionando externamente. Deleuze e Guattari (2008: 122) “A territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou dos componentes de meios tornados qualitativos”. O ritmo musical traça

linhas entre o impulso (interno) e a circunstância (externo) estabelecendo um espaço territorial que se articulará com tantos outros espaços territoriais existentes deixando um pouco de si e levando consigo um pouco do que experimentou.

Inter-agenciamento temos aqui a abertura que os componentes de passagens criam para estabelecerem encontros de saberes e experiências desterritorializadas. Sair do seu próprio território atravessando o território vizinho e se encontrando com o ainda não existente, com o desconhecido, mas que faz sentido por que é fruto da minha experiência, da minha vivência, conteúdo do meu território, agora desterritorializado. Uma mesma canção cantada várias vezes para a mesma pessoa em lugares, circunstâncias e momentos diferentes produzirá efeitos e significados diferentes. Ocorrerá, portanto o diferente no mesmo, ou seja, repetiremos a diferença, mas sempre com um horizonte aberto de possibilidades. Este horizonte é possível de ser sentido e vivenciado na música, a condição é uma atitude de despojamento dos nossos preconceitos, dos nossos dogmatismos, das nossas ignorâncias.

As notas musicais são como a água – elas tomam a forma de quem está usando. O seu Dó pode fazer alguém chorar, mas o Dó de outra pessoa pode fazer alguém rir. Esta é a beleza da criação: não temos que seguir a mesma linha para conseguir o mesmo resultado.

## **2.8 A (in)voluntariedade no ato de criar**

O dicionário de filosofia Nicola Abbagnano (2007: 874) apresenta quatro definições para a palavra pensamento. O primeiro e mais geral: “qualquer atividade mental ou espiritual”, foi introduzido por Descartes no Século XV: “Com a palavra ‘pensar’, entendo tudo o que acontece em nós, de tal modo que o percebamos imediatamente por nós mesmos; por isso não só entender querer e imaginar são pensar, mas também sentir é pensar” (Princ. Phil., I, 9; cf Méd. II). Neste sentido, ao começar o trabalho com músicas dentro da sala de aula durante o estudo da disciplina de filosofia, a intenção com as atividades propostas foi mostrar o quanto o pensamento era comum, acessível e ilimitado para assim iniciar o rompimento do paradigma de que pensar é para estudiosos, pesquisadores, cientistas e outros tantos profissionais. Pensar consiste numa atividade humana, simples e espontânea, presente em quem é capaz de ser e fazer valer pela possibilidade do uso da razão, neste sentido diz-se que o ser humano é um animal racional, ou seja, aquele que coloca em

prática a racionalidade da qual é provido através das escolhas, das crenças, das modificações das realidades, da intencionalidade contidas em suas ações.

Dentro do processo ensino-aprendizado, cabe ao professor a atitude de instigar possibilidades, leituras, olhares sobre o mesmo fato, o mesmo acontecimento. A realidade é fruto de interpretações que ocorrem nas relações humanas com o outro, com o mundo, com as coisas, sempre em busca de verdades que orientem e garantam o mínimo de bom senso. A produção do pensamento se estruturou ao longo da história

O pensamento para Deleuze e Guattari se forma a partir da lógica dos encontros. Implica processos descontínuos que não obedecem a padrões, a formas absolutas de verdade, mas possibilita formas incessantes e variáveis capazes de agenciar novos conceitos, ou seja, as experiências sensíveis, únicas, irrepitíveis. Por isso todo conceito é fonte de reflexão à qual impulsiona novas experiências sensíveis: em *Diferença e Repetição* Deleuze descreve o pensamento como ação criadora:

O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe a Filosofia; tudo parte de uma misosofia. Não contemos com o pensamento para fundar a necessidade relativa do que ele pensa; contemos, ao contrário, com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de erguer e estabelecer a necessidade absoluta de um ato de pensar, de uma paixão de pensar. As condições de uma verdadeira crítica e de uma verdadeira criação são as mesmas: destruição da imagem de um pensamento que pressupõe a si próprio, gênese do ato de pensar no próprio pensamento. (Deleuze, 2009: 203)

Dentro da sala de aula uma das tarefas primordiais do docente está em conseguir êxito no processo de potencializar as habilidades dos (as) alunos (as). Todos são dotados de inteligência e capacidade em aprender. Aprender é como uma aventura e como tal nem sempre temos noção ou precisão do que iremos encontrar. Interpretar a realidade faz parte da estrutura que garante segurança nas relações entre as pessoas. Buscamos conhecer a verdade para bem nos relacionarmos, para bem convivermos. Logo, o acúmulo de saberes nos trará garantias para continuarmos nossa caminhada rumo à verdade.

Querer conhecer a verdade não é uma exclusividade contemporânea, mas convive com o ser humano desde sempre. Com Renè Descartes o conhecimento passou a ser compreendido de forma compartimentalizada, ou seja, o conteúdo é fragmentado, dividido para ser analisado, ordenado e revisado, seguindo esta lógica faríamos o uso correto da

razão, a ciência tinha um método adequado para investigar o pressuposto científico que é a verdade. Este formato deu origem ao sistema educacional que conhecemos, ou seja, uma educação que se separa da realidade, uma educação positivista, herança jesuítica.

O padre Manuel da Nóbrega e seus companheiros da Companhia de Jesus fundaram na Bahia, em agosto de 1549, a primeira “escola de ler e escrever” brasileira.

Portugal, que até então vivera imerso na atmosfera medieval e ocupado com as intermináveis guerras santas contra os invasores mouriscos e guerras defensivas contra os espanhóis, começava apenas a despertar para a nova cultura da Renascença. Sem tradições educativas, o seu sistema escolar começava a esboçar-se mui vagamente apenas. O analfabetismo dominava não somente as massas populares e a pequena burguesia, mas se estendia até a alta nobreza e família real. Saber ler e escrever era privilégio de poucos, na maioria confinados à classe sacerdotal e à alta administração pública. É bem verdade que os mosteiros e as catedrais eram quase que os únicos asilos das letras, tanto sagradas como profanas; mas sua atuação era modesta e restrita à satisfação de suas necessidades internas; não tinham a consciência de estar cumprindo uma missão social. (Mattos, 1958: 37-38).

Com este perfil, chegam os primeiros evangelizadores europeus, que serão os responsáveis por ditar o tom da educação no que será chamado de Brasil. Ler e escrever, obediência ao Rei e fé na Igreja Católica resume a finalidade desta companhia missionária. Aprendemos a aprender, lendo, copiando e decorando saberes que eram tidos como absolutos e inquestionáveis. Criamos um sistema educacional onde tudo estava pronto, bastava apenas o acesso ao que já tinha sido produzido. A educação ganha importância em um cenário de desenvolvimento econômico citadino, o movimento iluminista e os princípios liberais convidam os burgueses a adotarem uma nova filosofia de vida, onde reuniões, discursos retóricos, eloquência são elementos valorizados pela sociedade.

Deleuze e Guattari concebem, contudo, uma maneira diferente este processo de aquisição do saber. Para eles não existe um pressuposto determinado, mas pontos que se direcionam para qualquer direção, pontos que produzem possibilidades, que criam agenciamentos, sem a intenção de fragmentar ou reduzir a verdade a uma única forma de enxergar a verdade. Esta visão rizomática, proposta pelos autores acima citados, desponta como um novo método. Este método prioriza a liberdade, a independência, fluidez no pensar.

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário, de maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões que se dispõe, sempre n-1. (...). Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, e a erva daninha. (...). Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. (Deleuze, 2010: 15)

Alguns exemplos de plantas rizomáticas são a grama, o bambu e a cana de açúcar, todos da família das gramíneas. Sendo uma das maiores famílias do mundo, ela cresce de forma linear alcançando territórios incalculáveis, sua extensão é assombrosa, pois não sabemos de onde vem ou para onde vai, apenas que ela cresce nutrindo-se de suas partes antecessoras e sendo suporte para as sucessoras. Não é possível depois de crescida identificar sua origem e nem se faz importante essa procura. Os resultados importam mais que a sua origem. Um fato curioso e relevante na metafórica relação com o conhecimento está na sua capacidade de se autorrenovar. Quando queremos um gramado bonito e bem cuidado, logo tratamos de apará-lo e com certa frequência. Onde o clima é seco ou há ausência de cuidados com o solo e com a grama frequentemente encontramos partes amareladas que devem ser retiradas para dar espaço a outras plantas mais saudáveis e harmoniosas. Paralelamente cabe a pergunta de como um caule de planta pode nos ajudar a pensar o mundo moderno e a educação?

O que Guattari e eu chamamos rizoma é precisamente um caso de sistema aberto. Volto à questão: o que é filosofia? Porque a resposta a essa questão deveria ser muito simples. Todo mundo sabe que a filosofia se ocupa de conceitos. Um sistema é um conjunto de conceitos. Um sistema aberto é quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tanta invenção e criação quanto na arte ou na ciência. (Deleuze e Guattari. 1995: 58).

Em nossas relações cotidianas estamos sempre aprendendo. Podemos simplesmente aprender o que já existe e nos satisfazer, contudo o mundo exige mais de nós, ou daqueles que estudam a arte do conhecimento. Dentro do ambiente escolar o senso comum (território) é como identificar a existência da grama, logo podemos ascender ao nível das possibilidades (desterritório), ou seja, o encontro com a verdade do outro, com outras formas de ver o mundo, com a liberdade interpretativa, como o confronto de ideias. Este nível permite que eu saia de mim em direção a outros mundos, outras ‘verdades’. Estas novas experiências irão permitir minha expansão territorial, de forma imprecisa, contudo haverá um crescimento profícuo, saudável e o fundamento desta experiência é a sociabilidade. Estas conexões nos permitem pensar que tanto sujeito quanto objeto não são o centro do saber, ambos constituem partes cruciais de um processo. O resultado (reterritorialização) integra valores imensuráveis capazes de sustentar e validar qualquer experiência, o rizoma, portanto nutre o novo broto até que ele possa se sustentar e dar

novos brotos da mesma forma que um saber agencia novos saberes formando uma rede de saberes onde cada um é importante por existir e possibilitar inúmeras existências que se coexistirão simultaneamente sem perderem sua individualidade, seu potencial de agenciar e atravessar saberes. Há uma música do cantor e compositor Gonzaguinha chamada O que é, o que é (1982) que diz: “*viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar as belezas de ser um eterno aprendiz*”. A verdade então está mais na significação, no sentido que na regra, na certeza absolutizada. Para Deleuze, no livro diferença e repetição aprender é percorrer por si próprio o caminho que leva à solução de um problema:

Aprender é o nome que convém aos atos subjetivos operados em face da objetividade do problema (ideia), ao passo que saber designa apenas a generalidade do conceito ou a calma posse de uma regra das soluções. (...). Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender - que amores tornam alguém bom em latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. (...). Não há método para encontrar tesouros nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou Paideia que percorre inteiramente todo o indivíduo (um albino em que nasce o ato de sentir na sensibilidade, um afásico em que nasce a fala na linguagem, um acéfalo em que nasce pensar no pensamento). (Deleuze 1968: 236-237).

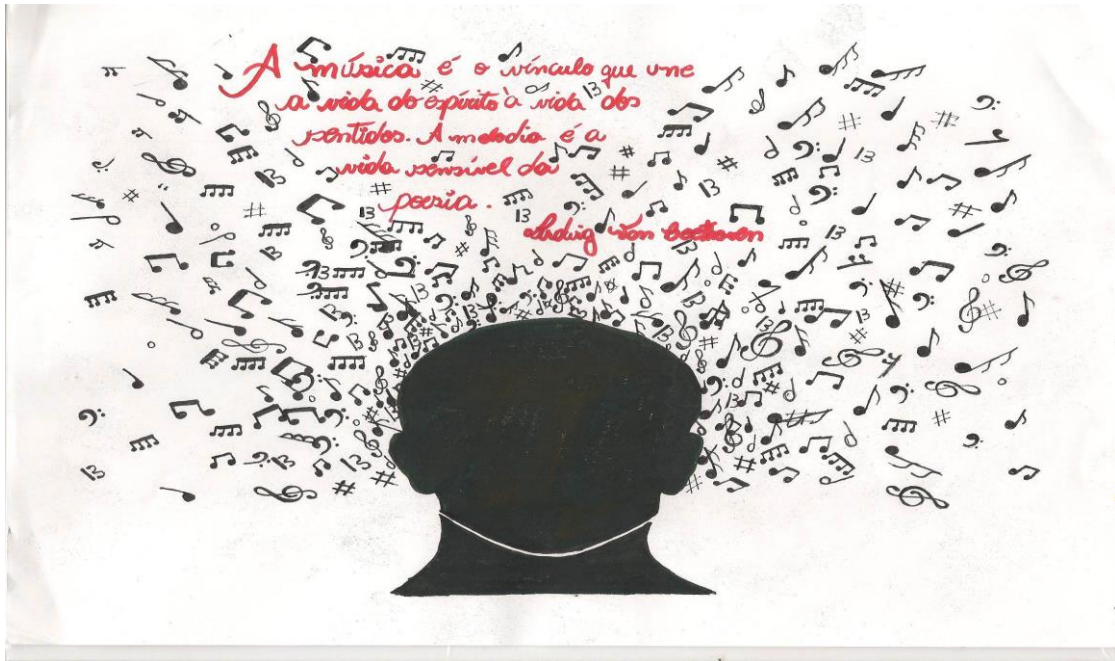
A escola é um dos ambientes privilegiados para potencializarmos esta relação de encontros criando momentos para discussões e abertura para exposição do pensamento que constitui a forma de ser de cada pessoa.

Somos seres singulares, capazes construir relações sociais sem perder nossa identidade. Sociabilidade constitui a identidade dos sujeitos. A singularidade é a maneira particular que cada indivíduo possui para diferenciar-se do outro. Assim cada indivíduo aprende a ser, sendo com outros.

Aprender a ler e interpretar informações, situações e contextos com criticidade tornou-se uma problemática metodológica e didática onde por seria preciso encontrar mecanismos e instrumentos que fossem capazes de orientar esta prática necessária dentro do ambiente escolar para que os (as) alunos (as) fossem expostos a uma forma diferente de enxergar o ambiente escolar e a necessidade de estudar. Deste modo visamos encontrar por um lado uma dinâmica que tornasse possível sentir prazer e interesse pelo estudo foi o grande desafio proposto enquanto prática de uma metodologia cartográfica e por outro o desenvolvimento do senso crítico através da efetiva participação nas atividades realizadas durante às aulas.

## CAPÍTULO III – IRONIA SOCRÁTICA – A ARTE DA DESTERRITORIALIZAÇÃO

Desenho 05 - A Arte da Dúvida



Fonte: Keren Aleixo Labs

### 3.1 Cartografando as canções

A primeira canção apresentada foi “Pais e Filhos”. Falaram sobre o suicídio que ele comete e culpa seus pais por não o compreenderem, culpa os pais pelo tipo de vida que tem. A falta de amor próprio. Os conflitos familiares turbulentos. Vontade de seguir as próprias regras. Quando solicitei que fizessem uma reflexão mais profunda sobre o conceito de liberdade e poder de escolha, na autonomia nas decisões. Começaram a pensar que, geralmente culpamos os pais ou outras pessoas pelas coisas que não deram certo em nossa vida, pelas decisões que tomamos sem consultar uma pessoa mais velha. Pensaram no significado que a liberdade e a consciência, apresentados por Sartre (1946: 289) na frase: “Não importa o que fizeram de mim, o que importa é o que eu faço com o que fizeram de mim”. Entenderam que responsabilidade é a capacidade de assumir o resultado das minhas escolhas, mesmo que elas não sejam o que eu esperava e que só assim serei livre para a felicidade.

**Pais e Filhos**

- ▶ **TERRITÓRIO** – SUICÍDIO
- ▶ **DESTERRITÓRIO** – QUEM É O RESPONSÁVEL OU CULPADO
- ▶ **RETERRITÓRIO** – AUTOCONSCIÊNCIA – O PROBLEMA NÃO É O QUE OS OUTROS FALAM DE NÓS, MAS O QUE FAZEMOS COM O QUE FALAM DE NÓS

A segunda canção foi “Eduardo e Mônica”, que retrata um relacionamento e suas dificuldades. Os comentários foram a respeito das diferenças que havia entre eles, e mesmo assim parecia que o romance e o casamento estavam predestinados a acontecer. Foi levantada a seguinte problemática: o Ser Humano já nasce predestinado ou ele é Livre para fazer suas próprias escolhas? Várias opiniões surgiram tornando o ambiente problemático sob o ponto de vista filosófico. A vivência de um não determina a vivência do outro, contudo auxiliar na descoberta de novos agenciamentos que valem um minuto de atenção.

**EDUARDO E MÔNICA**

- ▶ **TERRITÓRIO** – AUSÊNCIA DE SENTIDO APARENTE PARA OS ACONTECIMENTOS
- ▶ **DESTERRITÓRIO** – RAZÕES DO CORAÇÃO ULTRAPASSAM A LÓGICA
- ▶ **RETERRITÓRIO** – FORMAÇÃO DE UMA FAMÍLIA POUCO PROVÁVEL

A terceira canção tem como título Monte Castelo, a conversa em sala seguiu dois tons, o primeiro do significado de Monte Castelo como local de segurança, refúgio de sentimentos. Alguns alunos relataram que se sentiam seguros na companhia dos pais, embora estes “*pegassem muito no seu pé*”, outros relataram dificuldades no relacionamento familiar e que tinham amigos fora de casa para conversar, pedir conselhos, enquanto outros

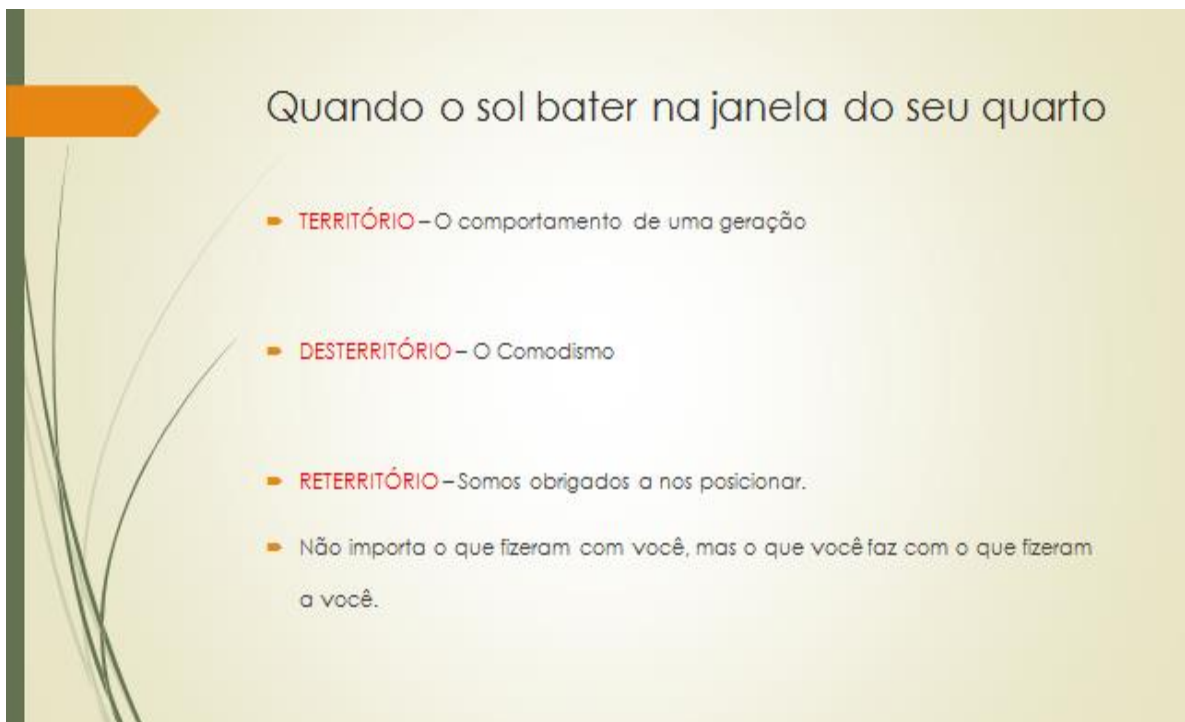
ainda disseram não se sentirem tão à vontade para falarem sobre si com outras pessoas; o segundo tons foi sugerido pelo professor que direcionou a conversa no sentido de problematizá-lo filosoficamente, buscando um questionamento acadêmico sobre o que é o amor e suas manifestações. Algumas frases foram lançadas para reflexão: “Há razões que a própria razão desconhece” (Pascal). O amor não tem limites, está em qualquer lugar. O amor verdadeiro é puro, não está sujeito a erros. Amar é cuidar, é se interessar pelo outro sem querer reconhecimento como forma de valorização pessoal. Amar é sentir-se responsável pela dignidade do outro enquanto ser humano em sua singularidade.



Essa foi uma das músicas mais debatidas, pois versa sobre diferentes assuntos que inquietam o ser humano, como amor, fé, sentimento, das limitações e incapacidade de saber todas as coisas. A frase “ainda que eu falasse a língua dos homens e falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria”, nos fala da superioridade do amor, em relação à lógica da razão humana, que não consegue explicá-lo, mas quando fazemos a experiência prática do amor, esta supera qualquer dualidade ou contradição presente nos relacionamentos.

A quarta canção trabalhada em sala foi “Quando o sol bater na janela do seu quarto”, as primeiras falas apresentaram uma relação entre a claridade do sol e o início do dia, a preguiça de acordar cedo, a vontade de ficar mais um pouco na cama, sem seguida houve uma provocação do professor sobre a metáfora “o sol bater”, O que significa bater? O que

significa janela? O que significa dizer que “*o caminho é o sol*” e logo a imaginação começou a viajar por inúmeros significados possíveis e perceberam que as chances existem e que não podemos desperdiçá-las. Um aluno discordou que há oportunidades para todos, que conseguir “*um lugar ao sol*” é para poucos. O professor fez uma intervenção para explicar que as oportunidades existem, mas que o acesso a elas nem sempre é justo, imparcial ou digno. Possuímos algum tipo de potencial, contudo precisamos conhecer nosso potencial para que tenhamos condições reais de fazemos escolhas certas e nos qualificar para aproveitarmos as oportunidades que surgirão ao longo de nossas vidas. Neste sentido quanto melhor for nosso preparo e nossa competência, maior serão as chances de sucesso na vida. Após esta breve reflexão, o aluno ficou pensativo, porém sem demonstrar credibilidade pela fala do professor, mas para minha surpresa, no final do ano letivo, ele veio conversar e confessou que aquelas palavras o fizeram repensar seu entendimento sobre oportunidades. A sensação de dever cumprido aconteceu de fato.



Na quinta canção o grupo teve dificuldade para apresentar a melodia da letra “*Soldados*” e transferiram o sentimento de decepção com o ritmo e a melodia para a letra. A letra da música fala sobre um soldado triste, da sua participação em uma guerra, da saudade dos familiares. A dificuldade na leitura e interpretação do grupo ficou clara quando relacionada com o desinteresse pela melodia. A provocação teve que acontecer no sentido catártico, ou

seja, purificar a alma humana de seus exageros, excessos ou impedimentos de enxergar com clareza e sentir com pureza as inúmeras situações da vida. É o ato de expulsar, para fora de si, àquilo que nos adocece.

Por essa razão para Aristóteles é necessário ensinar música aos jovens, eles aprendem por meio da imitação, do jogo e do divertimento:

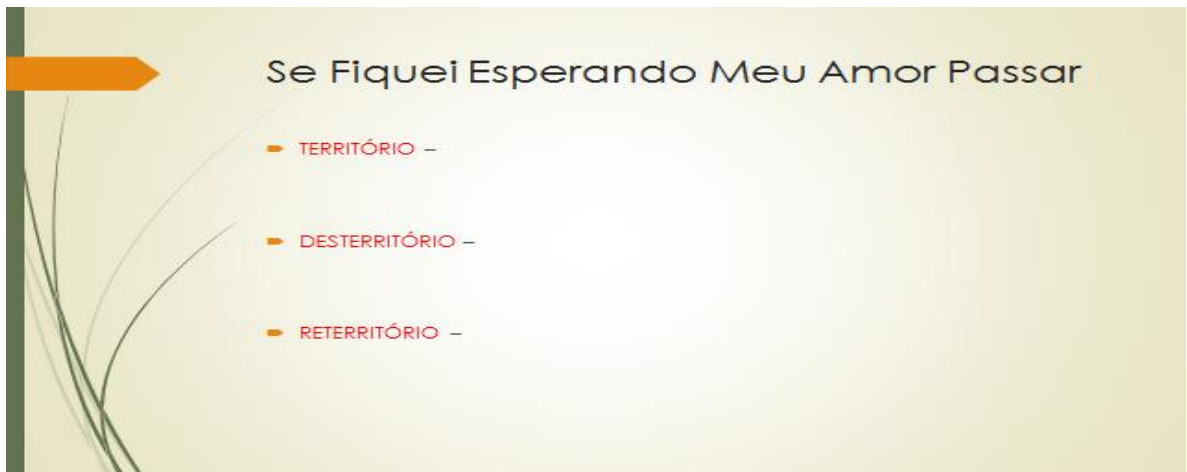
É precisamente nos ritmos e nas melodias que nos deparamos com as imitações mais perfeitas da verdadeira natureza da cólera e da mansidão, e também da coragem e da temperança, e de todos os seus opostos e de outras disposições morais (a prática prova-o bem, visto que o nosso estado de espírito se altera de acordo com a música que escutamos). A tristeza e a alegria que experimentamos através das imitações estão muito perto da verdade desses sentimentos (...). No tocante às sensações restantes, tais como o tato e o gosto, nenhuma delas imita as disposições morais. No caso da visão, a imitação é tênue: há de fato figuras que imitam disposições morais, mas de modo muito débil (...). Por outro lado, nas próprias melodias há imitação de disposições morais. E isso é claro, visto que as melodias se caracterizam por não serem todas de natureza idêntica; quem as escutas reagem de modo distinto em relação a cada uma delas. Com efeito, umas deixam-nos mais melancólicos e graves, como acontece com a mixolídia; outras enfraquecem o espírito, como as lânguidas; outras incutem um estado de espírito intermédio e circunspecto como parece ser apanágio da harmonia dórica, porquanto a frígia induz ao entusiasmo. (Aristóteles, 1340: 15-30).

O aprendizado está para além do gosto pessoal. O conhecimento não possui gosto ou preferência, mas conteúdo e intenção. Viver significa atribuir sentido à sua própria existência. O preconceito é um limitador de sentido, de crescimento e de relacionamento. Somos parte de um todo. Ser parte é assumir que somos diferentes, com valores e perspectivas diferentes e por isso precisamos enxergar o outro como diferente. “*Quem é o inimigo, quem é você?*”. Ao terminar os comentários foi possível perceber o semblante de preocupação presente nos rostos de muitos (as) deles (as). Antes parecia que não era possível ler tanto em uma letra de música, mas agora parecia que estava ficando clara a dimensão metafórica e imaginativa que as letras continham.

Na sexta canção, “*Se fiquei esperando meu amor passar*”, ouvimos comentários do tipo não tenho paciência para ficar esperando por alguém que se atrasa sem apresentar um motivo prévio o ainda não vale a pena sofrer por alguém que não corresponda ao amor demonstrado, também falaram que quando se ama alguém esperar não é problema, estar apaixonado (a) exige atenção, carinho, companheirismo, compreensão e respeito pela outra pessoa.

Esta canção foi cantada pelo grupo e acompanhada por vários (as) alunos (as) da sala. Os primeiros comentários tiveram um tom romântico, mas era preciso mais uma vez ir além das primeiras impressões para provocar o processo de desterritorialização e reterritorialização que é o principal objetivo do referencial teórico da pesquisa, por isso foi preciso mais uma intervenção do professor no sentido de provocar o pensamento. Para Deleuze pensar é uma violência sobre as faculdades, ideia, sobretudo explorada na obra *Diferença e Repetição*. Discutimos sobre o conceito de preconceito e os valores pessoais que funcionam como critérios de escolhas e ação. Temos um complexo desafio, harmonizar a dicotomia sentimento-razão.

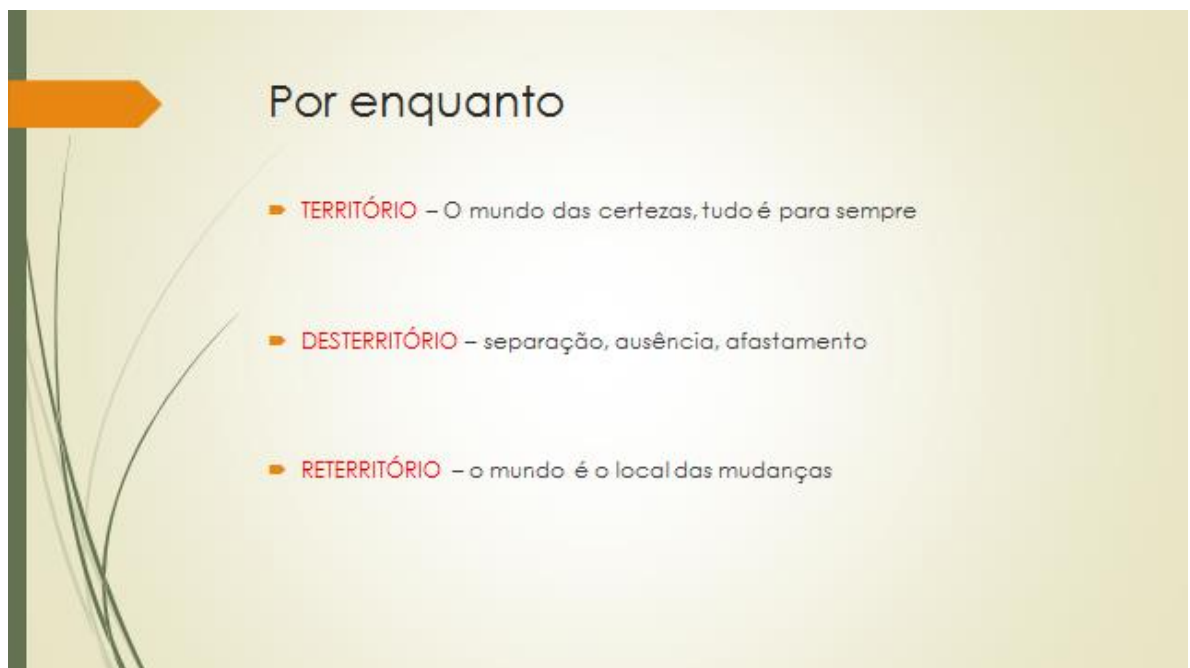
Outro fator importante a ser considerado é a fala de valores como a paciência o amor e a verdade, mas direciona nossa compreensão para a pureza do sentimento e a purificação da razão, desta forma conseguiremos reduzir o preconceito e elevar nosso grau de respeito à dignidade do outro. Desenvolver a autoconsciência sobre conviver com o diferente nos torna pessoas mais tolerantes com as diferenças. Saber que cada pessoa é singular, com anseios próprios, com sentimento e com razão para avaliar e julgar é o primeiro passo percebemos que o amar vai além do simples desejo de posse pelo corpo do outro em sua totalidade.



Na sétima canção, “*Por enquanto*”, falaram sobre o tempo de duração das coisas e das pessoas. Organizamos nossa vida em torno do tempo que levamos para conquistar e dominá-las. Alguns lembraram que muitos vivem na certeza de que nada irá mudar que tudo permanecerá como está ou como sempre foi. Nesta letra a reflexão o professor chamou atenção da classe para o fator contextualização. Entender a relação que há entre

passado, presente e futuro. A vida é mais do que certezas ou pontos de vistas pessoais sobre os assuntos que eu tomo conhecimento.

Compreender a vida é perceber o fluxo constante de apelos às escolhas diárias que somos obrigados a fazer, compreender a vida é perceber que qualquer ação tem uma reação e os resultados não são mensuráveis com exatidão. Uma vez praticado a ação ela seguirá seu curso até cumprir seu tempo de duração. A metáfora das quatro estações, utilizada na letra da canção nos convida a questionarmos nossos dogmatismos. Será que há verdade absoluta ou ela deve ser construída todos os dias em cada situação como resultado de nossa liberdade e responsabilidade perante o mundo o outro e nós mesmos? Somos seres compostos de razão e sensibilidade, por isso somos capazes de atribuir sentido a tudo o que fazemos e, sobretudo ao que acontece conosco por forças extrínsecas que agem sobre nossa vida.



Na última canção da primeira etapa das atividades com músicas realizadas em sala, trabalhamos a canção “Índios”, onde foi expresso valores como a simplicidade e ignorância frente à esperteza e a ganância dos colonizadores em relação à riqueza encontrada na terra que, futuramente, seria conhecida pelo nome de Brasil. A vida simples, desprovida de valores capitalistas, não permitia aos “índios” perceberem quais eram as verdadeiras intenções dos recém-chegados europeus. Coube uma reflexão para ampliar o

potencial interpretativo e alargar o horizonte perceptivo da realidade, orientando os (as) adolescentes a enxergar a parte no todo à que ela pertence.

Primeiramente precisamos pensar na ideia de apropriação dos bens alheios, ter o que é de outrem sem que este tenha consciência do seu significado, usando de artimanhas para lhe ludibriar, convencendo-o sobre sua condição de superioridade em relação ao que é dele por direito é um crime e merece a correção devida; segundo ponto que merece atenção, o abuso de autoridade, tornar o outro meu servidor suplantando a dignidade e o valor das pessoas consideradas diferentes; outro ponto em destaque na letra é a insaciedade humana, a necessidade de ter mais do que o outro para viver bem; outra questão levantada para reflexão foi acerca dos valores humanos, como seria a sociedade se os mais pobres fossem considerados os primeiros na escala de importância? Ou ainda como seriam relações sociais se os mais necessitados tivessem prioridade na saúde, educação, trabalho, moradia; por fim o último questionamento ficou por conta da parte “*que me entende do início ao fim*” falamos ainda sobre a morte, que parece ser o fim para muitos, exceto para os cristãos que acreditam e vivem os ensinamentos de Cristo, tendo como finalidade a ressurreição e vendo a morte apenas como passagem do estado de pecado para o estado da graça eterna. Pensar a morte é uma atitude difícil, complexa e imprecisa, mas é inevitável uma vez que ela chegará. A morte nos ajuda a entender que não somos perfeitos, que não vivemos para sempre e que, sobretudo somos seres limitados e interdependentes. Estamos em construção e viveremos na memória dos nossos sucessores. Fica a pergunta: o que e como iremos deixar-nos para os outros?



**Índios**

- ▶ **TERRITÓRIO** – simplicidade, preconceito e ilusões
- ▶ **DESTERRITÓRIO** – polêmica com a visão autoritária (da elite) de sociedade
- ▶ **RETERRITÓRIO** – entender as pessoas apenas como pessoas (dignidade)

O projeto sobre a utilização da música como instrumento de ensino-aprendizagem dentro da sala de aula surgiu a partir de sucessivas reuniões pedagógicas e conversas em momentos de hora atividade onde professores das mais variadas disciplinas reclamavam da indisciplina em sala por parte dos alunos. As conversas tinham como pretensão descobrir uma maneira de conseguir chamar a atenção para os conteúdos. Mas, como fazer isso uma vez que os interesses dos alunos pareciam outros? Ao observarmos estes alunos, constatamos que atividades fora da sala em que eles eram protagonistas como júri simulado, apresentações artísticas das mais variadas possíveis (músicas, teatro, filmes, pinturas, quadros, etc.), viagens culturais, atraíam seus interesses tornando a aula mais agradável, além de despertar o interesse pelo conteúdo.

Foi a partir do diálogo a sobre o que é importante na vida que possibilitou pensar estas atividades diferenciadas podem ter no processo de ensino-aprendizagem que, decidiu-se por aplicá-las de forma programada tendo em as vista datas comemorativas ou outros momentos significativos para o Colégio Estadual Tiradentes. As atividades selecionadas foram incluídas para serem trabalhadas ao longo dos bimestres letivos, juntamente com o conteúdo previsto no PTD (Plano de Trabalho Docente) que por sua vez obedece aos conteúdos estruturantes das diretrizes da educação no Paraná.

A partir de então, sugeri aos colegas professores que realizássemos atividades interdisciplinares com a música, pois segundo Caetano e Gomes (2012) a educação atual exige que o professor seja criativo e trabalhe de forma diversificada, aumentando o repertório de linguagens. O objetivo esperado por todos era que os educandos se sentissem mais motivados e interessados, lessem o mundo ao seu redor e se percebessem enquanto sujeitos de sua própria história.

[...] nas escolas, o educador deve ser criativo para, então, propiciar aos seus alunos situações em que possam construir algo novo e realizar experiências que aumentem sua visão do mundo, colaborando, assim, para a formação da sua identidade e autonomia. (Gohn e Stavracas, 2010: 87).

O local para a execução do projeto foi o Colégio Estadual Tiradentes com a turma do terceiro ano A do Ensino Médio no ano de 2016, período matutino, com 40 alunos (as) na expectativa de ingressarem no vestibular. Durante o ano de 2015 foi demonstrado, pela

turma que cursava o segundo ano do Ensino Médio, uma falta de interesse pelo conteúdo trabalhado na disciplina de filosofia e outras disciplinas como Matemática e Língua Portuguesa, História e Química, onde a reclamação acontecia devido à grande quantidade de textos e à dificuldade com a leitura e sua interpretação.

Conversando com a turma percebi juntamente com outros professores que o nível de leitura e interpretação não era adequado para a série que eles estavam cursando. Ao conversar com os (as) alunos (as) sobre o que eles mais gostavam de fazer, tive como resposta: ouvir música, navegar na internet, ver filmes e atividades extracurriculares. Todas as atividades citadas são possíveis controlar o tempo e não exigem compromissos externos, por isso, qualquer uma delas que fosse escolhida seria bem desenvolvida. A escolha pela música se deu em virtude do professor saber tocar violão, portanto o entrosamento seria facilitado (ensaiar e cantar juntos).

Começamos então, professor e alunos (as), a pensar sobre o que seria possível fazer com a música para que esta funcionasse como instrumento didático e não apenas como fonte de prazer, descontração e satisfação pessoal. Didaticamente teria como finalidade, estimular o interesse pela leitura de forma a amenizar os problemas que sua falta acarreta para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Num segundo momento, o objetivo seria auxiliar na interpretação dos mais diversos textos, e por fim, torná-los cidadãos mais críticos.

Dentre a lista disponibilizada de possíveis compositores para o trabalho, o cantor e compositor escolhido foi Renato Russo. Selecionamos oito canções de sua autoria, dividimos a sala em oito grupos com cinco alunos (as) cada grupo, sendo entregue uma canção a cada grupo e concedendo um tempo para aprenderem as canções e cantarem em sala de aula aos seus colegas. O passo seguinte foi pedir para que fizessem uma pesquisa biográfica sobre Renato Russo com a intenção de se familiarizarem com a pessoa, com os gostos particulares, com a época em que ele viveu, a que tipo de realidade as canções se referiam, ou seja, o contexto existencial do compositor das letras e das melodias.

Começamos as apresentações das letras e suas melodias em sala pelos grupos que, ao final, expunham o que haviam entendido sobre a letra. Em cada aula eram apresentadas duas canções e os devidos comentários dos integrantes daquele grupo. Ao término das

apresentações foi apresentado pelo professor um retorno a respeito de cada canção que consta na sequência dos comentários realizados pelos (as) alunos (as) em sala de aula.

### **3.2 Música: encontro de saberes desterritorializando-se**

As primeiras atividades propostas aos (as) alunos (as) no início do ano se referiam ao cantor e compositor Renato Russo. Fizeram uma pesquisa biográfica que serviu para aprenderem o que significa o contexto e a história de vida e sua relação com o processo de criação musical. Paralelamente estávamos estudando a disciplina de estética filosófica onde falávamos sobre a pessoa do gênio. Assuntos como originalidade, talento natural, intuição criadora fizeram partes do nosso debate. Ler canções de uma outra época foi interessante para também percebemos que os assuntos presentes nas canções continuam a fazer parte do nosso cotidiano com outra linguagem, com outros direcionamentos. Questões religiosas, familiares, políticas, acesso a oportunidades de emprego, tipos violência, soldados, conquistas se fizeram presentes de forma leve e descontraída nas participações que se tornaram mais frequentes após a utilização da música como instrumento de afetação.

Dentre as dificuldades encontradas nesta primeira parte da aplicação do projeto temos a falta de empatia com as letras e seus respectivos ritmos. Sendo a intenção despertar o prazer e o interesse para então desenvolver o espírito crítico, ocorreu uma pequena frustração, pois as canções não despertaram o prazer esperado, no entanto, houve participação e envolvimento já que a atividade estava associada ao processo avaliativo e consequentemente a nota bimestral, critério para aprovação ou reprovação. Portanto, parte da intenção foi alcançada, mas não em sua completude, pois além do resultado final, tínhamos que focar no processo, nos meios que nos levam ao fim. O método cartográfico permite que as direções sejam (re) vistas, (re) direcionadas para ajustes de acordo com as necessidades pontuais. Neste sentido vejamos:

Essa visão nos revela que cada sociedade está sujeita a uma infinidade de músicas que, naturalmente, são veiculadas por diferentes meios, exercendo um impacto maior ou menor, benéfico ou maléfico, unicultural ou multicultural, de acordo com o grau de consciência e formação estética, artística e cultural de cada contexto social. (Queiroz, 2004: 102)

A música é vista por psicopedagogos e pesquisadores da área da educação como uma forte aliada no desenvolvimento cognitivo e motor das pessoas, mas é preciso que junto com a letra, o ritmo, a harmonia e a melodia esteja o prazer pela audição, ou seja, ao ouvir deve se fazer presente simultaneamente o aspecto racional e emocional de cada um. Para Brécia (2003: 60) “[...] a música pode melhorar o desempenho e a concentração, além de ter um impacto positivo na aprendizagem de matemática, leitura e outras habilidades linguísticas nas crianças”.

Os estudos sobre os benefícios que a música propicia a quem ouve são inúmeros, desde aspectos cognitivos, recuperação ou tratamentos de saúde, atividades esportivas dentre outras, mas o ponto mais importante a ser considerado é a qualidade do que se ouve e o prazer que a escuta musical provoca no ouvinte. Pensando em aumentar o interesse pelo estudo foi proposto para dar continuidade no segundo semestre as seguintes perguntas: Quais são seus cantores preferidos? Quais canções são mais ouvidas por vocês? Que canção você escolheria para estudar e por quê?

A música possui em si uma potencialidade de desterritoriamento. Partir daquilo que me é próprio, comum, corriqueiro e que nem mesmo consigo definir ou delimitar consiste em entender o território de cada aluno (a) para promover direções. Precisamos saber com o que estamos lidando, de onde estamos saindo e para onde queremos ir ou chegar. Entrar em contato com outros mundos, outros horizontes, perspectivas, leituras de mundo, acabamos por enfrentar nossos medos, o diferente, o incerto, vemos outros olhares, outros sentidos, outras respostas, vivemos um confronto contínuo, uma reelaboração de valores, posturas.

A melodia seduz, encanta, extrapola a moral, a razão, as regras, exprimem sentimentos incontáveis e incontáveis. Atletas encontram motivação para superar suas limitações ou estímulos para continuar treinando; namorados buscam expressar sentimentos puros em relação ao interesse pela pessoa amada; profissionais da saúde encontram uma forma de estimular a produção de endorfinas no corpo, reduzem a ansiedade por meio do controle dos batimentos cardíacos, ou ainda o relaxamento da musculatura para diminuição de dores através de músicas lentas; e no nível do desenvolvimento cognitivo e motor, estudos comprovam que a música exercita os dois lados do cérebro e que pessoas que aprendem

tocar ou cantar desenvolvem melhor suas habilidades de aprendizado em todas as áreas. Gardner ao falar das inteligências múltiplas fala da música como sendo a que está latente em todos os seres humanos. Qualquer atividade humana exige noções de espaço e tempo, memória e criatividade, repetição e proporção, sentimento e harmonia entre as partes e tantas outras atribuições presentes nos seres humanos.

Estes conceitos citados acima foram trabalhados a partir da leitura feita por Gilles Deleuze e Félix Guattari. São conceitos ligados à Geografia e à Botânica, mas que adequam muito bem, como enriquecimento da interdisciplinaridade dentro do processo de ensino-aprendizado. Somos constantemente influenciados e influenciadores em nossas escolhas. Buscamos a verdade, a felicidade, o prazer. Possuímos a capacidade de conhecer as coisas, as pessoas e a natureza que está ao nosso redor. Ter sugerido compositor e canções foi um ato de violência induzida. Os (as) alunos (as) tiveram sua liberdade de escolha limitada e por isso, acabaram não sentindo o prazer desinteressado, necessário para apreciação intelectual e artística das canções.

O confronto com o diferente por si só revela num primeiro momento um desconforto, num segundo momento, caso não estimula o prazer, o encanto, a sedução, acabam por causa a estranheza e conseqüentemente a rejeição. A desterritorialização neste caso é o confronto com o diferente, com a surpresa que conduziu cada um a pensar o que não haviam pensado as conseqüências de aceitação de uma escolha. A pergunta inevitável é: quanto eu sou responsável pelas minhas escolhas? O que devo fazer com as minhas escolhas após tê-las feito? As quais transformações minhas escolhas me conduzem?

Ao sair da nossa zona de conforto ficamos durante um tempo impreciso, perdidos em convicções até então seguras, mas que com o tempo serão confrontadas e testadas sob outros prismas. A reterritorialização se faz involuntária, mas ao mesmo tempo com uma nova consciência, agora capaz de pensar critério para poder me posicionar frente aos acontecimentos a que sou exposto durante toda minha existência. Retornar ao Território é um desafio, nunca conseguimos voltar ao mesmo lugar e nem do mesmo jeito que éramos. Reterritorializar é processo de desenvolvimento, assim como o rizoma cresce para todos os lugares, em todas as direções, de maneira análoga a construção de sentido para nossa existência vai acontecendo. Referindo-se ao rizoma Deleuze e Guattari afirmam que “não é

feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda”. (Deleuze e Guattari, 2004: 32).

Quando relacionamos o rizoma (tubérculos, bulbos cujas raízes expandem-se extensivamente e em todos os sentidos) com a música o fazemos pela sua capacidade de se conectar em qualquer pessoa, em qualquer lugar e em qualquer direção. Sua extensão é ilimitada, bem como os sentimentos, as lembranças, o despertar para situações concretas. A principal característica do rizoma é sua capacidade de se multiplicar, de estar presente em vários locais ao mesmo tempo, fazendo se entender sob qualquer olhar, sob qualquer direção. É possível a separação sem a perda de sentido, o processo rizomático viola a lógica do sentido aparente, ele funciona como um vírus que se propaga sem pretensões previamente acordadas ou determinadas, apenas se alcança outros territórios. Ao ouvirmos uma, duas, três ou mais vezes uma canção não há como mensurar o que iremos sentir ou lembrar ou ainda quantas sinapses seria possível realizar.

A música nos auxilia no processo de conscientização. Faria (2000: 24), “A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação”.

Um rizoma também é um mapa:

[...] o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (Deleuze e Guattari, 1995: 22).

A escola enquanto é um espaço privilegiado para a socialização dos conhecimentos científicos, para promoção das trocas de experiências entre os indivíduos. A música por excelência trabalha com a emoção dos ouvintes, produzindo sensações agradáveis de fruição, capaz de atrair, envolver e seduzir os (as) alunos (as) para a leitura e o aprendizado dos conteúdos a serem trabalhados em sala. Ao despertar o interesse pela leitura através de questionamentos implícitos nas letras das canções, naturalmente a curiosidade para outras questões se farão iminentes.

A música nos afeta de duas maneiras direta e indiretamente. A primeira através do som sobre nossos órgãos e células; já a segunda sobre nossas emoções que irão influenciar diretamente no desenvolvimento e em mudanças quando trabalhadas com a finalidade acadêmica. A música quando ouvida desperta sentimentos de alegria ou tristeza, sensualidade, calma, rebeldia e outros tantos incontáveis, caracterizando assim um fator importantíssimo na formação do caráter e da identidade de cada pessoa.

Vemos então que a educação tem um papel fundamental, educar para o exercício da cidadania. Sermos pessoas conscientes, críticas e atuantes dentro da sociedade é o que se espera da educação escolar. A educação para obter sucesso em sua finalidade se estrutura sob quatro pilares propostos por Jacques Delors: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser. O aprender acontece de forma singular em cada pessoa, Deleuze ao contrário de Platão que acreditava que o saber estava preso e precisava vir à tona, ou seja, aprendemos o que já sabíamos, mas ainda não tínhamos consciência. Deleuze muda radicalmente esta forma de entender o aprendizado ao afirmar que “aprender é tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro” (2006: 238). A ênfase recai na passagem, na construção, na continuidade, nos agenciamentos que são características do rizoma. O processo é, portanto mais importante que o resultado. O valor do aprender está em experienciar, em produzir caminhos capazes de viabilizar outros territórios.

### **3.3 O prazer que vem da escolha**

Quando foi sugerida uma pesquisa sobre assuntos atuais e posteriormente sua relação com as músicas, existia uma expectativa do desenvolvimento do senso crítico em cada aluno (a). Foram muitos os assuntos pesquisados, alguns polêmicos como a mulher no poder, apresentado pela aluna 24. A música Mulher no Poder da Mc Pocahontas foi relacionada com a matéria jornalística veiculada na Revista Veja, no site O Globo e no site do jornal Estadão. A canção exalta a ostentação provocada pelo dinheiro, pela vaidade, fala do orgulho em ser a sensação do lugar por onde passa, fala do poder que as aparências provocam nas pessoas e em como muitas delas gostam de serem enxergadas. Ao ser anunciado este assunto vários (as) alunos (as) se manifestaram dizendo que realmente isso acontece com frequência, que a sociedade capitalista estimula o consumo e prioriza o

dinheiro em detrimento das relações humanas. O importante é consumir. Citaram a necessidade de estarem sempre atualizados: um celular da moda, uma roupa que cause uma boa impressão, frequentar lugares que estejam em evidência como lanchonetes, clubes, shows, festas e o mais relevante aparecer, nas redes sociais.

Outra reportagem falava sobre o gasto e o legado das olimpíadas, comparando O Rio de Janeiro, que era sede em 2016 com a cidade de Tóquio que será a próxima sede em 2020. Nas matérias jornalísticas a discussão foi sendo ampliada, pois três veículos diferentes de comunicação abordaram de forma diferente o assunto em questão. A revista Veja trouxe como manchete a demissão voluntária do antigo prefeito de Tóquio por gastar seis vezes mais do que o previsto em obras para os jogos. A atual prefeita disse *“Os gastos foram questionados no Japão. Os jogos não devem ser um evento isolado, sem consequências para a população. Não podemos desperdiçar dinheiro”*. A Agência O Globo apresentou como manchete a governadora de Tóquio com o prefeito do Rio de Janeiro em entrevista coletiva. A prefeita disse que veio ao Rio buscar dicas para o “gerenciamento dos Jogos” e afirmou: *“fiquei tocada como o Rio não quer ser um elefante branco”*. *“Queremos deixar um legado para as futuras gerações e para todo o mundo. Queremos que os jogos sejam sustentáveis. Pretendemos economizar recursos naturais e financeiros durante os Jogos de 2020”*. Os grifos em itálico correspondem a alguns trechos da reportagem do dia 19/08/2016. No jornal Estadão o enfoque foi: *“Governadora de Tóquio manifesta preocupação com ‘elefantes brancos’ em 2020”*. Disse: *“queremos realizar jogos sustentáveis com base no conceito dos ‘três Rs’: redução de gases poluentes, reutilização de recursos e reciclagem”*.

Após a apresentação das matérias ficou claro o quanto o dinheiro é importante, o quanto ele faz a diferença, porém o uso racional, consciente, transparente e, sobretudo visando o bem comum é primordial para o sucesso. Gerenciar bem os recursos financeiros de forma a preservar o que já se tem é uma necessidade urgente para a manutenção do desenvolvimento humano digno. Tanto as canções quanto as matérias suscitaram vários questionamentos, que tipos de elefantes brancos são criados e com qual finalidade? Se o dinheiro existe, por que ele não é aplicado ao local correspondente? Qual a verdadeira intenção dos gestores políticos, uma vez que eles sempre se mostram preocupados com o bem da população em geral? As respostas se direcionavam para um consenso, eles mentem

para se elegerem e depois abusam da autoridade em favor próprio. Só pensam em si mesmos. Só querem enriquecer a custa do dinheiro do povo. Outra questão levantada foi sobre o papel do judiciário no julgamento e condenação dos crimes praticados contra o patrimônio público. Se a função do judiciário é julgar, condenar/absolver por que mesmo diante de tantos fatos, muitos continuam sem condenação? Por que mesmo nos casos de condenação, o roubo, a corrupção, os desvios, os abusos de poder continuam existindo em larga escala?

Pouco mais de um mês após estas e outras reflexões que seguiram este mesmo roteiro, porém com assuntos diversificados (família, relacionamento amoroso, política, sexo em filmes, desemprego, educação), ocorreu na Escola Estadual Tiradentes uma ocupação, onde alunos de várias séries resolveram aderir a um movimento em prol da luta contra a implantação do Ensino Médio Inovador em tempo integral. Proposta pelo então presidente Michel Temer por meio da medida provisória 746/2016 a reforma do Ensino Médio não foi aceita por muitos alunos que resolveram se manifestar. Os estudos sobre as condições de infraestrutura, de estrutura humana e financeira levaram os (as) alunos (as) a refletirem sobre a relevância e a urgência de um tema crucial para o desenvolvimento do País ser editado por meio de Medida Provisória. As leituras realizadas em sala e fora dela. O número de assuntos pesquisados, as inúmeras relações estabelecidas com fatos do cotidiano colaboraram para ampliar o raio de alcance, o interesse e o entendimento sobre o que acontece na sociedade e reflete diretamente na vida de cada cidadão (ã). Esta consciência fez com que a escola fosse palco de uma manifestação estudantil em prol do que, naquele momento, estava sendo entendido como o melhor a ser feito. A ocupação durou poucos dias, mas conseguiu chamar a atenção de autoridades para que os envolvidos no processo de reforma fossem ouvidos. A experiência foi positiva no sentido de vivenciar *in loco* uma situação de conflito, de estresse, de incertezas, de enfrentamento e coragem. O resultado foi percebido, em seguida ao retorno às aulas, o senso crítico entrou em evidência, uma vez que, começaram a perguntar sobre a realidade da escola, questões sobre a aplicação do dinheiro, cobranças por melhorias nas condições dos espaços físicos, postagens nas redes sociais sobre casos de corrupção, pedidos para condenação dos criminosos.

### 3.4 Criando paródias

Uma das intenções iniciais desta investigação era promover a interdisciplinaridade. Ao começar o ano letivo, propor e ser aceito as atividades com músicas, foi realizada uma conversa com professoras das áreas de matemática, língua portuguesa, educação física e arte. Houve, contudo alguns empecilhos como licença médica, substituição de professoras, greve geral da categoria e ocupação da escola que impediram a interdisciplinaridade com quase todas, exceto matemática que utilizou a paródia para revisar conteúdos com vistas à preparação do vestibular no final do ano. Após a formação dos grupos pela professora Priscila foi explicada as regras, que consistia em falar sobre o que haviam aprendido em matemática usando uma canção à escolha dos membros do grupo. Esta atividade foi avaliada como trabalho a compor parte da nota bimestral. Com esta atividade foi possível perceber que conhecimento e linguagem possuem relação intrínseca. Ao mudar algumas palavras observando o sentido que elas ocupam na frase, aliado ao conteúdo que queremos obtemos um resultado fantástico. Na paródia foi possível falar sobre equações, juros simples e composto, teorema de Pitágoras, radiciação as quatro operações básicas, pontuação. Parecia uma simples atividade para ganhar nota, mas após as apresentações e a constatação da quantidade de conteúdos presentes em curtas letras de músicas perceberam que o conhecimento não possui dimensões mensuráveis, ele está em constante expansão, basta que permitamos.

### 3.5 A importância da contextualização

Ao pensar as inúmeras possibilidades de ampliar o conhecimento, resolvi propor um desafio mais complexo, uma avaliação filosófica utilizando a música “Pra ser sincero” da banda Engenheiros do Hawaii, composta por Humberto Gessinger no ano de 1990. **Ver Anexo - Avaliações.** A avaliação consistia na leitura e escuta da canção, que foi cantada pelo professor durante a aula; responder às problematizações sobre a “exigência da sinceridade” e “crime perfeito não deixam suspeitos”; o último ponto consistia em um critério para guiar o raciocínio seguindo os passos de um método científico (observação, hipótese, experimentação, lei e teoria). Eles toparam prontamente que a prova fosse assim, primeiro por que poderiam realizar a prova em casa, segundo por que teriam uma semana

para concluí-la e terceiro por que foi feito pelo professor uma explanação sobre alguns pontos cruciais da letra para alargar o horizonte interpretativo e contextual, naturalmente existente em cada letra de canção.

Em geral a letra fala de duas pessoas que se separam por causa de crime cometido por um deles e este crime era perfeito, por isso não houve castigo. Há fortes indícios de o crime ser a traição, já que em 1990 ela era considerada crime, segundo o código penal brasileiro de 1945. Ele se arrepende e quer o perdão dela, pois acredita não ter acabado o vínculo afetivo entre ambos espera que um dia possam ser apenas bons amigos. Para conseguirmos chegar a esta conclusão precisamos de várias leituras, de várias áreas do saber, como direito, história, língua portuguesa. Esta relação profícua de saberes torna a interpretação prazerosa e fecunda. Na vida, segundo David Hume, a formação de ideias acontece por meio de três tipos: as de contiguidade, comparações e as de causalidade. Vejamos um extrato da sua obra *Tratado da Natureza Humana* (2009: 36):

Primeiro uma impressão atinge os nossos sentidos e faz-nos perceber calor ou frio, sede ou fome, prazer ou dor de qualquer espécie. Desta impressão a mente tira uma cópia, a qual permanece depois de desaparecer a impressão: é o que denominamos ideia. Esta ideia de prazer ou de dor, quando regressa à alma, produz novas impressões de desejo e aversão, de esperança e medo, que podem propriamente chamar-se impressões de reflexão, porque derivam dela.

Após a entrega da avaliação realizamos um momento de retroação utilizando a dinâmica do concordo, discordo ou concordo parcialmente. Foi pedido para que os (as) alunos (as) expusessem o que sentiram, aprenderam, enfim o que aquela canção falou para cada um (a) em particular. Os comentários foram muito otimistas dizendo que conseguiram se identificar com o conteúdo das canções, por exemplo, a canção *Cidadão* do Zé Ramalho que fala da distinção entre os trabalhadores e os donos das construções; *Meu País* do Zezé di Camargo que mostra o quanto há de recursos no País, por um lado e como tem pessoas passando necessidade por outro, nesta canção foi pedido um vídeo que a retratasse, quase todos se empenharam em cumprir a tarefa proposta. Os que se dedicaram, relataram o prazer de ter entendido a mensagem, a atualidade da letra, a falta de vergonha dos governantes em saber que mesmo tendo recursos em abundância eles são repartidos de forma injusta? O outro enfoque dado foi sobre alguns tipos de pobreza: psicológica, social e política. A identificação com um ou todos os tipos de pobreza foi inevitável, o que despertou inúmeras perguntas, tendo sido a letra mais comentada e apreciada; *Eduardo e*

*Mônica* do Renato Russo que trata da amizade que se torna um casamento e da identificação com esta experiência; na letra *Pais e Filhos* do Renato Russo a reflexão sobre o respeito e o colocar-se no lugar dos pais para tentar entender as broncas, os discursos, as cobranças, foi uma lição de vida; já a letra da canção pra ser sincero do Humberto Gessinger, onde foi trabalhado contexto histórico foi a que mais exigiu pesquisa, leitura e empenho, pois o fato de ter sido escrita na década de 90 e tratar de um crime sendo que a lei sobre traição era diferente da atual, tornou a interpretação de um desafio. Foi preciso conhecer o significado de traição naquele momento histórico bem como seu entendimento jurídico para assim extrair a interpretação correta dos fatos. Tendo realizado o momento de partilha em sala sobre as várias leituras que cada aluno (a) fez, começamos o processo comparativo com a interpretação fornecida pelo autor da música e pelos críticos de letras. Curioso, como a interação e as descobertas afloraram a curiosidade em virtude de uma situação vivida por outra pessoa viveu. A traição é um fato social e como tal, qualquer pessoa está sujeita a ele, seja direta ou indiretamente. Aprender modo de lidar com uma situação que podemos ou não passar despertou o interesse pela aprendizagem.

Descobrir o que outra pessoa pensou parece uma tarefa simples, uma vez que já está dado, mas quando apenas não basta, sendo necessário um aprofundamento e uma busca mais ampla por informações complementares de forma a conseguir enxergar um horizonte de possibilidades de leituras, fez com que os (as) alunos (as) percebessem o poder ilimitado do conhecimento, a ausência de fronteiras em seus domínios, a força implícita das palavras, a implicitude da verdade que se revela no (s) contexto (s). O conhecimento é como um segredo acessível àqueles que o buscam. O conhecimento é como uma viagem feita pela primeira vez, não temos certeza do que iremos encontrar, mas sabemos que o que encontraremos é verdadeiro, pois é fruto de uma genuína experiência, sincera e real. Viajar é expandir-se na direção do novo. Viajar é arriscar-se numa aventura complementar, onde a volta me tornará inevitavelmente diferente da ida.

Nesta canção em particular foi trabalhado o método científico das ciências humanas (matéria curricular obrigatória estudada ao longo do bimestre letivo) composto pelos seguintes passos: observação, hipótese, experimentação, lei e teoria. A pergunta foi: como é possível identificar estes passos na história da música? Ainda nesta canção, trabalhamos um texto como pré-requisito para leitura e interpretação, Desterritorialização e

Reterritorialização escrito pela Geógrafa Ana Maria Cortez Vaz, (2010). Onde podemos observar que o homem carece do seu território do seu ambiente e de criar conexão e ligações com ele. Quando encontramos um território similar ao que já sabemos de sua existência, acabamos por nos confrontar com uma realidade que é a mesma e é outra ao mesmo tempo. Somos impelidos a nos desterritorializar na experiência do outro, mas ao mesmo tempo nos reterritorializamos pela necessidade inerente da segurança, da paz, do autocontrole da situação. Esta experiência consiste numa quebra de vínculos pessoais e sociais, ficamos como um barco à deriva, mas como não sabemos viver assim, sem vínculos, de forma espontânea e involuntária começamos o processo de Reterritorialização, este nem sempre é bem sucedido, contudo é inevitável e preciso. Por que a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando outros (Haesbaert, 2010).

Pensando, então em como aliar leitura e prazer surgiu como alternativa ao modo de escolha das canções partirmos do que já é constituído como prazer para eles (as). A atitude de envolver os (as) alunos (as) no processo de escolha fez com que o compromisso e a responsabilidade fossem desenvolvidos com maior prazer e interesse. Quais são seus cantores preferidos? Quais canções são mais ouvidas por você? Que canção você escolheria para estudar e por quê?

O retorno para as atividades do segundo semestre letivo, no início do mês de agosto, nos reunimos em sala e começamos a conversar sobre o que deveria ser critério dentro do ambiente escolar para realizarmos as escolhas das músicas; em seguida o que queríamos aprender, para então percebermos a importância de levar em consideração mais a letra que a melodia. Os (as) alunos (as) entenderam o quanto é complexo, permita-me usar um ditado popular: “tirar leite de pedra”, quando a preocupação da canção, deixa de ser a mensagem, o texto passa a ser o comércio, a mídia.

A primeira atividade em sala foi à exposição do cenário e que cada um vive através de um mapa conceitual, via “brainstorming”, ou seja, uma chuva de ideias. Propus a palavra família e o número de relações estabelecidas foi vasto, tomou a lousa. Apareceram palavras como medo, regra, dinheiro, trabalho, profissão, filmes com pornografia, viagem

e muitas outras. Tendo como ponto de partida estes termos passamos ao segundo momento, eles tinham que encontrar uma música correspondente aos termos escolhidos, aqui a variedade de ritmos e estilos foi riquíssima. Assim que escolheram a canção, passamos à leitura de mundo, onde cada um deles teve que encontrar e relacionar o tema escolhido em uma matéria de jornal, impresso ou on-line com fatos da vida deles. Fizeram a pesquisa extraclasse e em horário alternativos, escolheram um assunto de seu interesse e imprimiram as matérias em três veículos de comunicação diferentes onde as fontes seriam confrontadas para comparar o teor e o enfoque da informação transmitida. A interação em sala foi ao mesmo tempo, divertida, pois houve troca de experiências, risos diante da comicidade de alguns assuntos, preocupação, violência e corrupção de outros, olhares desconcertantes à medida que eles tomavam conhecimento de tantas informações que sozinhos não davam conta e não esperavam que aquele (a) aluno (a) fosse pesquisar aquele tipo de assunto; por outro lado muitos deles começaram a se dar conta da riqueza e profundidade que pode haver em uma letra de música, quantas situações podem ser pensadas, questionadas e assimiladas em uma canção. Ao comentar algumas letras e reportagens com a intenção de aguçar o interesse por saberem mais sobre assuntos do cotidiano que passam pelos nossos juízos de valor e de fato, às vezes movidos pelo senso comum, às vezes pelo senso crítico, mas sempre repletos de intenções explícitas ou implícitas, conscientes ou inconscientes, estes juízos são responsáveis pela formação da nossa educação humana, da nossa conduta profissional, familiar, econômica, religiosa, social, política. Atribuímos valores e moldamos os nossos valores a partir de nossas experiências e escolhas cotidianas.

### **3.6 Processo para análise de dados**

- ❖ A cartografia foi utilizada como técnica para orientar o desenvolvimento dos possíveis caminhos que iam sendo desenhado a partir da investigação ação.

#### **3.6.1 Análise de desempenho e aprendizagem**

Com as imagens abaixo será possível perceber o quanto a atividade realizada ao longo de um ano letivo fez diferença enquanto metodologia diferenciada e alternativa para o ensino-

aprendizado dos conteúdos formais obrigatórios dentro da Escola. As músicas trabalhadas dentro e fora da sala de aula funcionaram como instrumento didático pedagógico capaz de estimular tanto a formação humana como a reflexão crítica sobre os acontecimentos ocorridos diariamente dentro da sociedade. Este questionário reflete o quanto a música é importante e presente na vida de cada um deles e quando estudada para além do ritmo ou da literalidade é possível despertar prazer e criticidade em tudo o que se ouve

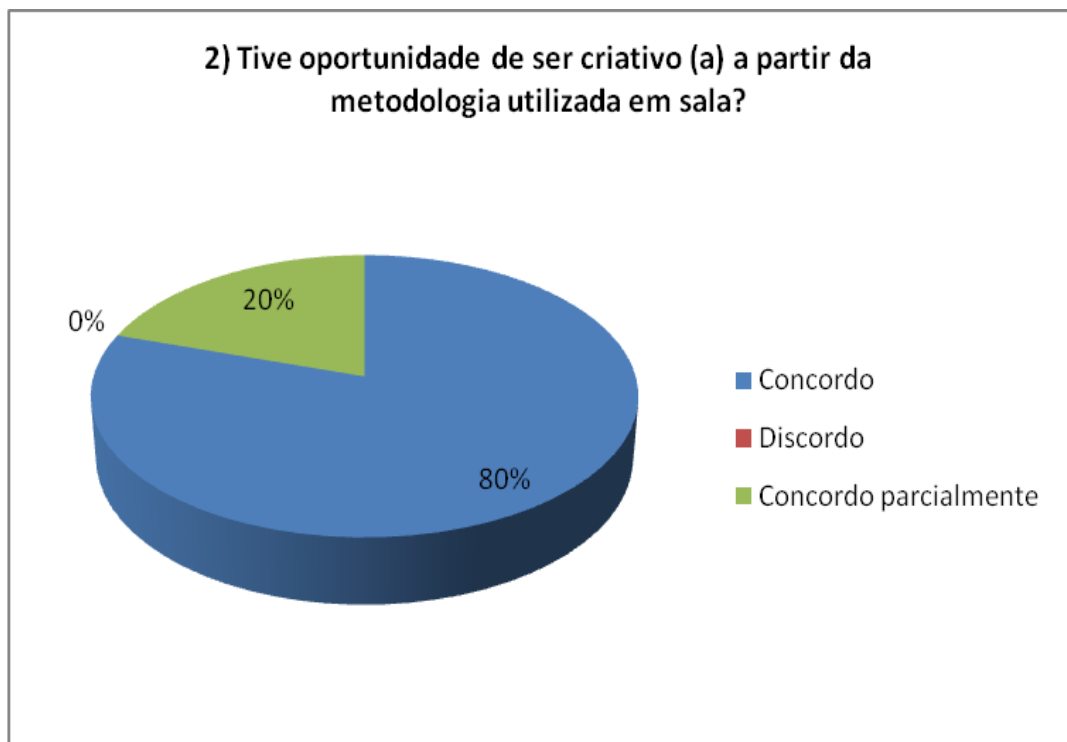


Visando a necessidade de propor um instrumento que tivesse como finalidade tornar as aulas mais prazerosas e atraentes, tanto sob o ponto de vista de quem leciona quanto do discente, a música foi escolhida para atuar como uma intercessora na tarefa do ensino-aprendizado.

A escolha da música como instrumento metodológico aconteceu em virtude do seu poder e força em produzir sentimentos e despertar a voluntariedade naqueles que a ouvem. A música estimula a concentração, a escuta, o entendimento e controle do tempo, a harmonia entre os diferentes, a leitura de contexto e a interpretação textual da realidade circundante.

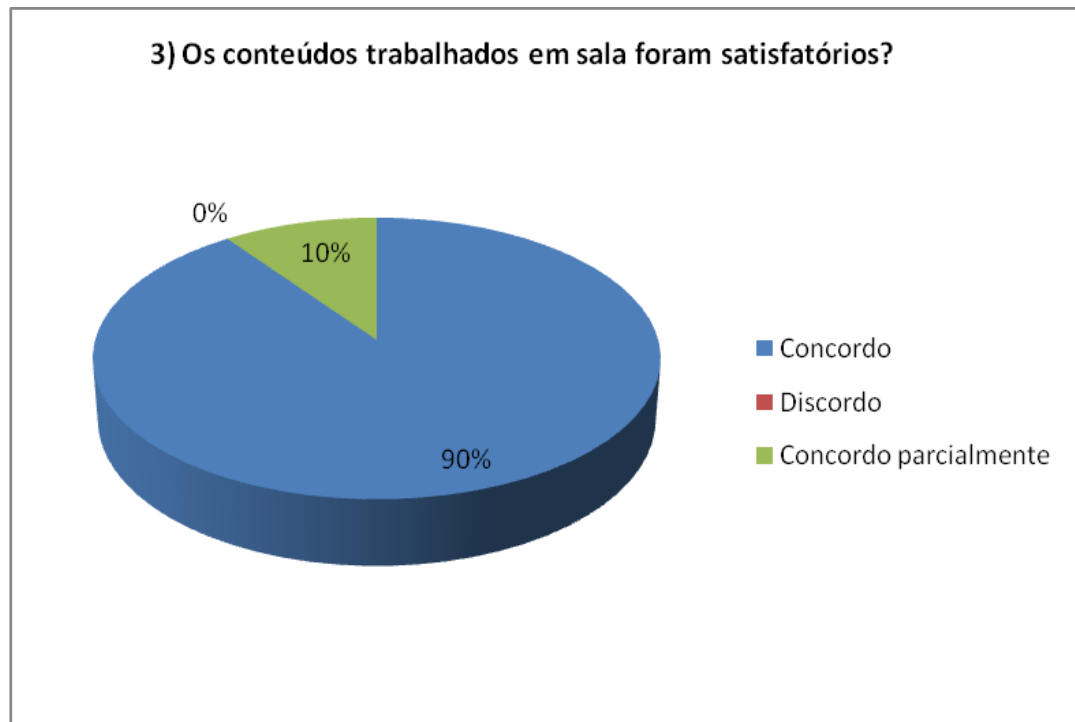
A escola é o ambiente onde adolescentes passam uma parte do seu tempo, são influenciadas e influenciam os seus pares. É importante oferecer momentos onde a livre expressão e a criatividade sejam vistas como elementos formativos do ser aluno-pessoa.

A função da música – tal como a da arte – repousa no sentido de proporcionar um tipo de autoexpressão livre. De fato, tem ela sido denominada “disciplina de expressão”. Enriquece a vida da criança por meio das oportunidades que lhe oferece para participar dos sentimentos de outros e expressar seus sentimentos a outros, enquanto observa, ouve, executa e cria. Como disciplina socializadora, tem também grande valor. (Bréscia, 2011: 86).



A criatividade foi exercitada ao longo de todo o ano letivo, através de atividades práticas como desenhos, apresentações de canções, charges, paródias e vídeos. Os (as) alunos (as) foram expostos a canções, biografias, comentários de profissionais, partilhas de visões e posicionamentos acerca das letras uns dos outros. As letras tinham temáticas variadas, acabavam falando sobre situações do cotidiano que eles (as) tinham contato com regular frequência, seja em sua casa ou por ouvir de colegas. Fazer sempre as mesmas coisas torna o cérebro preguioso, por isso foi pensado em ler, falar e cantar publicamente para que a vergonha, a falta de hábito, a falta de confiança ou ainda o famoso não sei fazer, fossem superados. Acreditando que as habilidades criativas que existe em todos nós quando

crianças podem ficar adormecidas por um longo período de tempo, por inúmeras situações foi que a proposta começou a ser desenvolvida.

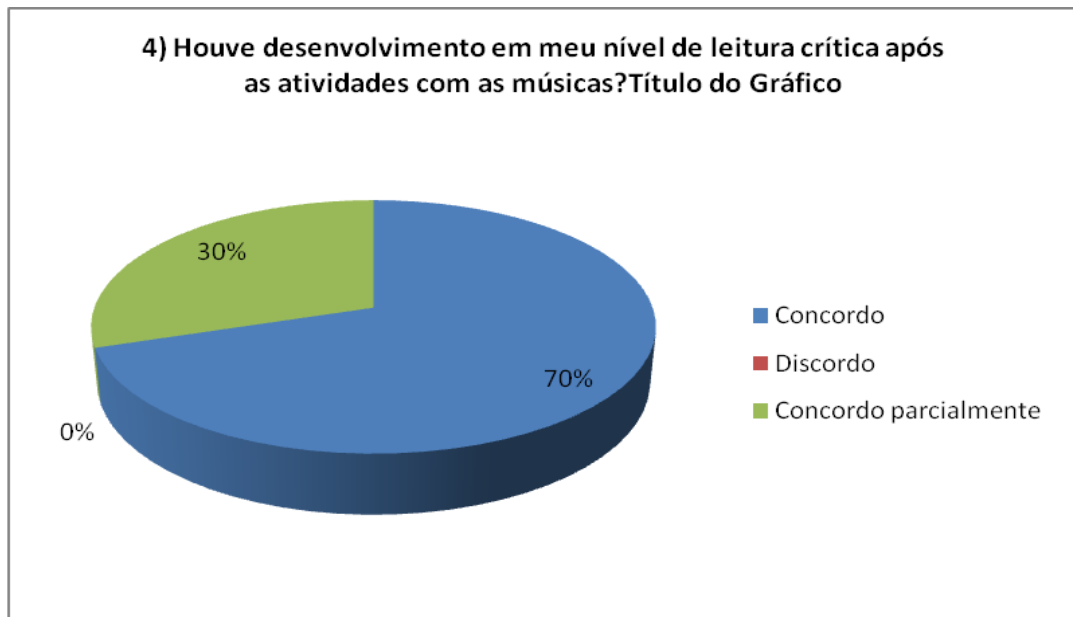


As atividades significativas, segundo Faria e Dias (2007: 119), podem envolver experiências diversas e conhecimentos de diferentes áreas, pois contribuem.

[...] para a construção de conhecimentos informais e formais sobre as linguagens, a natureza e a sociedade, atuando simultaneamente sobre o desenvolvimento da criança em todos seus aspectos: cognitivos, linguístico, social, afetivo, corporal, ético e estético. Além disso, contribuem de forma decisiva para sua formação como cidadã, incidindo na construção de sua identidade, de sua autonomia e de sua capacidade de participação e cooperação.

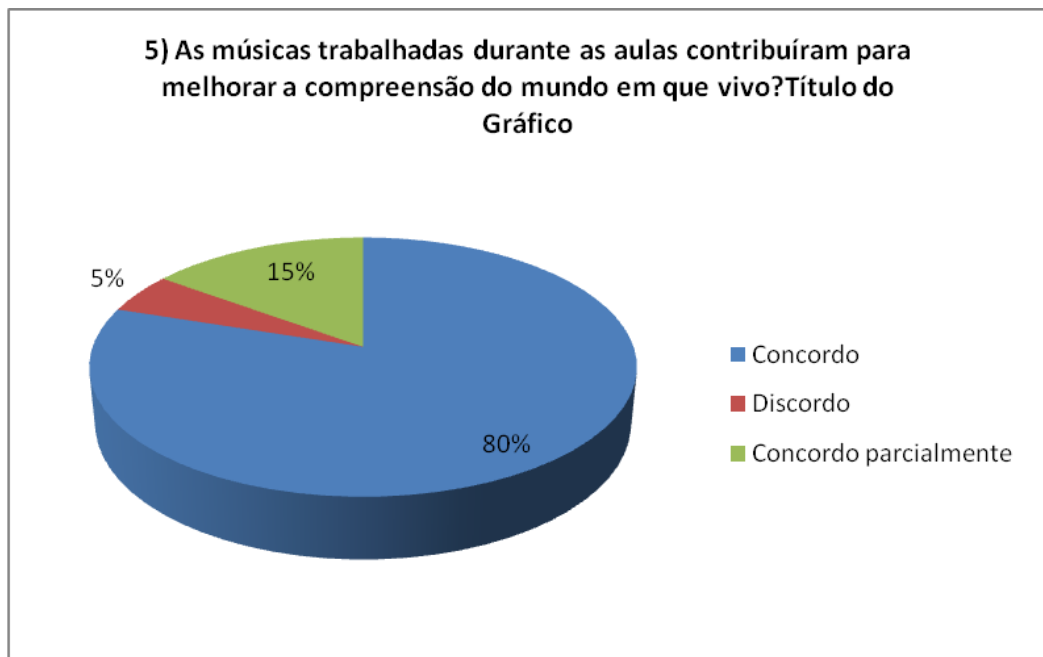
Quando a ideia de trabalhar com música aliada ao conceito aplicado de rizoma surgir foi possível perceber que todos os caminhos levam a direções significativas para quem neles aceitam trilhá-los com atenção e disponibilidade para experimentar. Todo aprendizado agrega, transforma e nos torna outra pessoa sob o ponto de vista do saber, da experiência. Aprender e ensinar configuram-se portanto em uma arte, a arte de viver em busca da realização plena da vida, ou seja a busca pela felicidade. Felicidade como diria Aristóteles entendida com uma atividade racional da alma. Em seu livro, “Ética a Nicômaco”, mostra-nos que os homens se tornam o que são pelo

hábito, portanto é preciso nos habituarmos a sentir prazer no que fazemos. A qualidade de nossas ações estão nas escolhas que fazemos.



Faria (2001: 4), A música passa uma mensagem e revela a forma de vida mais nobre, a qual, a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não ocorrendo apenas no inconsciente, mas toma conta das pessoas, envolvendo-as trazendo lucidez à consciência.

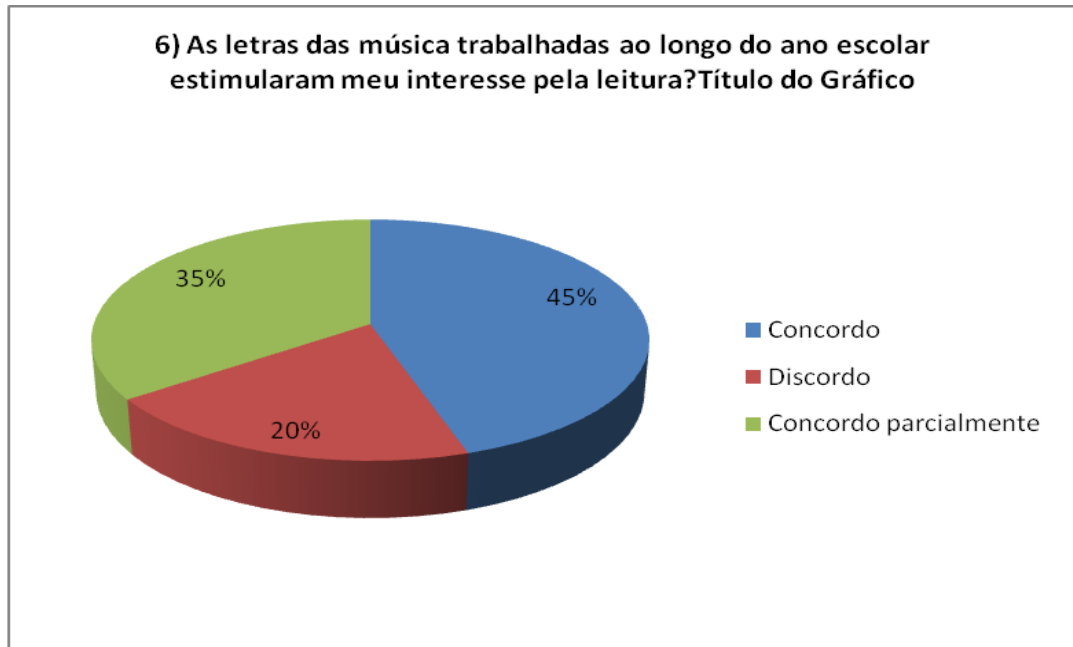
Observamos no gráfico que houve que foi percebido algo diferente após a participação nas atividades.



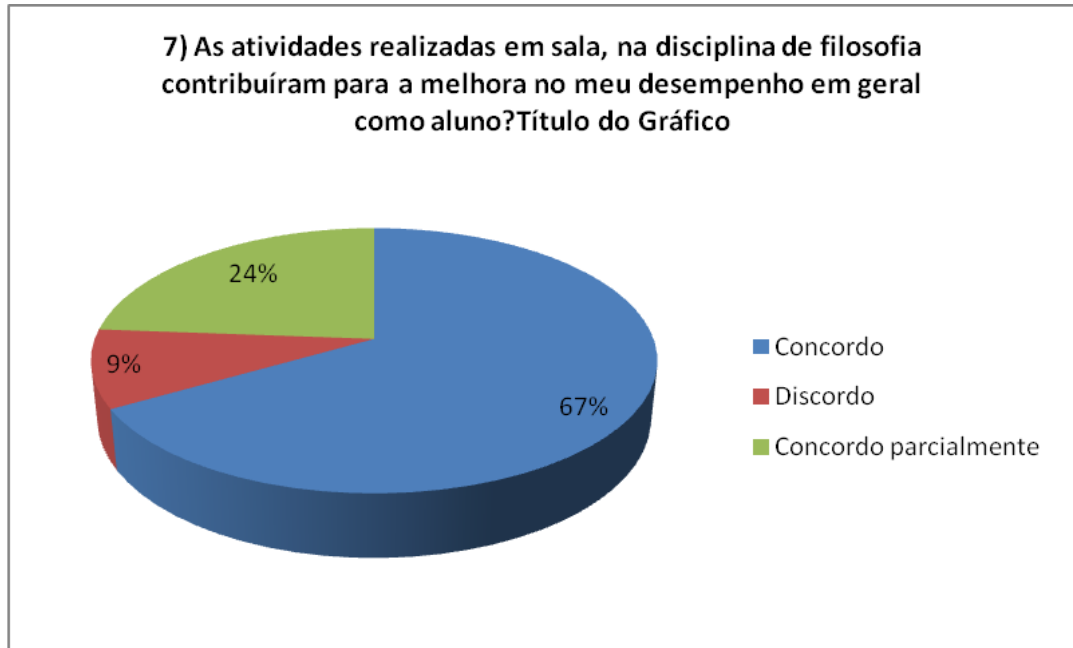
[...] a música é um importante fator na aprendizagem, pois a criança desde pequena já ouviu música, a qual muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir, conhecida como "cantiga de ninar". Na aprendizagem a música é muito importante, pois o aluno convive com ela desde muito

pequeno. A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar esta tão rica atividade educacional dentro das salas de aula (Faria, 2001: 17).

Utilizar a música como instrumento pedagógico ...

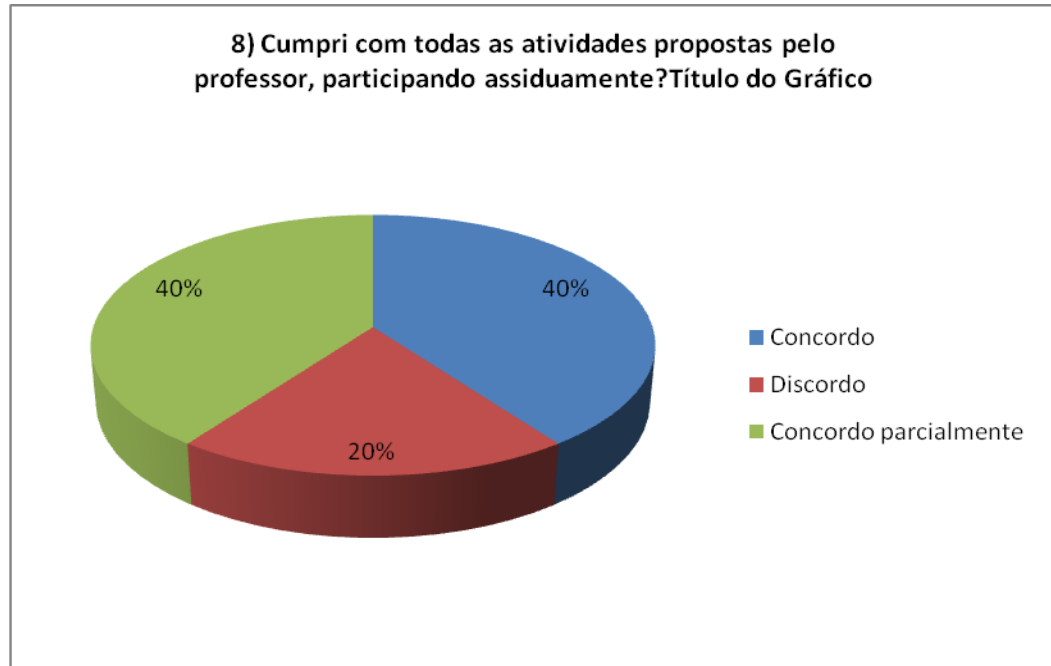


As primeiras canções foram vistas como novidade inicialmente, mas quando foi entendida a proposta, perceberam que poderiam realizar as atividades com qualquer canção. Todas as canções possuem, contexto, letra, compositor, intenção e afetam de diferentes modos quem as ouve. O exercício, portanto tinha como meta ensinar a ser crítico do que se ouve.



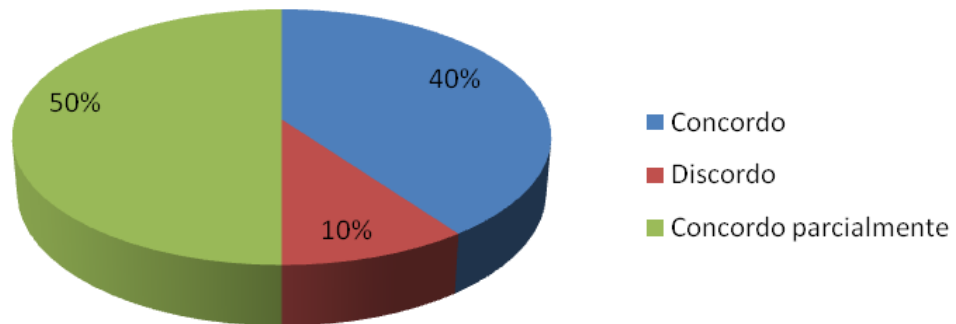
As atividades realizadas proporcionaram situações para experiências contínuas e interrelacionadas com o aprendizado de vários campos do saber. Ao entender que todas as áreas estão relacionadas entre si e que aprendendo bem uma estarei me capacitando para aprender as outras, tenho a música como uma potencializadora de habilidades. De acordo com Stefani (1987: 20)

a música afeta [...] emoções, pois as pessoas vivem mergulhadas em um oceano de sons. Em qualquer lugar e qualquer hora respira-se a música, sem se dar conta disso. A música é ouvida porque faz com que as pessoas sintam algo diferente, se ela proporciona sentimentos, pode-se dizer que tais sentimentos de alegria, melancolia, violência, sensualidade, calma e assim por diante, são experiências da vida que constituem um fator importantíssimo na formação do caráter do indivíduo.



O não cumprimento das atividades demonstrado na gráfico acima deixa claro a dificuldades e necessidades a serem trabalhadas com a turma, como pontualidade, compromisso, visão de conjunto, a importância da parte para o todo e vice-versa. Somos reflexo do que aprendemos e praticamos. Mostrar que o que cada um faz é importante para os demais foi um desafio que o tempo de um não deu conta de modificar, mas foi o suficiente para despertar a atenção para este fator. Eis uma questão que poderia ao longo de três anos ser melhor trabalhada em sala.

**9) O relacionamento em equipe, a interação com os meus colegas de sala, durante e após as atividades foram satisfatórios?**



Quando terminou o ano de 2015, a Secretaria de Estado da Educação (SEED) determinou que as duas turmas de 2º ano se tornassem apenas um 3º ano. Esse fato acirrou as disputas que haviam entre os diferentes grupos que compunham as salas que estudaram juntas desde o 6º ano fator que contribuiu para que parte do trabalho ficasse comprometido, pois houve dificuldade em criar um sentido de identidade, uma coesão e uma harmonia entre os alunos.

**Avaliação, análise e triangulação dos dados coletados.**

**10) Qual música foi a mais significativa para você? Justifique sua resposta.**

1) Meu país, por que mostra como está o nosso país hoje em dia, faltando bastante coisa, pessoas, roubando pelas nossas costas, pegando nosso dinheiro e usando para outras coisas

2) Meu país, por abranger todos os aspectos tanto como política, social e psicológica. Levar a refletir um outro ponto de vista e o questionamento deste.

3) Eduardo e Mônica, pois retrata uma amizade que virou um grande amor, mesmo com todas as diferenças continuaram e formaram até uma família, e com essa música eu me identifiquei.

4) Pais e filhos, me identifiquei com a letra, pela questão da relação com meus pais, busquei mais entender eles e conversei a respeito de me entenderem. Foi uma lição de vida.
5) Pra ser sincero, pois descobri várias coisas ocultas na música, foi a música que mais me empenhei para entendê-la.
6) Para ser sincero chamou mais atenção.
7) Pais e filhos, pois a letra me ajudou muito a compreender a relação que eu tenho com o meu pai, me ajudou a entender e a perdoar tudo que aconteceu na minha vida e na vida dele.
8) Pais e filhos – Legião Urbana. Apesar de ser triste, me faz lembrar da minha história de família com meu pai. Mas a última serviu para ter mais conhecimento crítico então gostei também.
9) A música “Pra ser sincero”, pois estimulou meu raciocínio e consegui ser produtiva.
10) Não respondeu
11) Meu País – Zezé di Camargo, pois tem as seguintes observações, política, social e econômica no desenvolvimento do nosso país.
12) Renato Russo -Índios, por que fala sobre os portugueses explorando os nativos brasileiros.
13) Meu País, por que ela fala da situação em que o país estava em 1998. Assim ela me fez refletir em como está a situação do nosso país hoje, que está igual na época de lançamento da música.
14) Monte Castelo, por que foi a música que eu e meu grupo cantou ou pelo menos tentou.
15) A música “Pra ser sincero” foi a mais significativa, isso por que foi a música que mais me empenhei a estudar por não se tratar de melhor música, todos os trabalhos em sala foram boas.
16) Meu País, pela letra da música ter sido criado à muito tempo atrás, retrata a realidade vivida atualmente.
17) A música Cidadão do Zé Ramalho, por que mostra a realidade de muitos trabalhadores que saem de suas terras natais em busca de condições melhores, porém acaba que não encontra o que queria.

18) Monte Castelo, foi a música que eu cantei esse ano com as meninas por mais que fiquei com vergonha foi bom perder um pouco de vergonha.

19) Música do Zezé di Camargo, por que fala do nosso País, das pessoas e o que falta para melhorar “Meu País”.

20) Por enquanto foi uma das músicas que mais gostei em toda minha vida, foi muito significativa para mim, e aumentou ainda mais minha admiração pelo compositor da música integrante da Banda Legião Urbana, Renato Russo. Me fez, além do trabalho estabelecido pelo professor de realizar uma pesquisa sobre sua biografia, pesquisar um pouco mais a respeito deste grande cantor.

Os relatos acima foram descritos por alguns (as) alunos (as) que quiseram relatar suas experiências com a música dentro da sala de aula, sendo utilizada como recurso e instrumento de ensino/aprendizagem.

Muito podemos aprender durante a vida, mas independente do que aprendemos é preciso reconhecer que há um número de caminhos a serem percorridos infinitamente superiores ao que a nossa consciência é capaz de perceber e assimilar. Encantar-se pelo caminho, pelas novidades nele contidas, saber escolher dentre o que nos aparece, desenvolver um senso crítico frente à realidade que se abre a nós é um desafio, tanto árduo quanto valoroso, pois da capacidade de escolher bem resulta uma vida agradável. Já dizia o filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980): “*O homem não é a soma do que tem, mas a totalidade do que ainda não tem, do que poderia ter.*”. Aprender é uma atividade diária, mas o que fazemos com o que aprendemos é uma decisão singular e pontual, todos os dias somos cobrados pelo que aprendemos, por isso precisamos ser responsáveis com o ato de conhecer.

## CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o geógrafo Milton Santos ao tratar do “retorno do território”, ou do território usado, como ele mesmo definia: O “território usado são os objetos e ações, sinônimo de espaço humano e espaço habitado” (Santos, 2002: 16), onde se encontram as horizontalidades (lugares vizinhos, continuidade territorial, espaço banal) e as verticalidades (pontos distantes uns dos outros ligados por formas de processos sociais, redes).

O primeiro capítulo desta dissertação teve como foco o desenvolvimento do conceito de rizoma aliado ao método cartográfico. Estes conceitos foram utilizados como facilitadores do aprendizado do (a) aluno (a) dentro e fora da sala de aula. O conceito de rizoma e cartografia ao serem utilizados pela primeira vez causaram estranhamento e desconforto nas aulas, mas aos poucos eles começaram a ser vivenciados, experimentados e até mesmo utilizados, timidamente, mas com referência ao conteúdo estudado. Por exemplo, quando estudamos a música “Pais e Filhos” do Renato Russo alguém comentou (ver anexo questionário) “me identifiquei com a letra, pela questão da relação com meus pais, busquei mais entender eles, e conversei a respeito de me entenderem”. Neste comentário percebemos a ação de uma canção sobre a opinião aparentemente formada que estava pressuposta na fala. A música agiu como o meio desterritorializante de um comportamento, de um posicionamento. Outra canção que também provocou uma leitura diferente daquela costumeira foi “Meu País” onde comentários feitos pelos (as) adolescentes como “pela letra da música ter sido criada há muito tempo atrás, retrata a realidade vivida atualmente”; ou ainda “mostrou como está o nosso país hoje em dia, faltando bastante coisa, pessoas roubando pelas nossas costas, pegando nosso dinheiro e usando para outras coisas”; ou ainda, “por abranger os aspectos tanto como política, social, psicológica levar a refletir outro ponto de vista e o questionamento deste”.

As letras das músicas possuem um território desterritorializante próprio. Estes territórios novos instigam os (as) alunos (as) a se interessarem por novas descobertas, associações e discussões acerca de múltiplas interpretações. Coube ao professor perceber a territorialidade a que cada um (a) estava inserido (a) e problematizar o sentido que cada um (a) trouxe consigo para auxiliar na produção espontânea do saber, da criticidade e da

formação humana, viabilizando oportunidades únicas na vida dos (as) discentes. Por exemplo, após a escuta da música cidadão do Zé Ramalho algumas questões sobre economia, trabalho, moradia, dignidade, família, estudo, poder, política ficaram mais fáceis de serem postas à discussão em sala.

No segundo capítulo o leitor poderá entrar em contato com a música desde a sua relação intrínseca com o som até conceitos como rizoma, ritornelo e devir onde veremos como a música realiza a presentificação do tempo que excede sua própria estrutura formal elevando a matéria bruta à condição de lapidada pelas inúmeras desterritorializações e reterritorializações musicais. A música em sua dimensão nômade, onde por meio do ritmo, da melodia e da harmonia ultrapassa os limites do dizível, da expressão, do sentimento e das palavras. O movimento é sempre de saída e retorno, circular, não de um retorno viciante, no sentido de dependência, mas no sentido que estimula a vontade de ouvir novamente para prolongar a duração da sensação despertada pelos sons em nós.

Diz Bergson (1934: 163) que a mudança existe, mas não há, sob a mudança, coisas que mudem: a mudança não precisa de um suporte. O movimento existe, mas não há um objecto inerte, invariável, que se mova: o movimento não implica um móvel.

No terceiro capítulo foram relatadas com detalhes as atividades diversificadas realizadas ao longo do ano que tiveram como finalidade despertar o desejo e o prazer por aprender. Se considerarmos a problemática que originou e deu sentido a esta investigação perceberemos o quão proveitoso foram os desdobramentos atingidos. Tendo a música como instrumento metodológico de afetação para despertar o interesse dos (as) alunos (as) pela leitura e pela interpretação crítica, foi possível constatar a importância da interação entre professor e aluno (a) dentro do processo de ensino-aprendizagem. Estudamos assuntos como corrupção e sua relação com a política num clima descontraído e com participações; falamos de família, de sexo e traição, da percepção que temos acerca da justiça ou injustiça das oportunidades; também falamos sobre a importância de saber escolher bem uma profissão e suas responsabilidades uma vez que seremos profissionais mais para o outro que para nós mesmos; segurança e economia, e discutimos métodos e o rigor científico para a obtenção de provas; falamos sobre estética filosófica e como o ponto de vista do expectador pode ser educado para observar e contemplar as obras criadas pelos seres humanos ou as presentes na natureza.

O resultado particular obtido foi ter sido eleito pelos alunos do terceiro ano A o professor destaque pela primeira vez, em seis anos, no Colégio Tiradentes. Foi uma grata satisfação a homenagem surpresa, principalmente pelas palavras proferidas nos discursos que elogiavam a metodologia aplicada sob a forma diferenciada de trabalhar com eles naquele ano específico (2016), uma vez que lecionei durante os três anos do Ensino Médio para esta turma e apenas neste último ano consegui conquistar a atenção, o carinho e o apreço deles pelas aulas de filosofia. Despertar interesse pelo conteúdo é um desafio que nós professores, nos propomos, contudo são inúmeras as questões que atravessam nossas práticas docentes. Questões sociais, econômicas, políticas, familiares, enfim tantos outros afazeres que relegam o estudo para, segundo ou terceiro plano, mesmo durante os momentos em que se encontram dentro da sala de aula. Ao propor o desafio em realizar aquela experiência de relacionar música e estudo formal em sala era sabido que o desconhecido pairava sobre aquela realidade, mas a avaliação diagnóstica dizia que valeria a pena e como de fato, valeu a pena. Aos poucos os laços entre professor-aluno (a) e conteúdo foram sendo estreitados e os resultados qualitativos começaram aos poucos a aparecerem. Naquele momento pude perceber como a relação de compromisso e afeto entre o Docente-Discente faz diferença para criar formas de existir na vida daqueles que nos são confiadas à responsabilidade de proporcionar experiências desterritorializantes.

A metodologia do rizoma confirmou que o conhecimento acontece de diferentes formas, velocidades e intensidades em cada indivíduo ao durante sua vida e de acordo com sua abertura, disponibilidade em realizar experiências. Alguns conseguiram perder a timidez para falar a frente na sala; outros (as) descobriram que para se relacionar com os familiares precisam de abertura ao diálogo e boa vontade de ambos os lados para se harmonizarem; aprenderam que a política organiza, planeja e interfere nos rumos da vida em sociedade, a cidade é reflexo das decisões tomadas pelos representantes eleitos pelo povo, por isso é preciso que sejam representantes da vontade popular; entenderam que perguntar (a ironia socrática) é uma ferramenta poderosa contra o senso comum; compreender a origem e as fontes das informações contribui para formar um espírito crítico capaz de intervir quando necessário nas questões sociais que afetam o equilíbrio e o bem-estar entre os

cidadãos. Após ouvir vários relatos, por parte dos (as) alunos (as), sobre como o ato de aprender pode ser prazeroso e interessante. É inevitável pensar no poder que as mediações entre saberes criam sobre o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos por um lado e como práticas metodológicas diferenciadas são bem-vindas entre os (as) estudantes para torná-los interessados nos conteúdos curriculares formais em sala por outro.

Estudar as canções utilizando o dispositivo do rizoma abriu um leque horizontal possível de leituras. Partindo de qualquer ponto traçamos linhas que formam territórios correlacionados, onde cada indivíduo passa a conviver com o território do outro, sendo afetado e afetando os significados que damos ao mundo e às nossas vivências. Construir pontes movediças que nos levem para qualquer lugar que seja importante ir, e passa a ser uma tarefa processual e contínua na vida dos aspirantes ao conhecimento.

Ao utilizarmos o conceito de ritornelo aprendemos que ao longo de nossa trajetória de vida ora criamos territórios, ora abandonamos este território e ora ainda retornamos ao território. Este triplo movimento exige de nós a constituição de um lugar, um espaço para fazermos morada num primeiro momento, mas ao percebermos que não estamos sós, nos envolvemos com outras tantas moradas que estão em nossa vizinhança, mas que não são íntimos de nós, após este primeiro contato começamos a sentir saudade do nosso território primeiro, está saudade acontece por dois motivos, um devido a falta que sentimos da segurança que temos sobre aquilo que é nosso, e outro devido ao que temos agora para comunicar em virtude de tudo o que vivenciamos fora dele. Assim aconteceu com a escuta e debate sobre as canções ao longo do ano letivo. Falamos de nós e do que sentíamos, depois ouvimos o que os (as) outros (as) alunos (as) sentiam e entendiam sobre as letras, a intercomunicação entre os sentimentos e as inúmeras interpretações dialogadas, acabaram socializando os múltiplos saberes trazidos pelas várias experiências contidas na vida de cada um (a). O ritornelo, portanto, é o ritmo e o meio que comunica e interliga um território ao outro. Ao conseguirem se expressar os (as) alunos (as) conseguiram sem se dar conta, deixar algo de si e levar consigo algo de outro. A experiência musical criou um campo de abertura e disponibilidade para

estabelecer uma relação de comunicação e autoconhecimento, pois a cada expressão tinha que me confrontar com uma interpretação diferente da minha, porém sobre o mesmo assunto. Este movimento fez perceber o quanto há de verdade além da nossa forma de pensar.

A grande lição para nós os envolvidos foi perceber que existe uma correlação equiparada de hierarquia, ou seja, mesmo o professor sendo a autoridade em sala de aula, o conhecimento não deve ou precisa estar sob o seu domínio, mas em relação de proporcionalidade entre as partes envolvidas e que o sucesso ou fracasso é apenas um ponto de vista que o sistema cobra para apresentação de dados científicos. Não podemos medir o aprendizado de alguém apenas pela nota obtida, embora seja esta a atual maneira de aprovar ou reprovar um (a) aluno (a), mas esta é uma maneira reducionista de enxergar o processo. Cada indivíduo possui um ritmo que segue um tempo dentro de uma velocidade e intensidade contínua, por isso é preciso respeito e admiração a todos indistintamente. Diríamos aqui que a relação de Deleuze e Guattari com a música e o ensino/aprendizagem pode suscitar nos estudantes, aspirações ao engajamento social.

Deste modo, fica constatado que embora o projeto tenha tido êxito qualitativo em seu desenvolvimento, um ano foi um período muito aquém do que ele pode oferecer caso seja aplicado durante todos os três anos que compõe o Ensino Médio. Utilizar a música como instrumento para a prática de metodologias diferenciadas pode ser compreendida ao longo de um ano letivo de aplicação, mas para poder ser internalizada como prática de vida seria preciso um acompanhamento mais duradouro. Quem sabe em outra oportunidade, num outro projeto esta proposta possa ser desenvolvida. Uma pergunta ou um convite para se tornar uma realidade.

Cabe ressaltar que originalmente a investigação ação tinha como intenção a interdisciplinaridade. O convite para foi feito para as professoras das disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Artes, e Educação Física com possibilidade de se estender a quem viesse a se interessar pela proposta, mas em virtude de problemas pontuais com cada professora não foi possível a troca de experiências. Problemas como licença prêmio, licença para tratamento de saúde, contratos temporários (PSS) que se encerram conforme o retorno dos professores titulares. Durante o ano de 2016

ocorreu, por parte dos professores da rede estadual de ensino, uma greve para reivindicar melhores condições de trabalho e garantir a manutenção dos direitos adquiridos ao longo da carreira do Magistério. Durante a greve dos docentes, ocorreu paralelamente no Brasil uma ocupação de escolas por parte dos (as) discentes representados pelos grêmios estudantis. O movimento começou no Estado do Paraná e se espalhou para todo o país. No Núcleo Regional de Ensino, localizado na cidade de Umuarama o primeiro Colégio a ser ocupado, coincidentemente, foi o Tiradentes, onde alunos (as) do Ensino Médio liderados por representantes do Grêmio Estudantil tanto do terceiro quanto do segundo ano se tornaram os responsáveis legais pelo Colégio. Estas foram algumas das questões significativas que atravessaram o curso regular da aplicação deste projeto alterando sua originalidade.

Ao encerrar esta investigação ação, ficou constatado que o entrosamento, o envolvimento e o comprometimento são essenciais para que uma proposta seja posta em prática e concretizada. Sendo assim foi sugerido pelos (as) alunos (as) que este projeto, aconteça durante os três anos do ensino médio oportunamente, e com outras disciplinas em conjunto, caracterizando assim uma mudança metodológica e didática àqueles que seriam afetados no processo ensino-aprendizagem, ou seja, alunos (as), professores diretamente e comunidade indiretamente.

Concluo destacando, por um lado o quão prazeroso foi ter dedicado momentos à partilha de experiências desterritorializantes proporcionadas pela música que serviu como instrumento de afetação, sedução e encantamento. A cada técnica trabalhada era possível presenciar a participação, o envolvimento, a partilha de sentimentos, decepções, anseios, projetos, dúvidas, inúmeros questionamentos que foram sendo espontaneamente suscitados em cada aluno (a), mas por outro lado também ficou evidente que, “uma andorinha só não faz verão, mas da para voar para onde quiser” Danúbio Fernandes, parafraseando: um professor pode apresentar caminhos, mas cada um segue por onde seus valores, vontade e circunstâncias permitirem. Sendo assim, Jean-Paul Sartre tem um ensinamento que ficará expresso como conselho a todos aqueles que participaram deste estudo ao longo do ano: “Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você”.

## WEBGRAFIA

<http://rizomas.net/filosofia/rizoma/77-o-conceito-botanico-de-rizoma.html>. Último acesso em 10-01-2017

<https://novaescola.org.br/conteudo/857/violeta-hemsey-de-gainza-fala-sobre-educacao-musical>>último acesso em 30-11-2017

<http://abstracionandopensamentos.blogspot.com.br/2015/03/desgessingeri-ando-para-ser-sincero.html>>último acesso em 03/05/17

[https://www.fen.ufg.br/fen\\_revista/v11/n3/v11n3a33.htm](https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v11/n3/v11n3a33.htm)> último acesso em 19-05-2017.

<https://razaoinadequada.com/2017/03/12/deleuze-ritornelo-e-o-jazz/>>último acesso em 30-11-2017

[http://sferraz.mus.br/palestra\\_deleuzeboulez/deleuze\\_boulez2.html](http://sferraz.mus.br/palestra_deleuzeboulez/deleuze_boulez2.html)>último acesso em 30-11-2017

<https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>>último aceso em 30-11-2017

## REFERÊNCIAS PRIMÁRIAS

- ABBAGNANO, Nicola (2007). *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. São Paulo, Martins Fontes.
- BERGSON, Henri. (1990). *Matéria e memória*. Martins Fontes, S. Paulo.
- BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno (2003). *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo.
- CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee (2000). *Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- GAINZA, Violeta Hemsy de (1988). *Estudos de Psicopedagogia Musical*. 3ª ed. São Paulo: Summus.
- GARDNER, Howard (1995). *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- DELEUZE, Gilles (2006). *Diferença e repetição*, 2ª ed. Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (2001). *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

- \_\_\_\_\_. (1992). *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo. Ed. 34.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Empirismo e Subjetividade*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Proust e os Signos/Gilles Deleuze*; Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4 Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34.
- \_\_\_\_\_. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1 Trad. Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- \_\_\_\_\_. *O que é Filosofia?* (1976). Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Imago.
- FONTEERRADA, Maria Trench de Oliveira (2008). *De tramas e fios*. São Paulo, Unesp.
- FOUCAULT, Michel (2001). *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. RJ: Ed. Forense.
- GUÉNON, René (1957). *A grande tríade*. Pensamento, S. Paulo.
- HEUSER, Ester Maria Dreher (2010). *Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino de filosofia*. Ijuí: Unijuí.
- HUME, David (2002). *Tratado da Natureza Humana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Livro 1.
- MATTOS, Luiz Alves de (1958). *Primórdios da educação no Brasil: o período heróico (1549-1570)*. Rio de Janeiro: Aurora
- MIRANDA, Hermínio Corrêa de (1994). *A memória e o tempo*. Lachâtre, Rio de Janeiro.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm (2005). *Além do bem e do mal; Prelúdio de uma filosofia do futuro*. 2ª ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- PLATÃO (2002). *A República*. São Paulo, Ed. Martin Claret.
- PAROLIN, Isabel Cristina Hierro (2009). *Sou Professor*. Curitiba: Ed. Positivo.
- PROUST, Marcel (2002). *Em Busca do Tempo Perdido*. Obras Completas. Tradução: Mário Quintana. Editora Ediouro. São Paulo.

SCHOPENHAUER, Arthur (2003). *Metafísica do Belo*. Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP.

\_\_\_\_\_. (2000). *O mundo como vontade e representação: parte III*. Trad. Wolfgang Leo Maar, Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Nova Cultural, (Coleção Os Pensadores).

SPINOZA, Benedictus de (2007). *Ética*, Tr. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

### **BIBLIOGRAFIAS SECUNDÁRIAS:**

AGOSTINHO, Santo (1964). *As confissões*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Edameris.

ARISTÓTELES (1990). *Política*. Edição Bilíngue. (Trad. António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

\_\_\_\_\_. (2007). *Ética a Nicômaco*. Edipro, São Paulo.

ADORNO, Theodor Wiesengrund, HORKHEIMER, Max (1985). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ADORNO, Theodor W (2002). *Indústria cultural e sociedade*, trad. Julia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra.

Bergson, Henri (1934) *La pensée et le mouvant*, Paris, Quadrige/PUF, 1998, 297 pp.; As obras de Henri Bergson atrás referidas encontram-se também reunidas num só volume intitulado *Œuvres* (1959), Paris, Presses Universitaires de France, 2001, XXXII, 1629 pp..

CAGE, John (1985) *De segunda a um ano*. Tradução de Rogério Duprat. São Paulo: Hucitec.

CAGE, John (2009) (p.330-347). *O Futuro da música, conferência pronunciada na YHMA*, Nova Iorque, publicada em Numus West 5, em 1974 in: *Escritos de artistas: anos 60/70 - Seleção e comentários Glória Ferreira e Cecília Cotrim* [tradução de Pedro Sussekind... et al.]. – 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- CASTELLS, Manuel (2003). *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão de Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar.
- COSTA, Cristina (2007). *Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade*. 3ª ed. - São Paulo: Moderna.
- FARIA, Vitória Lúcia Barreto d, DIAS, Fátima Regina Teixeira de Salles (2007). *Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica*. São Paulo: Scipione.
- FARIA, Márcia Nunes (2001) *A música, fator importante na aprendizagem*. Assis chateaubriand – Pr. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.
- FREIRE, Paulo (1983) *Pedagogia do Oprimido*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GOLDMAN. Marcio (1998). *Objetivação e Subjetivação no 'último Foucault'*. In BRANCO, Guilherme Castelo, NEVES, Luiz Felipe Baêta (orgs) Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência. Rio de Janeiro: NAU; Londrina, PR: CEFIL.
- GUATTARI, Félix (1996/2005). *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Trad. Suely Rolnik. Petrópolis, RJ: Vozes.
- IEDA, Camargo de Moura. Boscardin, Maria Tereza Trevisan; ZAGONEL, Bernadete (1989). *Musicalizando Crianças: Teoria e prática da Educação Musical*. Editora Ática. São Paulo.
- KAROLY, Otto (1990). Opus 86. *Introdução à Música*. São Paulo: Martins Fontes.
- KOZMA, Robert (1994). *Will media influence learning? Reframing the debate*. ETRD, Vol 42 (2), 7-20.
- MACHADO, Roberto (2010). *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (1996). *Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social*. In: Minayo, Maria Cecília de Souza (ORG). DESLANDES, Ferreira, NETO, Otavio Cruz, GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- PASSOS, Eduardo. Kastrup, Virgínia e Escóssia, Lílina da (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva (2004). *Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música*. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 10, 99-107, mar.

- SANTOS, Milton. *O retorno do território*. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L.. (2002). *Território: Globalização e fragmentação*. 5ª. Ed., São Paulo: Hucitec/Anpur.
- SKINNER, Burrhus Frederic (1953/1965). *Science and human behavior*. New York: Free Press.
- SNYDERS, Georges (1994). *A escola pode ensinar as alegrias da música?* 2ª ed. São Paulo: Cortez.
- STAKE, Robert E (1995). *The Art of Case Study Research*. Thousand Oaks, CA: Sage. Publications.
- STEFANI, Gino, (1987). *Para entender a música*. Rio de Janeiro: Globo.
- TURATO, Egberto Ribeiro (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.
- WEIGEL, Anna Maria Gonçalves (1988). *Brincando de Música: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola*. Porto Alegre: Kuarup.
- YIN, Robert (1994). *Case Study Research: Design and Methods*. 2ª ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

**ANEXO – 01 ÍNDICE DE DESENHOS**

<b>Desenho 1 – Transcrição Musical.....</b>	<b>09</b>
<b>Desenho 2 – A Música.....</b>	<b>10</b>
<b>Desenho 3 – Prática Musical.....</b>	<b>18</b>
<b>Desenho 4 – Musicalizando o Som.....</b>	<b>32</b>
<b>Desenho 5 – A Arte da Dúvida.....</b>	<b>57</b>

**ANEXO – 02 ÍNDICE DE FIGURA**

<b>Figura 1 –Ritornelo à esquerda.....</b>	<b>16</b>
<b>Figura 2 – Ilustrações do Rizoma .....</b>	<b>43</b>

## ANEXO 03 - ESCOLHA DAS CANÇÕES

RELAÇÃO DE COMPOSITORES PARA ANÁLISE COM O 3º ANO DO CET	
ALMIR SATER – tocando em frente, chalana, comitiva da esperança,	
TIM MAIA – não quero dinheiro, azul da cor do mar	
ZÉ RAMALHO – chão de giz, admirável gado novo, mistérios da meia-noite	
RENATO RUSSO – faroeste caboclo, monte castelo, quando o Sol Bater na Janela do teu Quarto	
HUMBERTO GESSINGER – pra ser sincero, terra de gigantes, Infinita Highway,	
ADONIRAN BARBOSA – trem das onze, saudosa maloca, tiro ao Álvaro, samba do Arnesto	
RAUL SEIXAS – maluco beleza, Cowboy Fora Da Lei, medo da chuva, metamorfose ambulante	
LULU SANTOS – como uma onda, tudo azul, assim caminha a humanidade	
MICHAEL SULLIVAN E PAULO MASSADAS – um dia de domingo, não quero dinheiro,	
VICTOR CHAVES – borboletas, tem que ser você, Deus e eu no sertão, não precisa, fada, vida boa, fotos	
PENINHA – sozinho, alma gêmea, que dure para sempre, adoro amar você, vou levando a vida	
GABRIEL PENSADOR – pega ladrão, retrato de um playboy I e II, Morabura, racismo é burrice.	

QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO	
1) Você gosta de música?	
2) Com que frequência você ouve música?	
3) Qual (is) gênero (s) musical (is) você mais ouve?	
4) Costuma comprar CD's ou faz downloads?	
5) Você costuma ler as letras das canções que canta?	
6) Você costuma interpretar as letras que ouve?	
7) O que mais lhe chama a atenção em uma música?	
8) Onde costuma ouvir música?	
9) Enquanto ouve música, canta?	
10) Como costuma estar atento às novidades musicais?	
11) Da atualidade, de que banda/cantor gosta mais?	
12) Quais destes compositores apresentados você conhece?	
13) O que fez você escolher este compositor?	
14) Na sua opinião que semelhança e diferença há entre música e livro, artigo, jornal, etc...?	
15) Na sua opinião, quais características predominam na música brasileira atual?	

01/03/16	
• Almir Sater I	3º A. Colégio Estadual Tereza Maria
• Tim Maia <input type="checkbox"/>	
• Zé Ramalho <input type="checkbox"/>	
• Renato Russo <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	
• Humberto Gessinger I	
• Adonirán Barbosa	
• Raul Seixas <input type="checkbox"/>	
• Lulu Santos I	
• Michael Sullivan e Paulo Massadas	
• Victor Chaves <input type="checkbox"/>	
• Peninha I	
• Gabriel Pensador <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> I	
• Por que foi escolhido esse compositor?	
<p>↳ Alguns conheciam, outros foram que escolheram os colegas.          Alguns conhecem as letras, outros não.          Alguns que conheciam um compositor, nem todos conhecem ele.</p>	



## QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO – PROFESSORES

Área em que atua MATEMÁTICATempo de atuação 13 ANOS

1) Em sua opinião, a música pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo do (a) aluno (a) em sala de aula? De que forma?

SIM, A MAIORIA DOS ALUNOS TEM INTERESSE PELA MÚSICA E UTILIZÁ-LA EM SALA DE AULA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO, PODE SER UMA MANEIRA EFICAZ DE APROXIMÁ-LOS DOS CONTEÚDOS QUE MUITAS VEZES SÃO CONSIDERADOS CHATOS. ACREDITO QUE POR MEIO DA MÚSICA, POSSAMOS DESPERTAR O INTERESSE E PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS.

2) Você aceitaria trabalhar de forma interdisciplinar, os conteúdos formais contidos na matriz curricular, utilizando a música como instrumento didático-pedagógico?

SIM, SERIA UMA PROPOSTA MUITO INTERESSANTE.

3) A utilização da música como instrumento didático favorece o envolvimento e a criatividade nas atividades realizadas em sala?

SIM, PELO MENOS PARA A MAIORIA DELES.

4) O estudo com a música em sala de aula melhora o interesse do (a) aluno (a) durante as aulas? Justifique.

SIM, POIS OPORTUNIZA AOS ALUNOS A PRODUZIREM O CONHECIMENTO DE FORMA ATIVA E NÃO APENAS REPRODUZINDO O QUE ESTÁ SENDO ENSINADO PELO PROFESSOR.

5) O método tradicional de ensino/aprendizagem composto basicamente por, quadro, giz, explicações orais e avaliação objetiva/subjetiva deve sofrer mudanças significativas ou continua sendo o mais adequado e eficiente para dar conta de atender as necessidades do (a) aluno (a) professor (a)?

É IMPORTANTE PARA A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS QUE SE DIVERSIFIQUEM AS METODOLOGIAS DE ENSINO E DIMINUAM AS ATIVIDADES AVULSAS, QUANTO MAIS VALIADAS PORÉM, POSSIVELMENTE, MELHORES OS RESULTADOS SERÃO OBTIDOS. NO ENTANTO, É NECESSÁRIO DESTACAR QUE O PROFESSOR NECESSITA DE MAIS TEMPO PARA PLANEJAR, PESQUISAR E PREPARAR SEUS AULAS DIVERSIFICADAS, O QUE NÃO CONDIZ COM NOSSA SITUAÇÃO ATUAL, LEVANDO O PROFESSOR A OPTAR POR AULAS QUE SEJAM MAIS FÁCEIS DE SEREM PLANEJADAS, RECALANDO DESTA FORMA, NO MÉTODO TRADICIONAL.

## ANEXO – 05 BIOGRAFIA DO RENATO RUSSO

### Trabalho

#### Renato Russo

Renato 'Russo' Manfredini Júnior (27 de março de 1960 / 11 de outubro de 1996) nasceu no Rio de Janeiro. Filho do funcionário público do Banco do Brasil, Renato Manfredini, com a professora de inglês, Maria do Carmo. Viveu dos sete aos dez anos em Nova York (EUA), por conta de uma transferência profissional de seu pai.

Aos 13 anos, de volta à Brasília, Renato estudava e levava uma vida típica dos adolescentes de classe média da Capital Federal. Quando, entre os 15 e os 17 anos, enfrentou uma rara doença óssea, a epifisiólise, que o deixou por um período entre a cama e a cadeira de rodas. Já nesta época criava bandas e movimentos imaginários. Começou também a compor letras e músicas compulsivamente em casa.

Em seguida formou a banda Aborto Elétrico, em 1979. Em 82 abandonou o Aborto Elétrico e passou a fazer trabalhos solos. Neste período ficou conhecido como "O Trovador Solitário".

A Legião Urbana surgiu quando Renato se juntou a Marcelo Bonfá, Eduardo Paraná (Hoje conhecido como Kadu Lambach) e Paulo 'Paulista' Guimarães, ainda em 1982.

Nesta fase, a banda contou com o importante apoio de Herbert Vianna, do Paralamas do Sucesso, que tinha sido contratada pela gravadora e já os conhecia e admirava. Assim, a Legião Urbana foi contratada para lançar seu primeiro álbum, que foi produzido em 1984 e lançado nos primeiros dias de 1985. Momentos antes dessa gravação, o músico Renato Rocha, o "Negrete", passa a integrar a banda como baixista, posto antes ocupado por Renato Russo. A partir daí nasceriam discos marcantes e grandes sucessos.

Em 1993 Renato iniciou a carreira solo e lançou The Stonewall Celebration Concert (1994), disco de 'militante', cujo nome é referência ao bar nova-iorquino onde, em 1969, gays se rebelaram contra a ação política. O álbum 'Stonewall' também é uma homenagem ao seu ex-namorado, então recém-falecido, Scott, e continha músicas de Madonna e Bob Dylan, entre outros.

No ano seguinte lançou Equilíbrio Distante (1995), interpretando canções italianas, cuja sonoridade (combinada à sua descendência), Renato gostava muito. O disco apresenta sucessos como Strani Amori, La Solitudine e La Forza Della Vita. Segundo o próprio Renato, o álbum foi feito em homenagem à sua família.

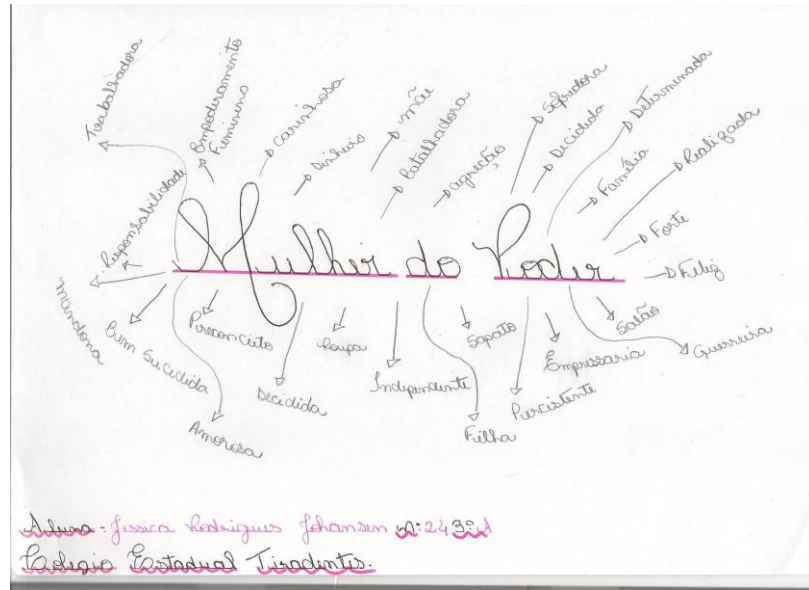
Renato morreu em 1996 com apenas 36 anos por bronco pneumopatia, septicemia e infecção urinária, conseqüências do contágio pelo vírus HIV. Ele descobriu a doença em 1989, mas nunca assumiu publicamente ser portador.

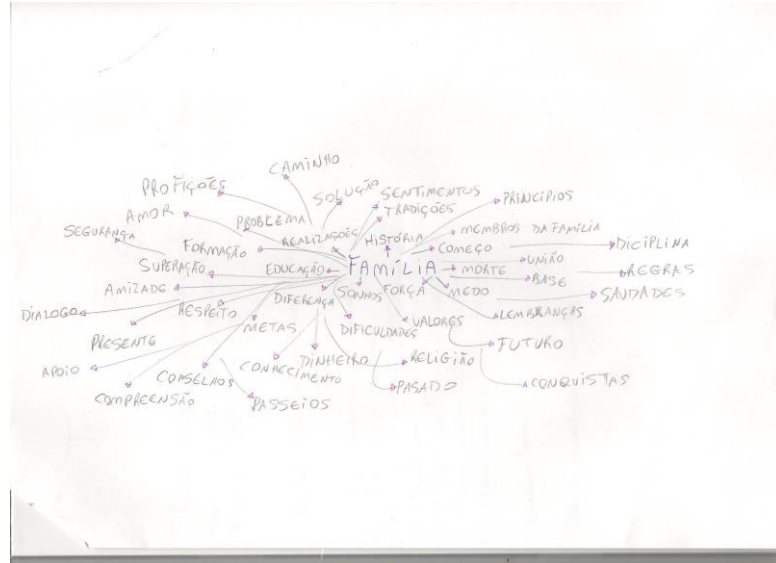
Renato Russo é um clássico eterno de nossa cultura. Ele não foi simplesmente autor ou intérprete. Permanece como um ídolo de milhões de pessoas que, até hoje, mesmo depois de passados 18 anos de sua morte, admiram e divulgam suas ideias, letras, músicas e imagem. Sua obra reúne o lirismo da MPB com a energia do movimento Punk Rock dos anos 80. As letras poéticas são rebuscadas e têm grande apelo popular.

REFERÊNCIA: [www.renatorusso.com.br](http://www.renatorusso.com.br)

DATA: 03/03/16

**ANEXO - 06 MAPAS CONCEITUAIS**







Alunos (as): nº 32, 13, 2703 e 29 Série: 2ª

Tocando em frente  
 Ando devagar porque já tive pressa  
 E levo esse sorriso porque já chorei demais  
 Hoje me sinto mais forte mais feliz,  
 Quem sabe eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei  
 Ou nada sei  
 Conhecer as manhãs e as manhãs  
 O sabor das massas e das maçãs  
 E preciso amor para poder pulsar  
 E preciso paz pra poder sorrir  
 E preciso chuva para florir  
 Penso que cumprir a vida seja simplesmente  
 Compreender a marcha e ir tocando em frente  
 Como um velho boia-deiro levando a boiada  
 Eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu sou  
 Estrada eu vou  
 Todo mundo ama um dia  
 Todo mundo chora um dia  
 A gente chega e no outro vai embora  
 Cada um de nós compõe a sua história  
 E cada ser em si carrega o dom de ser  
 Capaz  
 E ser feliz

1) Dê o significado das palavras abaixo de acordo com o texto:  
 Massas: comida feita com farinha de trigo cozida  
 Pulsar: para poeta viver  
 Florir: bonito, crescer, ser feliz, que a pessoa tem amor, paz, ser feliz  
 Dom: talento, habilidade com seu instrumento  
 Compor: com a vida, um dia, a vida, o futuro

2) De acordo com o texto some a (s) alternativa (s) correta (s)  
 01. Para o poeta, a vida deve ser levada, tocada como uma boiada, pois jamais entendemos a imprevisibilidade de ambas.  
 02. Só é possível ser feliz nesta jornada, depois de um toque de Deus, o velho boia-deiro, que nos impulsiona pela longa estrada.  
 04. Só através do choro individual e de todo mundo, descobrimos o valor de um sorriso.  
 08. Manhãs, maçãs e chuva fazem parte da nossa história, já que não somos donos do nosso destino.

Resposta:  
 08. Segundo o poeta, para intear a vida, é necessário entender o andamento da jornada e continuar vivendo.  
 Resposta:  
 3) Marque V para verdadeiro e F para falso, de acordo com o texto:  
 M) Viver é uma aprendizagem; fruto da observação atenta das alegrias e dos sofrimentos por que passamos.  
 F) Ser feliz é o destino de todos os seres humanos, independentemente das chegadas e das partidas.  
 M) A consciência do significado da vida e o dom da capacidade de construirmos a nossa história podem

nos deixar mais fortes, mais felizes.  
 O poeta tem hoje um sorriso de serenidade, porque nunca levou a vida com ligeireza.  
 M) Para podermos "saborear" a vida, precisamos vivenciar a paz e o amor, entre outros fatores que nos mostram que é possível compormos a nossa história com serenidade.  
 4) Some a (s) correta (s):  
 Há uma comparação explícita no texto: dela depreendemos que, na verdade, o que o poeta vai impelindo:  
 01. É a boiada;  
 02. É o boia-deiro;  
 04. É o sabor das frutas;  
 08. São os dias;  
 08. É o dom da felicidade;  
 Resposta:  
 5) Nos versos: "Quem sabe eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei ou nada sei".  
 O poeta demonstra que hoje é um homem:  
 a) orgulhoso  
 b) sem cultura  
 c) experiente  
 d) humilde  
 e) sem rumo definido  
 6) Como era a vida do poeta no passado? Comprove a sua resposta com um verso da poesia.  
Hoje me sinto mais forte mais feliz, quem sabe eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei ou nada sei  
Hoje me sinto mais forte mais feliz, quem sabe eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei ou nada sei

7) Quais são as coisas necessárias para a vida do poeta?  
Amor, paz e chuva para florir

8) A palavra "chuva" está empregada de forma metafórica na poesia. Qual é o seu real significado de acordo com o contexto da estrofe?  
chuva é tipo um acontecimento da vida dele

9) Para o poeta, o homem é dono do seu destino? Comprove com versos do texto.  
cada um de nós compõe a sua história  
E cada um em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz

### ENGENHEIROS DO HAWAII

Pra ser sincero	Pra ser sincero
Não espero de você	Não espero que você
Mais do que educação	Me perdoe
Beijo sem paixão	Por ter perdido a calma
Crime sem castigo	Por ter vendido a alma
Aperto de mãos	Ao diabo
Apenas bons amigos	
	Um dia desse
	Num desses
	Encontros casuais
	Talvez a gente
	Se encontre
	Talvez a gente
	Encontre explicação
	Um dia desses
	Num desses
	Encontros casuais
	Talvez eu diga
	Minha amiga
	Pra ser sincero
	Prazer em vê-la
	Até mais
Nós dois temos	Nós dois temos
Os mesmos defeitos	Os mesmos defeitos
Sabemos tudo	Sabemos tudo
A nosso respeito	A nosso respeito
Somos suspeitos	Somos suspeitos
De um crime perfeito	De um crime perfeito
Mas crimes perfeitos	Mas crimes perfeitos
Não deixam suspeitos	Nunca deixam suspeitos
Pra ser sincero	
Não espero de você	
Mais do que educação	
Beijo sem paixão	
Crime sem castigo	
Aperto de mãos	
Ainda bons amigos	

55

Características de Siléxia

Colégio Estadual Tiradentes Ensino Fundamental e Médio

Nome: Francielle ap. de Brito Silva nº 19 3ª

POA SER SINCERO - Engenheiros De Brasília

Porque ele fala de cinema sem castigo?  
 Tem trabalhando o cinema, pois que tenta não ser uma trapalha.  
 Por isso fala que o cinema não é uma coisa que a maioria faz,  
 mas que a maioria não entende por isso, mas não sei castigo por  
 não ter sido punido.

Porque ele fala de cinema sem castigo?  
 Ele sabe que se o cinema não é uma coisa que a maioria faz,  
 mas que a maioria não entende por isso, mas não sei castigo por  
 não ter sido punido.

Questões Científicas

OBSERVAÇÃO: O que se quer saber?  
 Um ser sabe a verdade do mundo, quem tem a palavra  
 não tem punição pelo cinema.

Hipótese: Uma possível resposta à pergunta  
 Na música hip hop que podemos ter de música, pois  
 não fala de quem não acredita.

Uma hipótese é que ele tenha ido a uma festa que foi casti-  
 ga de punição e se castiga a outra, mas não sei se é um  
 de fazer ele por isso o cinema não é uma coisa que a maioria

Porque ele sabe que o cinema não é uma coisa que a maioria faz,  
 mas que a maioria não entende por isso, mas não sei castigo por  
 não ter sido punido.

3) Observação - O que se quer saber?  
 R: O cinema tem sido um cinema que não se define  
 mais, ele não é mais o mesmo, ele mudou muito,  
 qual o cinema tem sido, porque ele não é o  
 mesmo, o que acontece quando ele diz que  
 mudou a forma de fazer, porque um cinema  
 não é mais o mesmo, porque ele não é  
 o mesmo, ele não é o mesmo, ele não é o mesmo,  
 os dois possuem um mesmo objetivo.

4) Hipótese - uma possível resposta à pergun-  
 ta.  
 R: O cinema tem sido um cinema que não se define  
 mais, ele não é mais o mesmo, ele mudou muito,  
 qual o cinema tem sido, porque ele não é o  
 mesmo, o que acontece quando ele diz que  
 mudou a forma de fazer, porque um cinema  
 não é mais o mesmo, porque ele não é  
 o mesmo, ele não é o mesmo, ele não é o mesmo,  
 os dois possuem um mesmo objetivo.

COLÉGIO ESTADUAL - TIRADENTES - ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO.

ALUNO (A): Emilly Caroline G. da Silva Nº. 12 3ª A

MARIA, MARIA  
 Maria, Maria  
 É um dom, uma certa magia  
 Uma força que nos alerta,  
 Uma mulher que merece viver e amar  
 Como outra qualquer do planeta.  
 Maria, Maria  
 É o som, é a cor, é o suor,  
 É a dose mais forte e lenta  
 De uma gente que ri quando deve chorar  
 E não vive, apenas aguenta.  
 Mas é preciso ter força,  
 É preciso ter raça,  
 É preciso ter gana sempre,  
 Quem traz no corpo a marca,  
 Maria, Maria  
 Mistura a dor e a alegria,  
 Mas é preciso ter manha,  
 É preciso ter graça,  
 É preciso ter sonho sempre.  
 Quem traz na pele essa marca  
 Possui a estranha mania  
 De ter fé na vida.

ENTENDENDO O TEXTO

1. Identifique as características emocionais ou psicológicas da Maria descrita no texto.
2. A que classe social pertence a Maria descrita no texto? Transcreva o trecho que comprova sua resposta.
3. Quais trechos na música demonstram a necessidade de ter atitude perante as adversidades?
4. Baseando-se no conteúdo do texto, explique o que afirmam esses versos: "Possui a estranha mania / de ter fé na vida".
5. A metáfora é uma figura de linguagem muito usada na linguagem poética. Identifique e transcreva as frases do texto que apresentam essa figura.
- 6) Que pessoas lutadoras e vencedoras a música te faz recordar.

1) Força, dor, alegria, sonho, raça, suor, chorar.  
 2) Maria pertence a classe baixa. "É preciso ter raça, é preciso ter gana sempre, quem traz no corpo a marca..."  
 mania de mulher de mulher esforçada, que batalha sempre pra ter gana, mulher de raça.  
 3) Uma mulher que merece viver e amar; "De uma gente que ri quando deve chorar"; "mistura a dor e a alegria".

COLÉGIO ESTADUAL - TIRADENTES - ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO.

ALUNO (A): Kellen A. Abs Nº. 23 3ª A

MARIA, MARIA  
 Maria, Maria  
 É um dom, uma certa magia  
 Uma força que nos alerta,  
 Uma mulher que merece viver e amar  
 Como outra qualquer do planeta.  
 Maria, Maria  
 É o som, é a cor, é o suor,  
 É a dose mais forte e lenta  
 De uma gente que ri quando deve chorar  
 E não vive, apenas aguenta.  
 Mas é preciso ter força,  
 É preciso ter raça,  
 É preciso ter gana sempre,  
 Quem traz no corpo a marca,  
 Maria, Maria  
 Mistura a dor e a alegria,  
 Mas é preciso ter manha,  
 É preciso ter graça,  
 É preciso ter sonho sempre.  
 Quem traz na pele essa marca  
 Possui a estranha mania  
 De ter fé na vida.

ENTENDENDO O TEXTO

1. Identifique as características emocionais ou psicológicas da Maria descrita no texto.
2. A que classe social pertence a Maria descrita no texto? Transcreva o trecho que comprova sua resposta.
3. Quais trechos na música demonstram a necessidade de ter atitude perante as adversidades?
4. Baseando-se no conteúdo do texto, explique o que afirmam esses versos: "Possui a estranha mania / de ter fé na vida".
5. A metáfora é uma figura de linguagem muito usada na linguagem poética. Identifique e transcreva as frases do texto que apresentam essa figura.
- 6) Que pessoas lutadoras e vencedoras a música te faz recordar.

1) Amor, chorar, alegria, sonho, fé, dor, suor, força.  
 2) A uma classe social baixa, que não vive, apenas aguenta tudo, mas tem algo, tem um lugar onde morar, tudo para sobreviver. "É o som, é a cor, é o suor, é a dor - mas forte e lento".  
 De uma gente que ri quando deve chorar. E não vive, apenas aguenta. Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre, quem traz no corpo a marca".  
 3) "mas é preciso ter manha",  
 "é preciso ter graça",  
 "é preciso ter sonho sempre".